

ESTRADA REAL

Diário de um peregrino



VALDIR LEITE QUEIROZ

A Estrada Real é um lugar por onde passaram vidas e sonhos, riquezas e histórias. Construída no século XVII para levar a riqueza de Minas ao litoral, seu percurso é, literalmente, um passeio pela História do Brasil.

E como toda grande história deve ter um grande cenário, esta é emoldurada por belíssimas paisagens naturais, vias de acesso, pontos de parada, vilas e cidades históricas.

Um caminho onde o passado impulsiona o futuro, já que, ao consumirmos de forma responsável e usarmos de forma racional os recursos naturais ao longo da viagem, fortalecemos as economias locais e geramos mais desenvolvimento e renda.

Um caminho que nos leva ao encontro de nossas raízes. Um caminho para conhecer também um pouco de quem somos.

(Mensagem do Passaporte da Estrada Real)

ESTRADA REAL

Diário de um peregrino



VALDIR LEITE QUEIROZ

ESTRADA REAL

Diário de um peregrino

Goiânia-Go
2023

Copyright © 2023 by Valdir Leite Queiroz

Pedidos: www.clubedeautores.com.br

Contato com Autor: mqm.advogados@gmail.com

Contato com Autor: www.avbbrasil.org.br

Diagramação:

Marcos Diques

mcdiques@hotmail.com

ISBN 978-65-00-68895-5

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Queiroz, Valdir Leite

Estrada real: diário de um peregrino / Valdir Leite Queiroz. – 1ª edição –
Goiânia / Ed. do autor, 2023.

270 p.:

ISBN: 978-65-00-68895-5

I. Experiências – Relatos 2. Memórias 3. Narrativas pessoais 4. Viagens
em bicicleta. I. Título.

23-154724

CDU: 796.64

Índice para catálogo sistemático:

I. Viagens de bicicleta: Narrativas pessoais 796.64

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/ 3129

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2023

“É certo que não passo de
um viajante, um peregrino nesta terra!
Mas e vós, sereis mais?”

(Johann Goethe)



DEDICATÓRIA I

Dedico este livro a todas as crianças. Não somente àquelas de tenra idade mas, também, e principalmente, para aquelas crianças de muita idade. Essas sim, são, também, seres especiais que mesmo depois de carregarem no corpo as marcas do tempo, ainda conseguem manter o brilho no olhar e aquele sopro de leveza no coração que somente as crianças de tenra idade e os “loucos” possuem.

A vida em si, é leve e simples. Os desafios, são inerentes ao ato de viver, e a única diferença entre a leveza e a rudez da vida, é o modo de enfrentar esses desafios. Quanto mais “coisas” agregamos a nossa vida, menos espaço sobra para cultivar momentos vividos. Estes sim, são bens valiosos pois ficarão gravados em nossa mente e nenhum percalço da vida conseguirá tomar de você, o que você viveu.

Seja razoável com o Sr. Destino, não o destrate pelos percalços da vida. Lembre-se de uma criança que antes de aprender a andar, caiu, chorou e levantou-se inúmeras vezes, mas nunca desistiu de aprender a caminhar. **Não desista de aprender a ser feliz. Nunca. Porém, não confunda felicidade com prazer. Prazer, te alimenta o corpo, seus hormônios e as redes sociais. Felicidade, de alimenta a alma.**



DEDICATÓRIA II

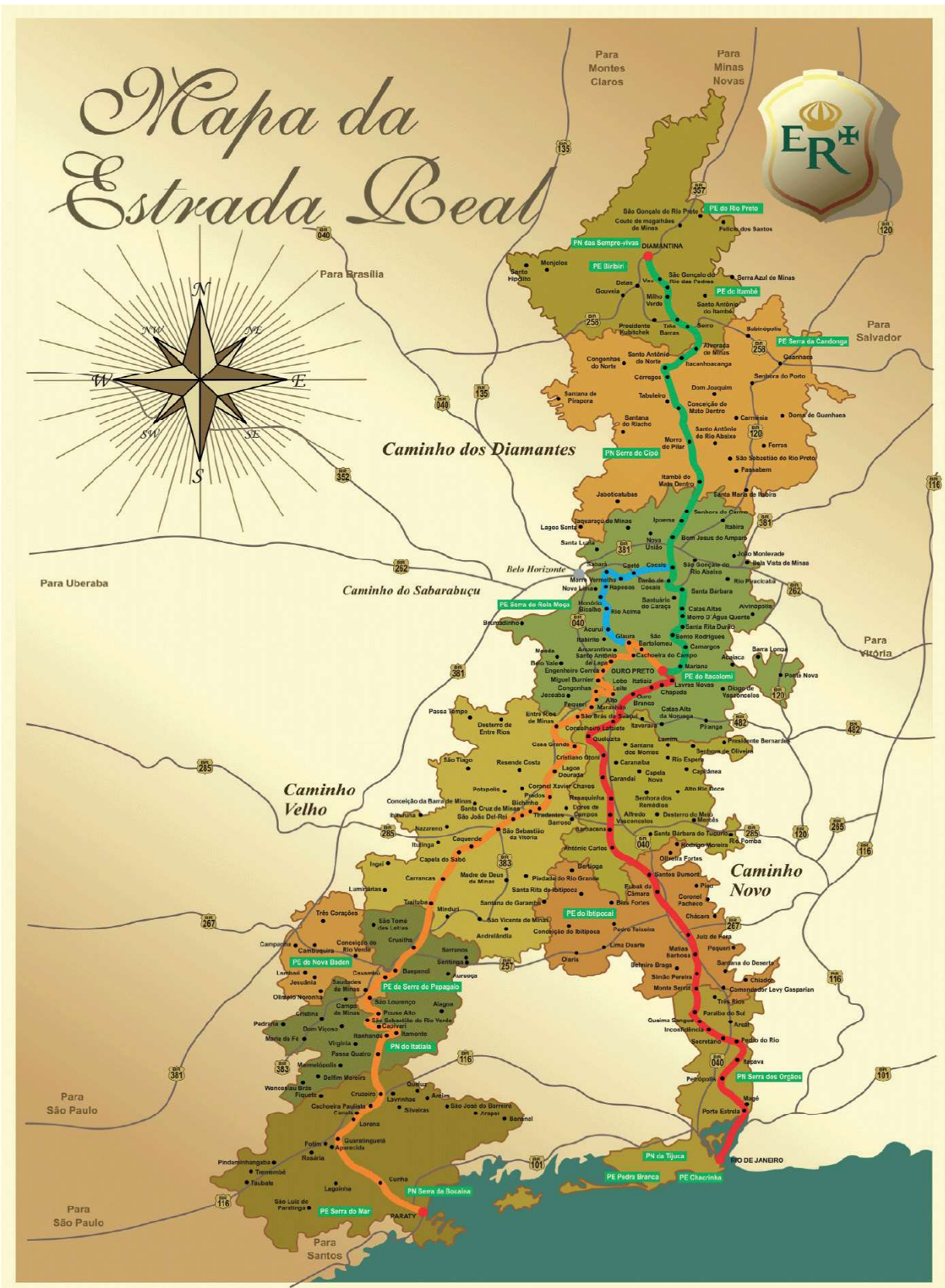
Dedico este livro ao meu filho Hugo e minha nora Juliana que me socorreram, encurtando, literalmente, os dias dessa caminhada/pedalada e, com isso, dando um alento para que eu conseguisse terminar o trajeto no tempo programado.

Dedico este livro, também, ao meu quase companheiro de pedal, da segunda parte dessa jornada, por essa Estrada Real, Gabriel Valverde e a Bel, sua mãe, a D. Isis, sua avó e ainda, ao quase explorador de trilhas, Sr. Odézio. Todos esses, juntamente com minha eterna “Ficante”, Adriana, me agradeceram, por alguns dias, com suas presenças, trazendo um pouco de leveza ao duro cotidiano de pedalar por morros e morros nessa longa e dolorida Estrada Real.

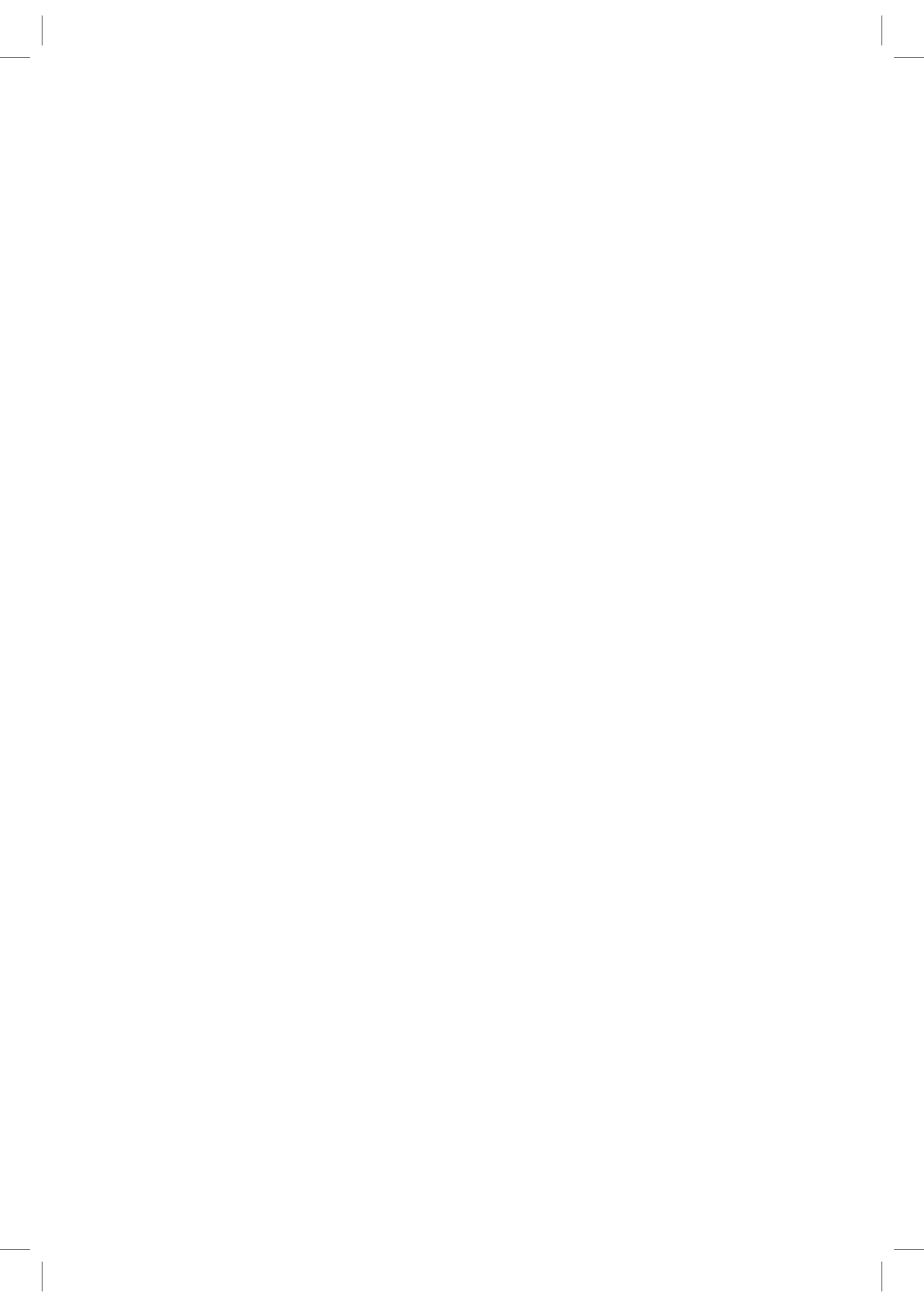
Dedico este livro, ainda, a minha filha Tanyla (Nyla), ao meu genro Túlio e aos meus netos Théo e Lisa. Todos juntos, enfrentaram um desafio, muito maior do que qualquer um dos desafios que já enfrentei em minhas peregrinações e pedaladas: o desafio de mudar de país e iniciar uma nova vida, longe de tudo e de todos, na distância, mas cada vez mais perto do coração. Muito orgulho de todos.

E por último, dedico este livro aos meus quase companheiros de pedalada, na última etapa dessa jornada: Roberto Barros e meu compadre Sebastião Hélio (Paca), que por problemas extracampo, ficaram de fora dessa aventura.





Mapa da Estrada Real – Caminho dos Diamantes – Diamantina/MG. a Ouro Preto/MG. + Caminho Velho – Ouro Preto/MG. a Paraty/RJ. – Total Percurso: 1.200 km





Passaporte da Estrada Real



Sumário

Prefacio	17
O que é a Estrada Real	21
Como nascem os sonhos.....	23
Os preparativos	25
O Primeiro passo	33
Morro X Queijo.....	41
Maria	47
Os Gêmeos.....	49
A perda do pai.	51
A perda do irmão.	55
O Parto.....	56
O Santo e o Carro	59
“Sem Conteúdo?”	65
O Vendedor de Pirulito	69
Che Guevara	83

No Meio do Caminho	89
De Volta pra casa	103
Os Treinos de Bike	111
O Retorno	129
O Astronauta	147
Trinta e Cinco Anos Depois.....	155
No Estaleiro	161
O Milagre	165
Do Lado Errado.....	177
Impeachment de Papa	189
A Onça e o Apito.....	195
Rocamboles.....	207
A Capital do artesanato	215
Os mata-burros	223
A Sopa de Alho	231
Fim da Visita.....	239
Os Donos da Fé.....	245
Baleia.....	255
O Plano “B”	263

Prefacio

Como é difícil falar sobre os sonhos alheios, que moram nos corações de cada um de nós. Pois são muitos sonhos, alguns não são divididos com ninguém. Meu amigo é um sonhador nato, de carteirinha, que tem como um dos seus sonhos prediletos caminhar, conhecer com uma fome incontida tudo que a natureza tem pra oferecer.

Porém, não se contentando só com a caminhada, com toda a sensibilidade poética que possui nos brinda com esse livro que além de descrever a longa caminhada, repleta de boas histórias, e nos faz conhecer os caminhos de Minas Gerais e se sentir em casa. A intimidade que nosso peregrino desenvolveu com os santos e anjos ajudam muito na hora do aperto.

O banho depois de uma caminhada é um prazer de poucos, chega a ser um prêmio. Nosso peregrino tem também a oportunidade de conhecer ou ver de perto os grandes nomes do caminho, que viraram filme. Quem não gostaria de fazer essa caminhada? Há tanto pra se ver, tanto pra contar pros amigos, dividir, compartilhar.

É um livro que requer muito cuidado ao se ler, pois é um livro impregnado de sonhos o que o torna um livro de ser lido várias vezes e depois fechar os olhos para viajar nos sonhos que não realizamos, e que nos levam aos nossos próprios sonhos que muitos de nós não realizamos ao longo do tempo que passou tão rápido. Posso sentir meus pés subindo por uma estrada mineira de altos e baixos como nossas vidas.

É invejável a capacidade que nosso peregrino tem de observar tudo durante os passos sem muita pressa. De um beija flor sugando o néctar de uma flor, a uma milenar pedra que escorre pela inclinada estrada dos sonhos. Não perder um detalhe do caminho, isso me lembra um grande escritor mineiro que via tudo e escrevia sobre tudo que via.

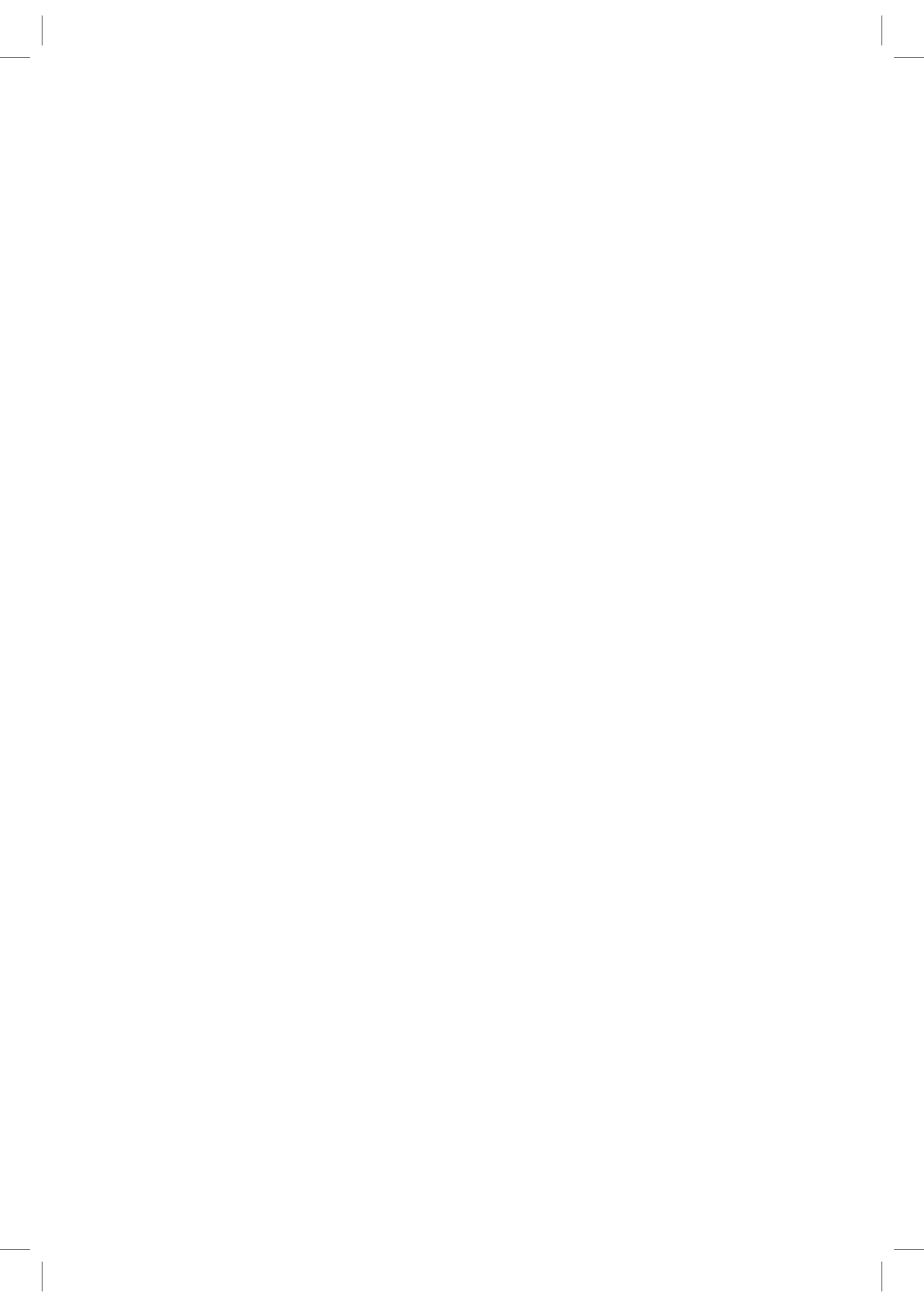
Antes de começar este prefácio, corri lá fora e tentando ver acima do muro da casa, observei as nuvens brancas que vemos todos os dias, e fui fechando os olhos pra ver na imaginação as nuvens que enfeitam a estrada real e os peregrinos que por ali passam. Ah meu irmão, como eu gostaria de compartilhar essa aventura cheia de estradas, pássaros serras súbitas, outros peregrinos de boa prosa. Meus olhos lacrimejam por não ter tido a dádiva de percorrer esses caminhos.

E as histórias? Quantas lembranças cabem na memória do peregrino, cada parada oferece ao leitor histórias cheias da sensibilidade poética. A poesia está

em toda parte nessa estrada no ar, no caminho muitas vezes coberto de pedras. Nas paradas para matar a fome e o cansaço. A forma como tudo é descrito nunca perdendo a poesia que ronda por cada beija flor ou a luz do sol nascendo chamando para mais um dia de caminhada.

Alguém pode perguntar “O que ele ganha com isso?” Ele ganha o privilégio de desfrutar de tanta beleza, mostrando como seria melhor se todos nós pudessemos também caminhar, por serras e pequenos riachos, vendo o amanhecer diferente em cada parada. Não é só uma obra interessante, é uma história de sonhos realizados, que nos inspiram a realizar também os nossos sonhos. Obrigado peregrino! Que Deus continue te convidando para realizar mais sonhos.

Vilmar Barros de Oliveira.



O que é a Estrada Real

Segundo o portal do Instituto da Estrada Real¹, é a maior rota turística do país. São mais de 1.630 quilômetros de extensão, passando por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo. Os Percursos mais tradicionais são dois: o Caminho dos Diamantes que se inicia em Diamantina, Minas Gerais e termina em Ouro Preto, também Minas Gerais. Daí ele segue, já com o nome de Caminho Velho, até Paraty, Rio de Janeiro. Esses dois percursos somam a média de 1.200 km, sendo que cerca de 1.000 km é por trilhas e estradas de terra e somente cerca de 200 km por asfalto.

Hoje, a Estrada Real resgata as tradições do percurso valorizando a identidade e as belezas da região. A sua história surge em meados do século XVII, quando a Coroa Portuguesa decidiu oficializar os caminhos para o trânsito de ouro e diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro. As trilhas que foram delegadas pela realeza ganharam o nome de Estrada Real.

1 Estrada Real (institutoestradaareal.com.br)

Fatos históricos ficaram marcados nessa Estrada. Durante o movimento dos Inconfidentes as estalagens e os pousos foram utilizados por Tiradentes para pregar a liberdade e a independência do Brasil. D. Pedro I também aproveitou para visitar Minas Gerais por este caminho em duas ocasiões: 1822 e 1831.

Três séculos depois, o mesmo caminho por onde foram transportados ouro, diamantes e pedras preciosas de Minas Gerais para o resto do mundo está sendo redescoberto e revitalizado. As mais de 170 cidades de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro possuem um rico acervo histórico, cultural, artístico, gastronômico, rural e religioso. As belezas naturais da região, como serras, cachoeiras, rios e florestas, também integram o patrimônio da Estrada Real.

Hoje, a Estrada Real possui em seu trajeto Patrimônios da Humanidade, como as cidades de Ouro Preto, Diamantina Paraty e o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, em Congonhas. Além disso, estão presentes vários patrimônios naturais e histórico-culturais em nível nacional, estadual e municipal.

Como nascem os sonhos

“Uma vida não basta apenas ser vivida: também precisa ser sonhada”.

(Mario Quintana)

Como nascem os sonhos!?, nascem como as árvores. No início, é apenas uma semente que brota na sua mente como algo quase imperceptível. Se a sua mente for bem adubada e irrigada ele nascerá e alcançará a luz. Ao alcançar a luz, não significa que o seu sonho dará flores e frutos, pois tal qual uma árvore esse sonho precisa ser alimentado.

Infelizmente, muitos dos nossos sonhos, tal qual uma árvore que virou bonsai, eles também viram souvenir, que adoramos exibir, por algum tempo, em nossas rodas mais íntimas. A longa jornada de mutilação de uma árvore para aprisioná-la como bonsai, é idêntico a longa jornada de mutilação dos nossos sonhos até torná-los uma vaga lembrança em nossa mente.

O que nós humanos, ao contrário dos bonsais, não percebemos, é que, a qualquer tempo, se você parar de cortar as raízes do bonsai e dos seus sonhos e colocá-los em um local de muita luz, ambos florescerão, pena que, na maioria das vezes, apenas o bonsai saiba disso.

O sonho de trilhar a Estrada Real nasceu, creio eu, logo após o último passo do Caminho da Fé. Explico: Em 2015, depois de concluir, a pé, os 600 km do Caminho da Fé, saindo de Sertãozinho/SP até Aparecida/SP já comecei a buscar o local da próxima "desova²" e depois de muito matutar, decidi que a próxima "desova" seria na Estrada Real. O objetivo seria percorrer os seus 1.200 km a pé e eu até já tinha escolhido a data, seria nos meses de junho e julho de 2018.

Mas como costumo dizer, eu as vezes esqueço de enviar uma cópia dos meus sonhos para o Senhor Destino. Porém, dessa vez, tenho certeza, eu envie, mas acho que, devido minha caligrafia "torta," o plano do Senhor Destino era um pouco diferente do meu.

2 Para quem não entendeu nada sobre "desova" indico a leitura do Livro "Saúde do Futuro, Fls.14/16" (Caminho da Fé)

Os preparativos

Depois de estudar bem o trajeto com a ajuda do Portal da ³Estrada Real e principalmente com ajuda do posterior amigo, Rafael Rorato, de Concordia, Santa Catarina, que possui um ⁴Portal na internet onde documentou toda sua saga pela Estrada Real, a pé e sozinho, eu fui aprendendo um pouco sobre esse longo trajeto. Até então eu já tinha percorrido a pé três longos percursos, sendo dois deles sozinho, e um na companhia de um grande amigo.

O primeiro longo percurso a pé realizei em 2006 na companhia do querido amigo Beto (Adalberto Alves de Araújo) que nos deixou em 2015 por um vacilo do Senhor Destino. Não, não era hora do meu amigo partir. Narrei toda essa longa caminhada em um ⁵livro. O Segundo longo percurso a pé e sozinho realizei em 2011, e narrei toda essa epopeia em outro ⁶livro. E por último, antes dessa longa Estrada Real, rea-

3 Instituto Estrada Real

4 Caminhando na Real

5 Os Donos do Céu

6 O Libertador de Bonsai

lizei o terceiro longo caminho a pé e sozinho, o Caminho da Fé, onde também narrei toda a peregrinação em outro ⁷livro.

Durante mais de um ano fui montando e aprimorando a planilha do caminho da Estrada Real. Antes de qualquer longa caminhada existe toda uma preparação de estudo do trajeto, verificando a distância entre os locais de pouso para, em função disso, montar toda sua planilha de modo que você caminhe de seis a oito horas por dia. É obvio que nunca as coisas saem como está na planilha, mas ela é sempre o seu Norte.

Apesar da experiência de já ter percorrido 2.100 km a pé, somando as três longas caminhadas que fiz, este percurso da Estrada Real é diferente de todos os outros por três principais motivos. Primeiro porque esse não é um caminho que as pessoas costumam fazê-lo a pé. É bastante raro encontrar relatos de pessoas que fizeram todo esse Caminho a pé. O único relato que encontrei de alguém que trilhou todo o trajeto a pé, De Diamantina/MG. a Paraty/RJ. foi o que já citei, o do meu amigo Rafael Rorato.

A maioria das pessoas que trilham a Estrada Real o fazem de carro 4x4, outra pequena parte o faz de moto, alguns pouquíssimos o fazem de Bike, e raríssimos, adeptos da “desova das tartarugas”, o tentam fazê-lo a pé. Foi o meu caso.

7 Saudade do Futuro

A segunda diferença deste percurso com todos os outros que fiz, é o tipo de sinalização das trilhas e estradas. Enquanto nos três Caminhos que fiz, todos sinalizados pensando no peregrino que faz o caminho a pé ou de Bike, o Caminho da Estrada Real, parece ter sido todo sinalizado pensando nos carros “off road” e motos. O que é compreensível, pois, como já disse, muitos poucos trilham essa Estrada a pé ou de Bike.

Os dois Caminhos de Santiago de Compostela, o que parte de Saint Jean, França, e o que parte de Lisboa, Portugal, são todos sinalizados com a tradicional “Seta Amarela” pintadas em pedras, arvores, cercas e placas a uma curta distância por todo o Caminho. O terceiro Caminho que fiz, o Caminho da Fé, que parte de Sertãozinho/SP., aqui no Brasil, é também todo sinalizado com as “Setas Amarelas”, copiando o Caminho de Santiago de Compostela.

Ao contrário de tudo isso, o Caminho da Estrada Real é sinalizado por “totens” que são marcos de cimento fincados ao chão com 1,6 m de altura colocados a uma distância muito grande um do outro, de modo que, em muitos casos, existem trilhas e bifurcações entre eles dificultando para quem trilha esse Caminho a pé ou de Bike. Ao adentrar nos vilarejos, vilas e cidades, também gera muitas dúvidas.

Depois de meses elaborando o roteiro para trilhar o percurso a pé, e dando tempo para regar bem as

ideias e fazer esse sonho criar raízes suficientemente fortes para enfrentar tempestades, se preciso fosse, esse dia chegou. Estávamos em junho de 2018. Peguei um voo de Goiânia para Belo Horizonte/MG., e na estação rodoviária peguei um ônibus para Diamantina, ponto de partida da Estrada Real.

Na estação rodoviária de Belo Horizonte não pude deixar de recordar as várias vezes em que eu já havia passado por aquele local nos longínquos anos de 1.986 e 1.987, então com 28 anos de idade, morador, na época, de Santa Bárbara e João Monlevade onde exercia a atividade de químico industrial na empresa São Bento Mineração. Foi lá, trabalhando juntos, que sacramentei a amizade com meu grande amigo e compadre Aroldo Martins de Souza, conhecendo a sua esposa Cida e acompanhando o nascimento de suas filhas Thais e Thamires. O sorriso, longo e duradouro, fazia parte do dia a dia do meu amigo Aroldo.

A recordação desse grande amigo era viva e latente em minha cabeça e em meu coração pois ele havia nos deixado, há pouco mais de um mês, de forma inesperada. Certamente o Sr. Destino vacilou e deixou meu amigo partir assim, sem realizar o seu sonho, de pregar a palavra do Senhor em um distante vilarejo do nordeste onde a rudez da vida somente se torna suportável, com a abundância de alimentos para a alma.

Foi uma amizade de mais de 30 anos: em 1.990,

deixei para traz minha profissão de químico industrial e migrei para Goiânia, tornando-se um pequeno empresário onde, então, convidei meu amigo Aroldo, morador das Minas Gerais, para vir morar em Goiás. Trilhamos o caminho de pequenos empresários juntos até meados de 2.002, quando migrei para o Direito e meu amigo foi “chamado”, por sua fé, para o seio de uma igreja evangélica, e, com o tempo tornou-se pastor, passando a pregar a palavra do Senhor.

Nosso último encontro foi em meados de abril de 2.018, um mês antes dele nos deixar, e foi nesse último encontro que ele me falou dos seus planos de partir para um pequeno vilarejo para pregar a palavra do Senhor. Justificou seu desejo dizendo que agora que estava separado de sua segunda esposa, com a qual não tinha filhos, nada mais o impedia de partir e realizar seu sonho, estava apenas aguardando a homologação do seu divórcio do qual eu, como advogado, cuidava.

E enquanto aguardava o horário do meu ônibus que me levaria até Diamantina para o início da minha caminhada e que somente partiria dali a 3 horas, eu fiquei naquela estação rodoviária, rememorando cada momento vivido, por mais de 30 anos, com meu amigo Aroldo. Descanse em paz Amigo.

Depois de 5 horas de ônibus, cheguei já à noite, em Diamantina. Na minha planilha de locais de pouso em Diamantina eu escolhi a Amelia Pousada que fica

próxima a Igreja de Santo Antônio, hoje, Catedral Metropolitana de Diamantina, que é o local de onde se dá o primeiro, dos dois milhões e quatrocentos mil passos necessários para se chegar a Paraty/RJ.

Em todos esses caminhos, já é uma tradição, o uso de um “documento” que alguns chamam de passaporte, para que você o apresente em cada cidade / vilarejo que você passa, você recebe um carimbo que é a prova que você percorreu aquele trecho e passou por aquele local.

O primeiro compromisso ao chegar em Diamantina foi, na manhã seguinte, procurar a Secretaria de Turismo para pegar meu Passaporte da Estrada Real. Não sem antes passar no Café Mineiro, tomar um cafezinho com pães de queijo e prostrar um pouco com a Amália.

O “documento” tem o formato dos passaportes tradicionais com um pequeno mapa e essa breve mensagem resumo da Estrada Real:

A Estrada Real é um lugar por onde passaram vidas e sonhos, riquezas e histórias. Construída no século XVII para levar a riqueza de Minas ao litoral, seu percurso é, literalmente, um passeio pela História do Brasil.

E como toda grande história deve ter um grande cenário, esta é emoldurada por belíssimas paisagens naturais, vias de acesso, pontos de parada, vilas e cidades históricas.

Um caminho onde o passado impulsiona o futuro, já que, ao consumirmos de forma responsável e usarmos de forma racional os recursos naturais ao longo da viagem, fortalecemos as economias locais e geramos mais desenvolvimento e renda.

Um caminho que nos leva ao encontro de nossas raízes. Um caminho para conhecer também um pouco de quem somos.

Depois do passaporte em mãos e seu primeiro carimbo, fiquei dois dias passeando pela cidade e estudando a primeira rota que, pela minha programação, iria até a Pousada Recanto do Vale que ficava a 22 km onde eu pretendia pernoitar conforme meu planejamento de mais de um ano. Ledo engano.

Pelas experiências, em peregrinações anteriores, eu já sabia que o esquema ideal é você não ultrapassar a média de 22 km na primeira semana de caminhada, até seu corpo e principalmente a pele da sola dos seus pés “engrossar” e fortalecer essa pele de bunda de bebê que ganhamos ao longo do tempo, com nossas rotinas de esforço físico zero.

Essa lição, de se esperar a pele da sola dos seus pés, “engrossar”, eu tive que aprender a duras penas quando, na caminhada de 700 km que fiz em 2011, de Lisboa/Portugal a Santiago de Compostela/Espanha. Naquela Caminhada eu tive de parar, por sete dias, quando tive meus pés invadidos por bolhas que, de tão grandes, se juntaram e levaram quase toda a pele dos meus pés. Portanto, toda minha programação já planilhada deixava os percursos maiores para depois dessa primeira semana.

Durante esses dois dias em Diamantina aguardando a hora da partida, visitei alguns lugares buscando informações das ruas que teria de passar visto a enorme quantidade de becos e ruelas que são características básicas de quase todas as cidades históricas, como Diamantina, Patrimônio Cultural da Humanidade.

O Primeiro passo

1ª etapa:

⁸Diamantina/MG / Distrito de Vau/MG
Distância até Paraty/RJ.: 1.200 km

O Portal da Estrada Real descreve assim esse trecho:

“Entre Diamantina e São Gonçalo do Rio das Pedras, a singularidade, mais do que especial, é representada pela própria estrada, toda esta percorrida no alto da Serra do Espinhaço, tornando o belo cominho um local obrigatório para fotos, além disto, o imponente Pico do Itambé acompanha o percurso, sendo um ponto de refe-

-
- 8 **Diamantina:** *Com mais de três séculos de fundação, passando de povoado a arraial até chegar a município, Diamantina é uma cidade rica em história e tradições. Possui um patrimônio arquitetônico, cultural e natural rico e preservado. A formação do município está intrinsecamente ligada à exploração do ouro e do diamante. Em 1938, o conjunto arquitetônico do Centro Histórico da cidade foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, e, no final da década de 90, veio o reconhecimento mundial: Diamantina recebe da Unesco o título de Patrimônio Cultural da Humanidade. Atualmente, Diamantina é uma das cidades históricas mais conhecidas e visitadas do país. O casario colonial, de inspiração barroca; as edificações históricas; as igrejas seculares; a belíssima paisagem natural e uma forte tradição religiosa, folclórica e musical conferem uma singularidade especial à cidade.*

rência de grande beleza. A Gruta do Salitre cuja entrada se localiza próxima ao marco 251 é também um atrativo interessante. No meio do percurso encontra-se o pequeno povoado de Vau.”

Depois de toda esta introdução e da desistência, já esperada, de alguns supostos parceiros para esta empreitada, parti sozinho, rumo ao meu primeiro destino dessa empreitada, ou melhor, não parti sozinho, parti com meus ⁹Companheiros inseparáveis de sempre: Thiaguim, Fatinha e Cidinha.

Nesse trajeto já usei, pela primeira vez, o GPS (Garmin Etrex 10) que me ajudou muito, principalmente na saída das vilas e cidades. O meu destino nesse dia é caminhar 22 km até a Pousada Recanto do Vale, que anteriormente, quando no planejamento dessa viagem eu tinha confirmado, pela internet que a Pousada estava funcionando. Ela não fica em nenhum vilarejo ou vila do caminho, e sim, em uma fazenda/sítio assim como a maioria das pousadas.

Depois de começar a entender a topografia dessas terras mineiras, onde morros e serras brotam na sua frente a cada km, caminhei os 22 km até a Pousada Recanto do Vale já sonhando com um banho e um prato de comida. Ledo Engano.

9 São Thiago, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida.

Depois de rodear, mais de uma vez, toda a Pousada procurando uma porta de entrada aberta, não encontrei nenhuma. Encontrei muitas portas, mas todas fechadas. Bati, chamei, gritei, mas ninguém respondeu. Sentei-me ali ao pé da porta por cerca de uma hora tentando entender o porquê de a Pousada estar fechada, já que na “minha planilha”, preparada, estudada e cronometrada, por mais de um ano, ela deveria estar aberta. Olhei pelas frestas das portas e janelas, e deu para perceber que havia moveis lá dentro, ela não estava abandonada, mas estava fechada.

Peguei minha planilha e fui verificar qual a próxima cidade e/ou vilarejo que teria um lugar para pousar. Era São Gonçalo do Rio Abaixo que ficava a 12 km dali. Caminhando bem eu iria levar umas 3 horas de caminhada para chegar até lá. No entanto, a 6 km havia um pequeno vilarejo de nome Vau, que pelas informações da “minha planilha” não tinha lugar de pouso e nem de comer. O jeito era pôr o pé na estrada novamente, mesmo com muita fome e muito cansaço. E foi o que fiz.

Depois de mais 3 horas de caminhada, por morros, montanhas e morros, avistei um pequeno aglomerado de casas. Era o vilarejo de Vau. Ao ir se aproximando do vilarejo não encontrei nenhuma pessoa, porém, avistei, ao longe, uma placa pregada na lateral de uma casa, que ficava à beira da estrada com os dizeres: “ Bar Zé Braga – Primeiro Gole”. Um pouco ao lado, logo na lateral da estra-

da, avistei, ainda, uma pequena capela. Na medida em que ia me aproximando, pude perceber que a casa da placa tinha uma janela e duas portas, porém todas fechadas. Percebi que na sua lateral tinha uma pequena área coberta que dava acesso a outro cômodo, **que estava aberto** e dava acesso a uma cozinha, humilde, porém toda equipada com uma mesa, fogão, geladeira e uma estante aberta com mantimentos, panelas e talheres brilhando de tão limpos. Mais ao fundo havia uma espécie de barracão de 3 cômodos, todo bem cuidado. Havia ainda muitas plantas e árvores no quintal.

Tudo isso me animou muito, mas onde estava o povo?

– Ô de casa, ô de casa!! Saí a chamar e ninguém respondia. Desci, então a mochila das costas e me sentei em um banco que havia na área lateral coberta. Daí um pouco, aparece o Zé Braga em pessoa já se apresentando com um largo sorriso de acolhida. Expliquei para ele que vinha de Diamantina e pretendia percorrer toda a Estrada Real até Paraty. Porém, o meu plano de pernoitar na Pousada Recanto do Vale não tinha dado certo pois a pousada estava fechada. Ele me explicou que a pousada só funciona nos finais de semana de sexta a domingo e nós estávamos no dia 28 de junho, uma quinta-feira. Portanto, estava explicado o porquê de a Pousada estar fechada.

Como já estava no final da tarde, antes de eu pedir um pouso, ele já se prontificou a me acolher com aquela simpatia já tradicional dos mineiros. Dali ele já foi direto pra cozinha e enquanto me entregava uma chave me falou: Enquanto eu preparo aqui uma comida, pegue essa chave e pode ficar à vontade em um daqueles 2 quartos daquele barracão. Lá eu tomei um banho, tirando a poeira e um pouco do cansaço do corpo.

A sensação de prazer, ao tomar um banho, depois de tão dura caminhada, é algo singular e marcante, e é por isso que esses momentos vividos ficam para sempre gravado em sua mente e você recorda, em detalhes, tudo que foi vivido ali, naquele momento. Talvez isso explique o porquê da maioria das pessoas que fez uma longa caminhada e/ou pedalada, quase sempre volta a fazer outras e outras. Se torna um vício que seu corpo, sua mente e seu coração, com o passar do tempo, te pede e te implora, e por isso, estamos sempre voltando aos caminhos.

Ao chegar à cozinha, depois de banho tomado e espírito renovado, o Zé Braga já estava embrenhado nas panelas preparando a comida, e ali mesmo já iniciamos nossa prosa, que se alongou noite adentro, com minha fome sendo saciada pela comida quente e saborosa e meu espírito, sedento de curiosidade, sendo alimentado pela história daquele vilarejo e de seus moradores. O nome Vau, significa local mais raso de um rio, por onde se pode passar a pé ou a cavalo, e o

vilarejo nasceu as margens do rio Jequitinhonha, sendo ali, no Vau, o lugar mais raso do rio onde passavam bandeirantes e viajantes.

O pai do meu anfitrião, Pedro Braga, é uma lenda do Vau, inspirando o Filme “Os Narradores de Javé”, gravado em 2.003. Esse filme foi ganhador de **3 prêmios** no Festival do Rio, nas seguintes categorias: Melhor Filme– Júri Oficial, Melhor Filme– Júri Popular e Melhor Ator (José Dumont), cujo personagem também foi inspirado em Pedro Braga.

Uma dissertação do ¹⁰Curso de Mestrado em Letras da UFMG, elaborada pelo Mestrando, Josiley Francisco de Souza, narra toda a trajetória de Pedro Braga. Esse pequeno fragmento a seguir, dá uma pequena ideia de quem foi o Sr. Pedro Braga no Vau:

“Pedro Braga era contador de histórias do Vau, povoado do município de Diamantina; nasceu em 1917 e faleceu em 2000. Ele representa um caso particular dentre os contadores de histórias de tradição oral, pois além de contar pela palavra falada, contou também através da escrita.

(...) A escrita de Pedro Braga revela forte relação com a oralidade. Tendo frequentado a escola por cerca apenas de três anos, o contador do Vau não escrevia segundo as regras da gramática do português escrito, mas se orientava pela expressão sonora das palavras.

10 Pedro Braga: Uma Voz no Vau

(...) Houve uma época em que o pequeno Correio do Vau esteve sob ameaça de ser fechado, devido ao fraco movimento das correspondências. Na comunidade, quase ninguém escrevia. Pedro Braga então começou a escrever cartas sistematicamente. Viajantes, antigos moradores... todos aqueles que passavam pelo Vau tornaram-se destinatários do contador, que, com suas cartas, garantiu o movimento das correspondências e impediu o fechamento do Correio.

*(...) Esse episódio da vida de Pedro Braga acabou por inspirar o filme *Narradores de Javé*, realizado pela cineasta paulista Eliane Caffé, lançado em 2004. “A interface entre ficção e realidade acompanhou o processo de feitura do roteiro desde os primeiros momentos. A ideia que inspirou a história foi um fato acontecido no povoado do Vau, distrito da cidade mineira de Diamantina.*

Um morador de lá, funcionário da empresa dos correios, começou a escrever para várias localidades como forma de impedir o fechamento da agência local por falta de movimento. A partir desse motivo real começamos a criar a história ficcional, mas fortemente influenciada pelas viagens de pesquisa que realizamos pelos estados de Minas e Espírito Santo”

(...) “Escrevendo religiosamente, muitas vezes relatando a ilustres desconhecidos as histórias de seu lugar, Braga manteve vivo e ativo o fluxo de correspondências do posto de Vau, único canal de comunicação entre o lugarejo e o mundo lá fora.” ‘Achei incrível essa história’, diz Eliane Caffé, que passou, ela mesma, a se corresponder com Braga.”

A história do agente dos Correios de Vau inspirou a composição do personagem Antônio Biá, figura chave desse longa-metragem de Caffé, ‘Os narradores do Vale de Javé’. O filme tem como tema a memória transmitida pelos contadores de histórias. A história do filme se passa no povoado de Javé, que está prestes a ser inundado devido à construção de uma usina hidrelétrica. Os moradores, então, na tentativa de salvar o lugarejo da inundação, tentam provar que Javé tem importância histórica. Para isto precisam escrever a história do povoado.

Após ser agraciado pela rica história do pai de meu anfitrião, agradei mais uma vez meu amigo pela acolhida e fui dormir. O dia começava a clarear quando acordei após uma noite bem dormida. Com as energias recuperadas, porém, com o corpo dolorido pela longa caminhada do dia anterior, eu estava pronto para mais uma etapa da Estrada. Tomei o café da manhã ali na cozinha com meu ilustre amigo Zé Braga, onde pro-seamos mais um pouco, e então, joguei a mochila nas costas, agradei tão calorosa acolhida e parti.

“ O sofrimento é passageiro.

Desistir é para Sempre.”

(Mensagem do Caminho – Escrito em uma Placa no Café Mineiro – Amália – Centro Histórico– Diamantina/MG.)

Morro X Queijo

2ª etapa:

¹¹Distrito de Vau/MG a Milho Verde/MG
Distância até Paraty/RJ.: 1.172 km

Este trecho é descrito pelo Portal da Estrada Real assim:

“Após deixar o vilarejo do Vau, pelo menos duas paradas são praticamente obrigatórias: O antigo calçamento de pedra utilizado pelos tropeiros e a ponte que corta o Rio Jequitinhonha, datada do século XVIII, que formam, juntamente com a natureza local, belas paisagens. O percurso em si é, em sua maior parte, caracterizado por descidas, o que acaba facilitando para o viajante, principalmente por sua distância de 33 km. De São Gonçalo do Rio das Pedras a Milho Verde, o praticante irá encontrar um trecho longo, com muitas descidas íngreme Um deles, chegando no município de Milho Verde, que surgiu no século XVIII, e promove um apelo bastante histórico, com a presença de um registro, espécie

11 **Vau:** Distrito do Serro, o povoado está localizado às margens do Rio Jequitinhonha, na divisa de Diamantina com Serro. Seu nome é uma referência ao ponto mais raso do rio, que servia de travessia para os viajantes e tropeiros da Estrada Real. (Fonte: Portal do Instituto Estrada Real)

de alfândega que controlava a passagem de pessoas e ajudava a combater o contrabando, além de um turismo bastante organizado, com locais adaptados para acolher o turista de forma bastante agradável, garantindo uma estada perfeita em um local muito charmoso. Ainda em Milho Verde, o praticante encontra uma paisagem deslumbrante: a vista que se tem por trás da Capela do Rosário, com o pano de fundo panorâmico de vales e montanhas da Serra do Espinhaço, além das suas inúmeras cachoeiras, é de tirar o fôlego.”

Os primeiros passos do dia seguinte, à primeira caminhada, são sempre doloridos. É o corpo tentando adaptar-se a uma nova rotina que vem chegando. É um andar um pouco torto, acabrunhado, mas que vai se ajeitando, até que, ali após 1 a 2 km de estrada, você já se moldou em um ritmo constante e contínuo, de modo que, a depender do terreno, você consegue caminhar de 3 a 5 km por hora. A única coisa que tem mais do que queijo em Minas Gerais, é morro, portanto, na maioria das vezes, por essas bandas, você só consegue caminhar a média de 3 km por hora. Meu destino hoje é Milho Verde.

Já olhei meu mapa e a altimetria desse trecho é morro x serra x morro x serra, de modo que devo gastar umas 5 horas para percorrê-lo. Logo após cruzar o rio Jequitinhonha, começa a parte mais íngreme desse trecho. E nesse mundo de morros e serras seus pensamentos ficam livres para navegar pelo caudaloso rio

da minha memória, e de repente memórias de minha adolescência são trazidas à tona...

A Senha

O relógio da madrugada marcava 02:20h da manhã. Eu olhava aquela fila de mais de 100 pessoas a minha frente, dobrando a esquina da rua Senador Jaime com a Avenida Anhanguera, e se sentia feliz. Muito feliz. Sentia que tinha valido a pena ter chegado as 02:00h da manhã, uma hora antes do que da última vez. A fila estava menor. Essa já era a quarta tentativa de pegar essa senha. Por isso, apesar do frio daquela madrugada, última semana de junho de 1.976, eu estava feliz, pois, desde a primeira semana vinha todas as madrugadas das quartas-feiras, lutar por uma senha.

Não, não era uma senha para um show de rock ou para assistir a final de um campeonato de futebol e nem para ter acesso ao camarim de um astro pop. Apesar do gosto pelo rock e dos hormônios efervescentes de todo adolescente, como eu, a busca por essa senha era simplesmente a realidade dando um olá, a um jovem adolescente, trazendo de presente para seus lábios, no canto da boca, um “¹²granuloma piogênico”.

Essa senha lhe dava o direito a uma consulta no único hospital de Goiânia que atendia a população sem co-

12 O granuloma piogênico é uma alteração relativamente comum da pele que provoca o surgimento de uma massa vermelha brilhante com tamanho entre os 2 mm e os 2 cm. Esta alteração da pele é sempre benigna e é possível que o granuloma piogênico apareça em mucosas, como no interior da boca, pálpebras ou lábios. O tratamento pode envolver a realização de cauterização.

brar pelo atendimento. Era o hospital das clínicas de Goiânia, que nada mais era do que um hospital universitário onde os calouros de medicina aprendiam o ofício da sua profissão. Eu, então com 18 anos, recém completados, morava em uma república e estudava o 1º ano do segundo grau no Lyceu de Goiânia. Meus pais, de situação muito humilde, moravam no interior e não tinham a mínima condição de ajudar financeiramente. Portanto, quando recebi a visita, com pedido de moradia permanente, desse “Granuloma Piogênico”, só restou-me lutar pela busca de uma senha para atendimento no Hospital das Clínicas.

Quinze dias depois de conseguir a senha fui atendido em um consultório. Fui colocado deitado em uma maca e ali permaneci por cerca de 40 minutos, sozinho, olhando o teto e imaginando como seria meu divórcio desse “Granuloma Piogênico”. Não senti medo, pois o que eu mais queria era me ver livre desse inquilino. De repente, entrou na sala um senhor, seguido de 12 jovens de jalecos brancos. Eu fiz questão de contá-los, eram 12. Com uma tabuleta nas mãos, um senhor, o professor, começou a dar uma aula, ali, para os jovens de jalecos, utilizando os meus lábios com o seu inquilino, como ilustração da patologia que se estudava. Depois de puxões, nos meus lábios, para um lado e para o outro, de abre boca e fecha boca, de apertos e espremidas nos lábios, por todos os presentes, foi um alívio quando deram o veredito: Tem de cortar e queimar. Pomadinha não adianta, concluiu o professor.

Alguém trouxe os apetrechos, colocou ali ao lado da maca e então o professor falou:

– Não se preocupe, meu jovem, iremos dar uma anestesia local nos seus lábios, aqui ao lado e depois iremos cortá-lo pela raiz e em seguida cauterizar o local.

– É demorado?... Poderei ir embora logo? – Indaguei.

– Não, não é demorado. Umas 2 horas e logo em seguida você poderá ir embora – Respondeu o Professor.

A anestesia foi aplicada nos lábios, no canto da boca, por 2 daqueles 12 jovens. A extirpação do inquilino foi feita, alternadamente, por outros 4, daqueles 12 jovens. E a cauterização, que foi a etapa em que todos se entreolharam, pelo espanto causado pela fumaça que era produzida no contato do cauterizador com a pele e pelo forte cheiro de “churrasco”, foi realizada por outros 2 daqueles 12 jovens.

Apesar de toda apreensão e situações inusitadas, nunca vividas antes por mim, eu estava calmo e feliz, pois, ali terminava, minha angústia de mais de um ano de convivência com esse incômodo inquilino.

Voltemos a Estrada.

Depois de muito caminhar, uma longa rua aparece a minha frente assim que deixei as trilhas da zona rural e adentro o município de Milho Verde. A impressão inicial que eu tive é que as pessoas daquela cidade, por alguma razão desconhecida, só constroem suas moradias do lado esquerdo da rua. Porém, aos poucos,

vai surgindo aqui e acolá umas construções do lado direito da rua e as ruas vão se multiplicado a direita e a esquerda, e depois de uma longa caminhada, chego ao centro da cidade, que tem pequenas praças, jardins impecavelmente limpos e um forte cheiro de infância.

Maria

3ª etapa:

¹³Milho Verde/MG a Serro/MG

Distância até Paraty/RJ.: 1.158 km

O Portal da Estrada Descreve assim, esse trecho:

“Partindo para o povoado de Três Barras, ainda se tem fortes e longas descidas. O caminho termina na cidade do Serro, que surgiu com a vinda dos bandeirantes no século XVII na busca por ouro, tornando a mesma um grande centro econômico e político da capitania de Minas Gerais. Nos dias de hoje, abriga inúmeros casarios e igrejas coloniais, que são os principais atrativos da cidade, além do clima predominantemente tranquilo, oferece ao turista toda comodidade necessária.”

13 Milho Verde: *Situado nas vertentes da Serra do Espinhaço, bem próxima a nascente do Jequitinhonha está Milho Verde. Pequeno distrito de Serro, Milho Verde é um local de povo tranquilo e acolhedor. Lugar de ver a vida passar sem pressa, tomando um banho de cachoeira ou contemplando suas belas paisagens. De respirar o ar puro das montanhas e sentir o cheiro da comida feita no fogão a lenha. De entrar no ritmo de seus habitantes e cumprimentar com um sorriso os que passam pelas ruas. De sentir que a beleza e a simplicidade andam de mãos dadas num lugar mágico. (Fonte: Portal do Distrito de Milho Verde.)*

A estadia em Milho Verde, foi reconfortante e com sabor de infância. A Pousada e Restaurante Moraes possui uma estrutura aconchegante e com uma refeição servida com as panelas sobre o fogão a lenha, trazendo aquele cheiro de infância típico de casa de mãe. O sabor e a abundância da comida nutrem todo seu corpo e até dá uma leveza na alma, mesmo depois de uma longa caminhada de mais de 8 horas. Depois de um café coado, diretamente do bule e ainda aquecido sobre a fornalha do fogão a lenha, só me resta debruçar sobre a janela lateral do salão do restaurante e apreciar uma acirrada disputa de bolinha de gude entre dois garotos.

No outro dia bem cedo, já estou no caminho em direção a Serro. É um longo trecho até Serro e a cada passo que eu dou é algo novo que se descortina a minha frente, mesmo porque, está é a primeira vez na minha vida que eu passo por essas paragens e como esse passar é lento, onde cada passo tem que ser dado com o meu próprio esforço e suor, eu absorvo cada pedaço dessa estrada com todos os meus sentidos.

São as minhas narinas absorvendo o aroma do mato molhado pelo orvalho da noite, é o meu olhar flagrando um pequeno beija-flor sugando o néctar daquela flor da beira de estrada, é a leve brisa esvoaçando meus cabelos e acariciando minha face, é o som dos pássaros que penetra nos meus ouvidos em forma de melodia e me faz caminhar mais leve e para completar o uso

pleno dos meus cinco sentidos, um pé de ingazeiro, na beira da estrada delicia meu paladar.

A ciência já provou, que quanto você utiliza mais de um sentido para gravar os momentos vividos, mais profunda fica essa marca em sua mente. É por isso, que nessas longas caminhadas e/ou pedaladas que a pessoa faz, tudo que você viveu impregna sua alma e você mantém viva essas memórias, pois você exercitou e viveu plenamente com todos os seus cinco sentidos. A prova mais cabal dessa experiência é que as pessoas que você conhece nessas aventuras, se tornam eternas.

E assim, de passo a passo, vou deixando as marcas do meu caminhar nessas estradas de terra e de trilhas singelas. Meus pensamentos, sem encontrar obstáculos de buzinas, telefones, sirenes, boletos, redes sociais e prazos processuais, singelamente, vagueiam por minha infância...

Os Gêmeos

Aquela barriga de Maria, não era barriga de uma criança só, dizia a parteira, D. Diolina, para o esposo Francisco e para toda vizinhança. Corria o mês de dezembro de 1.957 e Maria, que já cuidava de três filhos, em escadinha, 2, 4 e 6 anos, já sentia o peso dos afazeres do dia. Morava numa casa de pau a pique com chão de terra batida, e luz só de lamparina, porém, com um quintal grande onde plantavam mandioca que transformava em farinha e polvilho. Fazia quase tudo sozinha, já era acos-

tumada, pois desde os 6 anos de idade já trabalhava nas chamadas “casas de farinha” de sua terra natal, Martins, Rio Grande do Norte, onde se produzia farinha e polvilho. Além do trabalho duro nas casas de farinha, o seu DNA já incorporava a dureza das secas do Nordeste, pois já tinha perdido o pai para uma das grandes secas da região. O tempo passou, e agora no vilarejo de Jussara/GO, já com 3 filhos e esperando mais 1 ou 2, Maria era feliz. Trabalhar, nunca foi peso para Maria. Aprendera a labuta do dia a dia desde a infância juntamente com os 5 irmãos, o pai e a mãe.

¹⁴ Nota do Autor: As sucessivas secas no Nordeste brasileiro incentivavam uma enorme migração de retirantes e geraram medidas extremas, como a construção de campos de concentração. Um dos maiores problemas que região Nordeste do Brasil teve que enfrentar desde as épocas mais remotas foi a seca. Os longos períodos de seca que assolaram a região nordestina brasileira provocaram a ruína de várias culturas agrícolas e criações de animais, bem como ceifaram a vida de milhares de pessoas. Alguns historiadores, como Marco Antônio Villa, ressaltam que os registros dos danos provocados pela escassez de água no Nordeste remontam às primeiras décadas da colonização, especificamente o ano de 1552.

¹⁴ Fonte: [Secas do Nordeste. Consequências das secas do Nordeste– Brasil Escola \(uol.com.br\)](http://www.uol.com.br)

Na época do Segundo Império, em 1877, registrou-se uma das maiores devastações provocadas pela seca no sertão nordestino. Por outro lado, O surgimento do ciclo da borracha no Amazonas transformou-se em grande polo de atração para as populações rurais do Nordeste. Migrar para a Amazônia nos anos de seca já se tornara constante na história nordestina. Alguns donos de seringais se deslocavam até o Nordeste, com o objetivo de recrutar trabalhadores para os seringais, propagando serem elevadas as quantias pagas a eles que, ao desembarcarem em Manaus e Belém, eram logo levados para as zonas produtoras do látex. No período de 1890 até 1910, o contingente de pessoas saídas para a Amazônia (SOUZA; op. cit.), não teria sido inferior a meio milhão. Vale ressaltar que foi o trabalho destes migrantes que elevou a produção da borracha em 40% do total da exportação brasileira já em 1910.

A perda do pai.

Corria o ano de 1.925 e a seca mais uma vez vinha se avizinando desde o ano anterior. O pai de Maria, José Lopes da Silva, então com pouco mais de 30 anos, vendo os filhos passarem fome e sede e escorraçado pela dura seca, decidiu partir para o Amazonas, pois era de lá que chegavam notícias de muita chuva, muito verde e muita fartura. Embarcou em um navio do porto de Fortaleza para o porto de Manaus em busca da chuva, do verde e

da fartura. Mas nunca voltou e nem notícias enviou. Até hoje não se sabe se encontrou fartura, ou se foi encontrado pela malária e/ou outras doenças típicas da região que dizimavam grade parte dos retirantes

Desde então, Maria tem na lembrança esta despedida sem volta. Era uma criança, tinha apenas 7 anos quando o pai partiu. Mas nunca esqueceu o abraço apertado do pai e o choro doído quando foi obrigada a desenrolar os seus braços raquíticos do pescoço do pai. A lembrança do pai, embora cada vez mais distante, sempre voltava nas memórias de Maria. Apesar da pouca idade mantinha a esperança de um dia voltar a se dependurar no pescoço do pai, como sempre fazia, pois durante toda a infância e adolescência ouvia sua mãe falar que seu pai ia voltar e trazer muita fartura para toda família.

E agora, casada, mãe de família e tão distante, ainda pensava no pai e no irmão, que tinha partido em busca do pai 15 anos depois. O pai e o irmão estariam vivos? Estariam bem? Teriam morrido atacado por onças, teriam morrido por alguma doença? Eram perguntas sem respostas que sempre retornavam a sua mente. Aquela lembrança e a incerteza do paradeiro do pai e do irmão, foi uma marca eterna na mente e coração de Maria.

Nota do Autor: A seca, daquelas distantes décadas de 30 e de 40, obrigava milhares de flagelados a partirem dos pequenos vilarejos para as capitais. Para impedir que esses flagelados chegassem até as capitais,

o Governo de Getúlio Vargas criou campos de concentração, pois a seca gerou grande carestia, e o risco de saque em estabelecimentos comerciais era constante, razão pela qual os flagelados não podiam sair da área onde estavam confinados e permaneciam guardados por soldados armados, nesses campos de concentração.

Nesses campos, apenas as pessoas que quisessem migrar para a Amazônia para ser um “soldado da borracha”, conseguiam liberação para tomarem um trem e seguirem para Fortaleza. Chegando lá, eram levadas diretamente para o porto e ali embarcavam em navios para a Amazônia.

“... um amplo programa de criação de campos de concentração, em que os retirantes fossem induzidos a entrar e proibidos de sair, foi implementado com total apoio da Interventoria Federal no Ceará. A fim de prevenir a “afluência tumultuária” de retirantes famintos a Fortaleza, cinco campos localizavam-se nas proximidades das principais vias de acesso à capital, atraindo os agricultores que perdiam suas colheitas e se viam à mercê da caridade pública ou privada. Dois campos menores situavam-se em locais estratégicos de Fortaleza, conectados às estações de trem que traziam os famintos, impedindo que eles circulassem livremente pelos espaços da capital.”

Uma vez dentro do campo, o retirante era obrigado não só a permanecer nele durante todo o período considerado de seca, mas deveria submeter-se a condições de moradia, relacionamento, trabalho e comportamento regulados pelas normas irredutíveis ditas pelos dirigentes indicados pelo interventor prefeitos nomeados e engenheiros do ¹⁵IFOCS. Os campos, portanto, pretendiam impedir a mobilidade física e política dos retirantes através da concessão de rações diárias e de assistência médica.

O controle dessa imensa população o maior campo, na cidade do Crato, chegou a abrigar quase 60 mil pessoas e representou um gigantesco esforço de organização, que tinha seu contraponto nas ações violentas das multidões de retirantes que ameaçavam tomar em suas mãos a resolução de suas aflições¹⁶”.

(...) “Sertanejos brasileiros, a maioria flagelados da seca, seguem para a Amazônia.

Eles passam fome, sofrem com a malária e outras doenças, muitos em condições tão degradantes como as da escravidão. Dos 60

15 Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS)

16 Fonte: *Getúlio e a seca: políticas emergenciais na era Vargas*— Frederico de Castro Neves— Universidade Federal do Ceará.

mil recrutados, metade nunca mais regressaria. Depois que o Japão bloqueou para os Estados Unidos o fornecimento da borracha do Sudeste Asiático, em 1.942, na 2ª guerra mundial, o Brasil e Estados Unidos firmaram acordo para aumentar drasticamente a produção da borracha amazônica no menor tempo possível. O governo norte-americano assumiu o financiamento, e o brasileiro se encarregou de arregimentar a mão de obra. Para tanto, criou o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (Sema), cujo alvo principal eram os flagelados da seca que assolava o Nordeste. A propaganda oficial apresentava a Amazônia como a terra da fartura, onde a floresta era sempre verde, e a seca, inexistente. Dos 60 mil recrutados, metade desapareceria na selva e nunca mais regressaria¹⁷.

A perda do irmão.

Foi nesse cenário que em 1.940, o irmão de Maria, fugindo da seca, dos campos de concentração, onde foi prisioneiro, e ainda sonhando em reencontrar o pai, partiu, tal qual o pai, que tinha partido 15 anos antes, em um navio para o Amazonas. Porém, agora, além da necessidade de matar a fome, ia ser um “Soldado da Borracha “ajudando”

17 Fonte: Portal memorialdademocracia.com.br.

seu país na Segunda Guerra Mundial. Nunca mais deu notícias e nem voltou. Sua existência, assim como a de seu pai, ficou perdida no tempo, menos na memória de Maria.

O Parto

– Essas crianças vão nascer até março, não passa do dia do Senhor São José. Disse a parteira Diolina examinando a sua barriga, na visita mensal que fazia. Corria o mês de janeiro de 1.958.

– E tomara que seja dois, vão me ajudar na lida da farinha. Respondeu Maria.

A parteira Diolina tinha razão, em meados de março, antes do dia do Senhor São José, Maria começou a sentir as dores do parto.

Diolina estava apreensiva, pois, apesar de sua larga experiência como parteira, ainda não tinha realizado nenhum parto de gêmeos e a sua experiência e intuição indicava que aquele não seria o parto de um só. Por precaução, chamou a sua comadre Zilá para ajudar no parto, pois naquele distante vilarejo de pouco mais de mil habitantes, no distante ano de 1.958, médico só vinha uma vez por mês e não cuidava de nascimento de criança, isso era coisa de parteira.

Maria adentrou a madrugada do dia 15 de março ainda com as dores do parto, somente ao clarear do dia, nasceu uma criança. Era uma criança bem “alvinha” (clara) e muito grande, o que fez a parteira Diolina pensar, por alguns instantes que tinha se enganado quanto a serem dois bebês. Mas logo ela percebeu que havia outro bebê,

que embora raquítico, logo nasceu e chorou aspirando o ar e oxigenando os pulmões com o sopro da vida. Sim, a parteira tinha razão, eram gêmeos. Porém, gêmeos que pareciam terem nascidos de duas mães completamente diferentes. Um bebê era grande e de pele bem clara, o outro, era raquítico e de pele morena.

O olhar feliz, e ao mesmo tempo aflito de Maria para os seus dois bebês, era justificado pela crença da época, de que quando nascem gêmeos, apenas um vinga, e aquela diferença tão grande entre os dois gêmeos, um tão forte, o outro tão raquítico, parecia já indicar o destino de um deles e comprovar aquela crença da época. Ao Bebê mais forte ela deu o nome de Valdecir, ao raquítico, deu o nome de Valdir.

No segundo mês de vida dos gêmeos, a crença da época se concretizou, um dos bebês veio a falecer. Naqueles tempos a doença que tirava a vida dos bebês era “vento no umbigo”, esse foi o diagnostico dado pela parteira Dona Diolina. A crença da época se concretizou, levando a vida de um dos bebês. Porém, ao contrário do que todos imaginavam, foi o bebê raquítico que sobreviveu e hoje escreve essa história, não sozinho, mas guiado pelo meu irmão de luz, que nasceu junto comigo e virou anjo, sendo chamado mais cedo para seguir o ¹⁸caminho que todos nós um dia seguiremos.

18 Nota do Autor: Maria faleceu em 2.002 com 84 anos. Tem um único irmão vivo, Pedro Lopes da Silva, nascido em 1.915. Completou 108 anos em fevereiro/2023. Está lúcido, enxerga e ouve bem. Faz caminhada 4 vezes ao dia. Não usa óculos, não usa aparelho auditivo. Não usa nenhum medicamento. “Teve seu DNA forjado a ferro e fogo”.

Voltemos a Estrada.

Já depois do Vilarejo de três Barras, o som estridente do piar de uma curicaca me trouxe de volta ao caminho. O sol a pino, a fina poeira e a pouca sombra vão sugando as minhas energias e o caminho parece cada vez mais comprido. A mochila de hidratação que foi abastecida com 2 litros de água, lá no início, apesar de cada vez mais vazia, parece pesar cada vez mais. É o resultado do desgaste natural das minhas energias em cada subida dessa estrada. Já estou caminhando a mais de seis horas e ainda há muito chão pela frente.

No horizonte, desde a saída de Milho Verde, ainda avisto a serra do espinhaço que é considerada a única Cordilheira do Brasil, estendendo-se da Serra de Ouro Branco, em Minas Gerais, até a Chapada Diamantina, na Bahia.

O Santo e o Carro

4ª etapa:

19 Serro/MG a Alvorada de Minas

Distância até Paraty/RJ.: 1.127 km

O Portal da Estrada Real descreve assim, esse trecho:

Esse trecho é em estrada asfaltada, sendo assim, cabe ao viajante uma atenção especial devido ao aumento do fluxo de veículos automotores. O trecho é caracterizado por subidas e descidas mais leves e é contemplado por uma paisagem de grande beleza, onde se é possível observar longos campos abertos mesclados com montanhas ao fundo. Já na parte final, o turista chega em Alvorada de Minas, onde en-

19 Serro: *Com uma arquitetura tipicamente colonial, Serro chama a atenção tanto de pesquisadores quanto de leigos interessados em história. A cidade, também chamada de Terra do Queijo, devido à produção do famoso Queijo do Serro, se localiza na região centro-nordeste de Minas Gerais, na Serra do Espinhaço e fica a 230 km de Belo Horizonte. Para os amantes do turismo histórico e ecológico, o município é um prato cheio, pois possui um belo acervo, desde museus a festas típicas, todas banhadas com a deliciosa culinária local. Serro também faz parte do Circuito dos Diamantes, dentro do roteiro de Turismo Rural, onde os visitantes podem passear pelas antigas fazendas de produção de queijo e da cachaça mineiro.*

contra atrativos religiosos e históricos, caracterizados principalmente por suas belas igrejas, com destaque para a Igreja dos Passos, que abriga importantes obras sacras.

Por volta das 16:00h, já estou caminhando pelas ruas de Serro em busca de um albergue, pensão ou algo parecido. Pela minha planilha, a estadia seria na Pousada Mariana, porém ao chegar na pousada não havia mais vaga pois estava havendo as festividades da igreja e estávamos em um sábado, final de semana, onde geralmente os hotéis ficam lotados. Depois de perambular por vários hotéis, pousadas e especular muito, encontrei um pouso em uma pequena pensão. Era só o pouso, porém, havia um restaurante bem próximo em uma rua lateral muito curta e íngreme, onde eu pretendia pegar o boião. O restaurante ficava lá embaixo, no final da rua e quase perdi a fome quando me imaginei tendo que escalar aquele “subidão” de volta.

Por outro lado, a minha fome travava uma luta ferrenha com o meu cansaço. O argumento da minha fome era que, na volta, mesmo tendo de escalar o paredão, eu estaria de barriga cheia e com muita energia armazenada. Por outro lado, o argumento do meu cansaço era que, na volta estando de barriga cheia e fazendo tanto esforço para escalar o “subidão”, eu podia ter um “treco”. No final da discussão, a fome venceu.

Serro é uma cidade histórica muito bonita com seus casarões e construções antigas com ruas calçadas de pedras. O queijo de Serro é muito conhecido e de ótima qualidade. Tive oportunidade de conhecer uma exposição, com degustação, dos Produtores de Queijo Artesanal do Serro em uma das barraquinhas da festa da igreja. Aproveitei para fazer uma pequena matula de fatias de queijos com umas fatias de rapadura, também fabricadas na região, que eu já tinha pegado em outra barraquinha da festa. Queijo e rapadura iriam repor minhas energias na longa caminhada do dia seguinte até Alvorada de Minas.

Outra espécie de tradição dessas pequenas cidades mineiras é a fé do seu povo que se traduz em festas religiosas quase o ano todo. Logicamente toda cidade tem aquela festa mais tradicional e imperdível para os moradores da cidade e região. A festa do Rosário em Serro é a principal festa da região e no dia em cheguei em Serro, 1º de julho de 2018, a cidade estava em plena festa. Isso explica a dificuldade que eu tive em arrumar um pouso nessa cidade.

Por volta das 20h eu já estava deitado depois de ter visitado quase todas as barracas da festa da igreja. Antes dei uma revisada na minha planilha estudando o roteiro do dia seguinte. É nessas horas, que antecede o sono, que nossa mente monta em um cavalo arisco chamado pensamento e sai pelo mundo afora revisitando os acontecimentos da vida da

gente. E logo me vejo passeando pelas barraquinhas da festa e me vem à mente a grande quantidade de barraquinhas de santos que havia na festa. Tinha imagem de todos os tamanhos e do santo que você quisesse. Isso explica a enorme fé desse povo e a grandeza da festa.

E de repente, esse cavalo chamado pensamento, dá um pinote pra outra banda e já me vejo em Tiradentes/MG, anos atrás, comprando santos em toda lojinha que minha namorada, Adriana, entrava.

Depois de comprar todos os santos da cidade e inflacionar o mercado de santos da região, resolvemos procurar um restaurante para almoçar, antes, porém, passamos no nosso carro que estava estacionado em uma praça e guardamos aquela legião de santos no banco detrás do carro, pois o porta-malas já estava cheio de sacolas e santos. Depois, saímos para almoçar.

Quando chegamos no restaurante, minha namorada perguntou:

– Você trancou o carro?

– Não, não tranquei, esqueci! Respondi.

– Como esqueceu? Tem de ir lá trancar, o carro está cheio de compras e malas e alguém pode roubar!

– Como roubar? Com aquele monte de santo vigiando o carro, quem ousará roubar? Onde está sua fé?

– ...

Almoçamos tranquilo e nada foi roubado, os santos cumpriram a sua missão.

É esse cavalo arisco, chamado pensamento, continua pinotando em minha mente, até que eu pego no sono. Acordo no dia seguinte com o som do meu relógio de pulso avisando que é hora de levantar-se, arrumar a mochila e partir rumo a Alvorada de Minas.

É uma caminhada relativamente tranquila e curta, são apenas 18 km. Chego em Alvorada de Minas antes do meio-dia e aproveito para conhecer a cidade. No final da tarde e início da noite já estou me preparando para a próxima etapa.



“Sem Conteúdo?”

5ª etapa:

²⁰ Alvorada de Minas a Itapanhoacanga
Distância até Paraty/RJ.: 1.110 km

O Portal da Estrada Real na internet, descreve assim, esse trecho:

“Logo no início do trecho o viajante se depara com uma subida relativamente íngreme de aproximadamente 2km, contudo, a paisagem que o espera ao final é compensatória, pois de lá é possível avistar, ao fundo, a Serra do Espinhaço e os povoados de Capelinha e Mato Grosso, consideradas paradas valiosas àqueles que se interessam por curiosidades, já que Capelinha só é povoada durante o Jubileu, ficando os outros dias completamente fantasma.”

20 **Alvorada de Minas:** O povoado era denominado Rio do Peixe estando ligada às atividades mineradoras do Serro Frio. A antiga povoação foi elevada a distrito em 1836 e depois, elevado à freguesia em 1841, tendo como primeiro vigário o Padre Silvério Teixeira Coelho. A paróquia foi construída em 1846 e restaurada em 1857. Rio do Peixe foi progredindo lentamente e em 1962 foi emancipada, desmembrando-se do Serro e tornando-se sede de município, com a atual denominação de Alvorada de Minas. Por lá transitaram governadores, tropas, garimpeiros e tropeiros, além de viajantes como John Mawe, em 1808, e Saint-Hilaire, em 1816, entre vários outros pesquisadores.

A paisagem do alto da serra se mantém até a entrada pra Itapanhoacanga, acompanhando e oferecendo ao turista paisagens paradisíacas. O caminho muda logo após a entrada para o distrito de Itapanhoacanga, tanto no quesito de estrada quanto de paisagem. O trecho é contemplado por uma fascinante mata bastante fechada e algumas fazendas centenárias de estilo colonial. Já próximo do marco 312, conhecido como Duas Pontes, é quase obrigatório fazer uma parada para apreciar a deslumbrante paisagem.

O percurso termina no distrito de Itapanhoacanga, que tem cerca de 1.700 moradores. O acolhedor local surgiu no século XVIII, a partir da exploração do ouro, entrando em declínio após seu esgotamento. Nos dias de hoje, o distrito tem muita história pra contar, principalmente aquelas relacionadas ao antigo período de riquezas da região e que se complementam pelas formosas igrejas, como a Igreja do Rosário e a de São José (tombada pelo IPHAN), na qual apresentam painéis em estilo rococó que são considerados umas das mais importantes obras da pintura colonial mineira.

Já na caminhada rumo a Itapanhoacanga, vou meio receoso pensando se vou ou não encontrar pouso e comida. Isso porque ao consultar o Portal da Estrada Real na internet, Itapanhoacanga parece não existir. Porém, depois de lá chegar sou acolhido como rei.

A verdade é que o Portal de Estada Real, que é o

guia oficial de quem se propõe a trilhar esta Estrada, comete uma grande injustiça com esse distrito e com o Bil, dono da única Pousada de Itapanhoacanga e que é um entusiasta ferrenho dos Caminhos da Estrada Real. Explico: No Portal da Estrada Real, logo na página principal, existe uma aba de busca onde você digita o nome da cidade na qual você vai passar e abre-se uma outra página com todas as informações sobre a cidade. Essa outra aba é dividida em três tópicos: 1) O que fazer nessa cidade? 2) Onde ficar nessa cidade ? 3) O que comer nessa?

Na Aba de Itapanhoacanga, para a primeira pergunta, o que fazer nessa Cidade? a resposta está lá em letras garrafais: “Sem conteúdo”; para a segunda pergunta, onde ficar nessa cidade?: novamente está lá, também em letras garrafais: “Sem conteúdo” e para a terceira pergunta, o que comer nesta cidade? Idem, em letras garrafais: “Sem conteúdo”. Ora, ora, o que fazer nessa Cidade? Existe algo melhor do que uma longa prosa, regada a pão de queijo, rapadura e café coado, entremeada com longas histórias da região, contadas por quem viveu essas histórias? Não, não existe, e isso só encontrei em Itapanhoacanga com o anfitrião Bil.

Ora, ora, onde ficar nessa Cidade? Existe lugar melhor para você ficar do que um lugar onde você é tratado como um rei e ao mesmo tempo como um filho? Não, não existe, e esse lugar eu encontrei na Pousada

do Bil em Itapanhoacanga. Ora, ora, o que comer nessa Cidade? Existe comida melhor do que aquela comida típica caipira mineira que você pode comer usando, também, as mãos? Não, não existe.

Pelo Portal oficial da Estrada Real, Itapanhoacanga seria uma daquelas cidades que não valeria a pena você passar nem para dar um bom dia, no entanto, foi lá que encontrei muita ternura, amizade, hospitalidade e aquela prosa comprida onde o tempo se torna curto.

Depois de totalmente recuperado da caminhada e com o corpo e alma nutridos, pela prazerosa estadia na Pousada do Bil, é hora de pegar a planilha, as anotações e recapitular o planejamento da caminhada do dia seguinte.

O Vendedor de Pirulito

6ª etapa:

²¹ Itapanhoacanga a Córregos

Distância até Paraty/RJ.: 1.086 km

O portal da Estrada Real assim descreve esse trecho:

Durante sua travessia o viajante encontrará inúmeras subidas em terreno de cascalho, porém, sendo estas intercaladas com pequenas descidas ou retas, permanecendo desta forma por 10 Km. A partir deste ponto, o trecho passa a apresentar descidas íngremes com características bastantes técnicas, principalmente durante os primeiros quilômetros, necessitando de uma atenção

-
- 21 **Itapanhoacanga:** O povoado que pertencia ao antigo distrito do Serro do Frio, passou a pertencer ao município de Alvorada de Minas em 1962. Por muito tempo foi o antigo Caminho dos Diamantes e da Estrada Real, que ligava o Serro a Ouro Preto. Assim como nos séculos XVIII e XIX, a região de Alvorada de Minas, sobretudo em seu distrito de Itapanhoacanga, volta a ser o centro de extrativismo mineral, com exploração de jazidas de minério de ferro. O distrito foi um dos mais ricos garimpos de ouro do Serro Frio. A Igreja de São José, tombada pelo IPHAN é um importante exemplar da arte barroca. Outro importante exemplar barroco é a Igreja de N. S. do Rosário, também com pinturas, provavelmente do mesmo Manuel Antônio da Fonseca e de algum discípulo do Mestre Ataíde. (Fonte: Portal Estrada Real)

maior principalmente em períodos de chuva. Todo o esforço das subidas é compensado com as paisagens deslumbrantes desse trecho, pois durante quase toda parte do percurso, é possível ter uma visão de 360º, com destaque para a Serra do Caraça, Serra do Intendente e a de São José, garantindo fotografias inesquecíveis, principalmente no marco 324, por se tratar do final de uma de subida maior, oferecendo um excelente ponto de observação da paisagem, além de servir como boa opção para descanso. O fim da descida, e do trecho, se dá no povoado Santo Antônio do Norte, também conhecido como Tapera, e que conta como principais atrativos a Igreja de Santo Antônio e a Capela de Sant' Ana de Tapera, além de belas cachoeiras.

Por se tratar de um trecho relativamente longo o percurso é carregado de diferentes características com muitas retas além de descidas e subidas leves. Os últimos 10 Km é realizado na MG-10, indicando ao praticante atenção redobrada no grande fluxo de carro, o que não atrapalha nas belas paisagens do trecho todo, além das curiosas criações de búfalo presentes durante parte do percurso. Chegando ao Km 10, o pequeno povoado de Córregos marca presença com as belas igrejas do século XVIII, ano de sua fundação, como a Igreja Matriz Nossa Senhora da Aparecida e a Capela dos Passos, que dão uma bela vista para a cidade, além dos singelos casarões coloniais que completam o charmoso lugarejo.

Repetindo as rotinas das etapas anteriores, ao clarear do dia, depois da mochila nas costas, já estou caminhando rumo a Córregos. É um dia de céu nublado com muitas nuvens, um vento suave, trovões ao longe, porém sem chuvas, o que ajuda na caminhada. Uma coruja, no mourão de uma cerca ao lado da estrada, chama minha atenção e percebo que ela vigia o seu ninho, logo abaixo, em um buraco ao lado do pé do mourão.

A 15 km está o distrito de ²²Santo Antônio do Norte, conhecido como Tapera, e a mais 14 km está meu destino de hoje. É uma caminhada com trechos de muito cascalho, subidas e descidas íngremes o que se torna um grande desafio para meu joelho direito já lesionado com a falta do ²³menisco e a falta do ²⁴(LCA) ligamento Cruzado Anterior. Apesar de serem lesões graves, mas são lesões antigas, o menisco há mais de 10 anos e o ligamento a cerca de 3 anos, e como diz o ditado “o tempo cura tudo”, no meu caso, eu já me moldei a elas e preciso apenas ter o cuidado de não pisar em falso.

22 Antigo povoado de Tapera, hoje distrito de Santo Antônio do Norte. A localidade *mantém não só a beleza paisagística de seu sítio, mas como também preserva, em decorrência da estagnação econômica, as suas características do período colonial.*

23 *O menisco é uma estrutura de formato semicircular, semelhante a meia-lua composto por cartilagem fibrosa (fibrocartilagem) e funciona como uma almofada ou amortecedor dentro do joelho, recebendo e dissipando as forças as quais o joelho é submetido em nosso dia a dia.*

24 *O ligamento cruzado anterior (LCA) é uma estrutura interna do joelho, responsável pela estabilidade de alguns movimentos, principalmente rotacionais.*

O Peregrino Rafael Rorato, que desbravou os 1.200 km dessa Estrada Real a pé, (www.caminhandonareal.com.br), classifica esse trecho como o mais bonito de todo o percurso e realmente ele tem razão, a paz e a beleza desse trecho supera e muito o cansaço de percorrê-lo.

É caminhando por essas estradas, solitariamente, que se pratica a mais pura forma de desapego. Tenho apenas uma mochila as costas, com 3 mudas de roupas, um par de tênis nos pés e a maior riqueza do mundo: o silêncio da civilização. Nessas estradas, sou apenas um peregrino, e esse estado de leveza, vivido por dias, alimenta o meu espírito e o meu coração de muita paz, que quando volto a civilização, enxergo tudo com maior leveza e ternura, e o chamado stress do dia a dia passa a ser uma leve lembrança de tempos passados.

É nessas paragens que meu pensamento corre livremente sem sons da civilização, sem sons de tecnologias. Corre sem rumo e sem estribeiras, apenas corre e nessa corrida na linha do tempo eu revivo histórias vividas e realimento sonhos. É aquele amigo, que há anos não voltava a minha mente, é aquela paixão de adolescente que parecia ser eterna, é aquele medo de escuro, é aquele medo “de alma” que bailava em minha mente enquanto meu caminhar me leva adiante.

E de repente me vejo na longínqua década de 60, com uns 8 a 10 anos de idade, vivendo a relembração do “Baixinho”.

“Baixinho não, Edgar Calazan de Oliveira, replicava ele, sempre que era chamado de baixinho. Carpinteiro de mão cheia, foi o primeiro ébrio que conheci na minha vida. Fabricava desde mesas, cadeiras e tamboretas, a carros de brinquedos e aviões, que até hoje eu não sei, se eram de verdade. Nos finais de semana, quando se tornava um ébrio, soltava o seu vozeirão, cantando, invariavelmente, a pleno pulmões,²⁵ “O Ébrio”.

*“Tornei-me um ébrio na bebida, busco esquecer
Aquela ingrata que eu amava e que me abandonou
Apedrejado pelas ruas vivo a sofrer*

*Não tenho lar e nem parentes, tudo terminou
Só nas tabernas é que encontro meu abrigo
Cada colega de infortúnio é um grande amigo
Que embora tenham, como eu, seus sofrimentos
Me aconselham e aliviam os meus tormentos*

*Já fui feliz e recebido com nobreza até
Nadava em ouro e tinha alcova de cetim
E a cada passo um grande amigo que depunha fé
E nos parentes... Confiava, sim!*

25 Música de Vicente Celestino – 1.936

*E hoje ao ver-me na miséria, tudo vejo então
O falso lar que amava e que a chorar deixei
Cada parente, cada amigo, era um ladrão
Me abandonaram e roubaram o que amei*

*Falsos amigos, eu vos peço, imploro a chorar
Quando eu morrer, à minha campa nenhuma inscri-
ção, deixai que os vermes pouco a pouco venham ter-
minar, este ébrio triste, este triste coração*

*Quero somente que na campa em que eu repousar
Os ébrios loucos como eu venham depositar
Os seus segredos ao meu derradeiro abrigo
E suas lágrimas de dor ao peito amigo”*

*Esse personagem real da minha infância, me fasci-
nava com suas narrativas. Foi o “Forrest Gump” da minha
infância. Cada palavra das suas histórias, ou seria histó-
rias? Não importa, na minha cabeça de criança, nunca
houve essa dúvida, as narrativas de Edgar Calazan de
Oliveira, eram sempre histórias, tão verídicas e verdadei-
ras quanto as histórias do personagem principal do Filme
“Peixe Grande”. Foi através do Baixinho, digo, Edgar Cala-
zan de Oliveira, que eu turbinei meus sonhos de menino,
onde tudo era possível, e o impossível era só algo que ain-
da não havia sido sonhado. A diferença do sonho para a
realidade, era somente a maior ou menor capacidade de
ousar alimentar meus sonhos. Sendo as crianças, mestres*

na arte sonhar, não havia diferença entre a realidade e o sonho, ambos transitavam ali, na linha do tempo, em uma estrada só.

A história que mais me fascinava, contada por ele, era a de que estava construindo um avião de madeira que iria decolar da torre da igreja e voaria de volta até seu torrão natal, o Rio Grande do Norte. Nas suas conversas com meu pai, enquanto o ajudava a construir a nossa casa de madeira, meu pai o provocava:

– Baixinho, por que você bebe tanto?

– Baixinho não Chico Felix!... Edgar Calazan de Oliveira! Olha Chico, eu bebo porque.... – E emendava a fala cantando um trecho da “sua vida”, como ele mesmo dizia:

*“Já fui feliz e recebido com nobreza até
Nadava em ouro e tinha alcova de cetim
E a cada passo um grande amigo que depunha fé
E nos parentes... Confiava, sim! ...”*

E completava com uma grande gargalhada.

Naquela longínqua década de 60, naquele minúsculo vilarejo, chamado Jussara, de pouco mais de 3 mil habitantes, onde não existia, televisão, nem rádio e onde a energia elétrica era gerado por um motor elétrico a diesel, que ficava ligado somente das 19:00h às 23:00h, a construção do avião do Baixinho era o fato mais extraordinário e esperado da cidade, pelo menos

por mim. Somente um evento era mais importante: A chegada do Circo.

Naqueles longínquos tempos do personagem Baixinho, digo, “Forrest Gump”, ou melhor, Edgar Calazan de Oliveira, era também tempos de circo que, invariavelmente, assim como as chuvas que chegavam todos os anos, o circo também chegava todos os anos. No entanto, apesar de virem todos os anos, as chuvas não eram as mesmas, já o circo era sempre o mesmo: “Circo Irmãos Dias”. Porém naquele ano em específico, o circo vinha com uma grande novidade, o teatro.

Para as crianças de minha idade, 10 anos, não havia nada mais espetacular do que um circo. Na minha imaginação era algo muito mais deslumbrante do que a Disney para qualquer criança de hoje. Com 10 anos eu já era um veterano de circo, pois desde os 7 anos, quando conheci o circo pela primeira vez, eu já aprendi as formas de conseguir assistir os espetáculos sem nenhum dinheiro, visto que, dinheiro era uma coisa desconhecida por mim, dada a condição humilde da minha família que morava na última rua do vilarejo em uma casa de madeira.

²⁶Jussara, 1966

“O circo Chegou!!! O circo chegou! O circo chegou!! – gritava esbaforido Pedro. Acabou a nossa pelada de futebol. A bola de bexiga de porco ficou esquecida, juntamente com as traves do gol, que eram as chinelas do Jorge. Saímos todos correndo

26 Trecho do Livro “Os donos do Céu”, p.69

acompanhando Pedro, que do jeito que chegou, correndo e gritando, fez meia volta e voltou correndo ainda mais. Nós o seguimos, como que puxados por um cordão invisível. Lá estava o caminhão descendo a lona, as estacas, as cordas. O circo tinha chegado. Lá estavam Pedro, Edson, Tadeu, Gás, Jorge e eu, literalmente hipnotizados por aqueles movimentos que transformavam lonas estacas e cordas em um circo. Gigante! Como era grande o circo! Nem nossos sonhos eram tão grandes quanto o circo.”

Havia três maneiras de assistir ao espetáculo sem precisar comprar um ingresso. Como moleque e amante de circo, eu já passei por todas estas três maneiras de assistir um espetáculo de circo. A primeira maneira era fazer parte do cordão do palhaço. Sim, o cordão do palhaço que saía, de tardinha, da porta do circo pelas ruas da cidade anunciando o espetáculo da noite. O palhaço ia a frente e logo atrás, nos moleques, formávamos uma ou mais filas, a depender da quantidade de moleques. E daí, todos faziam coro de tudo que o palhaço dizia:

- Hoje tem espetáculo? – Gritava o palhaço.*
- Tem sim senhor! – respondíamos todos em coro.*
- E o espetáculo onde é? – Gritava o palhaço*
- É na rua do buraco! – respondíamos.*
- Mulher bonita não paga! – Gritava o palhaço*
- Mas também não entra! – respondíamos.*
- E o palhaço o que é? – Gritava o palhaço*
- É ladrão de mulher! – respondíamos.*

E assim percorríamos todas as ruas do vilarejo e, ao final, ao retornar à porta do circo, cada um moleque do cordão do palhaço ganhava um ingresso para assistir ao espetáculo da noite. A segunda forma de assistir ao espetáculo, era chegar bem cedo, antes do espetáculo e dos concorrentes e ser escolhido como vendedor de guloseimas, pipoca ou pirulito. Depois, era só pegar uma tábua de pirulito ou de saquinhos de pipoca, dependurá-la no pescoço e sair vendendo dentro do circo durante o espetáculo. No final, você tinha assistido o espetáculo e se tivesse vendido toda a sua tábua de pipoca ou pirulito, a sua vaga como vendedor do dia seguinte estava garantida. Porém, confesso, nunca fui um bom vendedor, pois a magia do espetáculo era sempre maior do que minha vontade de vender pirulito.

A terceira maneira para assistir ao espetáculo, essa a mais arriscada e difícil, era furar a lona. Explico: Furar a lona não era fazer um rasco na lona do circo. Era passar por debaixo da cerca de arame que rodeava o circo e depois de vencer este obstáculo, mergulhar debaixo da lona e sair do lado de dentro, debaixo das arquibancadas de madeira, já no meio da plateia.

Existia toda uma estratégia de gatos e ratos para driblar os vigias do circo que ficavam rodeando o circo entre a cerca de arame e a lona para não deixar a molecada “furar a lona”. Geralmente havia somente dois vigias, um do lado direito da portaria e o outro do lado esquerdo. Devido o formato do circo, era impos-

sível o vigia ter a visão de todo o lado que estava vigiando. Desse modo, ele ficava andando, lentamente, de uma ponta a outra do seu lado e sempre sobrava um ponto cego, ora em uma ponta ora na outra. E era nesses pontos cegos, que nós, moleques, “furávamos a lona”.

Apesar de com 10 anos eu já ser um veterano de circo, esse ano, o circo trazia uma grande novidade que eu jamais tinha visto falar: um tal de teatro. O alto falante do circo, instalado lá no alto, na ponta do seu mastro anunciava: Estreia neste sábado as 20:00h, o grandioso espetáculo do Circo Irmãos Dias, trazendo na segunda parte do espetáculo o drama de teatro, O Ebrio! e ao anunciar, esse drama de teatro, os altos falantes tocavam parte da música que meu contador de histórias, “Edgar Calazan de Oliveira” sempre cantava:

*“Tornei-me um ébrio na bebida, busco esquecer
Aquela ingrata que eu amava e que me abandonou
Apedrejado pelas ruas vivo a sofrer*

*Não tenho lar e nem parentes, tudo terminou
Só nas tabernas é que encontro meu abrigo...”*

Caracas! Eu pensei comigo, então é verdade, o “Bai-xinho” está falando a verdade, quando diz que fez essa música para contar a história da sua vida! E a história da vida dele vai ser contada no circo! Fiquei fascinado com

essa descoberta e corri para contar ao Baixinho que o circo estava falando da vida dele.

– Como falando da minha vida menino? – Indagou ele.

– Sim, está anunciando no alto falante do circo que vai ter um teatro com o Ébrio, o ébrio não é você? – indaguei.

– Há, tá entendi. Sim, sou eu mesmo, o ébrio sou eu, e é a minha vida que vai passar no circo!

Acreditei piamente no Baixinho, e no primeiro dia do cordão do palhaço eu já estava lá seguindo o palhaço em busca de um ingresso.

No dia do espetáculo, da estreia do circo, eu já estava lá de prontidão, morrendo de curiosidade para conhecer o tal de teatro que ia contar a história do meu ídolo, Edgar Calazan de Oliveira. Fiquei fascinado com aquele mundo que se abriu quando as cortinas subiram. Porém, por mais que eu procurasse meu ídolo Baixinho no palco, eu não o encontrava, até que percebi, pela dinâmica do que acontecia no palco, que aquela era uma história de faz de conta, tipo as que meu pai contava, pois, a verdadeira história do Ébrio era a do meu ídolo contador de histórias, o Baixinho. A partir daí, sem meu ídolo no palco, foi pura sonolência.

E o tempo passou, mas minha paixão por circo continuou e o Circo Irmãos Dias também continuou a chegar todos os anos. Porém agora, eu já estava na pré-adolescência, com 14 a 15 anos, ainda na pindaíba financeira e

não dava mais para seguir o cordão do palhaço ou furar a lona do circo para conseguir um ingresso. No entanto agora, eu tinha um trunfo poderoso: Meu amigo do peito, Edmar Jacob Vargas, o galã da cidade, com estampa de ator de Hollywood, namorava todas as meninas da cidade e “a menina” do circo também. Ela era filha do dono, e logo no início da temporada, para conquistar o coração do galã, conseguia os ingressos para a temporada inteira, não só para ele, mas para a Turma inteira.

Mais uma vez o tempo passou, o circo passou, o Edgar Calazan de Oliveira passou, e até hoje eu não sei por onde anda minha infância.

²⁷Já fui feliz.

*Tive dois galos de briga,
uma vara de pescar
e um casal de periquito*

Já fui feliz.

*Tive bolinhas de gude,
estilingue de goma viva
e até saco de dormir.*

27 Poema Primavera, 1.999 – Livro: Libertar Passarinho – Valdir L. Queiroz

*Tive bola de capotão,
bicicleta de farol
e relógio a prova d'água.*

*Tive mochila, sonho e álcool.
Tombo, leve.
Leves tombos, tive.*

*Tive subnutrição inculta
inculta, a vida, teve-me.*

Voltemos ao Caminho.

Um escorregão em um cascalho solto me traz de volta a estrada. Com isso, volto a guardar, em uma gaveta da memória, todas essas lembranças revividas. Até que um dia voltarei a revisitá-las para sempre lembrar-se das minhas origens. Mais alguns quilômetros e chego a Córregos. Em Córregos a paz reina. Cheguei por volta das 16:00h. Apesar do Portal da Estrada Real indicar que em Córregos não há comida e nem pouso, eu encontro tudo isso na Pousada Nova Esperança, simples, mas acolhedora.

Che Guevara

7ª etapa:

²⁸ Córregos a Conceição do Mato Dentro
Distância até Paraty/RJ.: 975 km

O Portal da Estrada Real, assim descreve esse trecho:

Córregos marca presença com as belas igrejas do século XVIII, ano de sua fundação, como a Igreja Matriz Nossa Senhora da Aparecida e a Capela dos Passos, que dão uma bela vista para a cidade, além dos singelos casarões coloniais que completam o charmoso lugarejo. Finalizando, o trecho termina na cidade de Conceição do Mato Dentro, datada de 1702, a partir da vinda dos bandeirantes em busca da abundância do

-
- 28 **Córregos.** *O povoado de Nossa Senhora Aparecida de Córregos, foi fundado por bandeirantes no início do século XVIII. A localidade se situa num vale, onde seu casario, distribuído por pequena praça e duas ruas, forma um conjunto harmonioso, que guarda o estilo colonial. A economia é baseada na agropecuária, artesanato, culinária (cachaça, geleia, polpa de frutas, farinha). A produção de frutas se dá por meio da Associação Vida Nova para Córregos (Vinocor). Os hábitos e costumes locais são bem tradicionais, conservando-se um calendário festivo de fundo religioso em que se sobressaem as festas do Divino, de São Sebastião (20 de janeiro), Nossa Senhora do Rosário (14 de setembro) e a da padroeira Nossa Senhora Aparecida (12 de outubro).*

ouro e outras pedras preciosas na região, tornando-se umas das mais belas vilas de Minas Gerais. A cidade tem como principal atrativo o fator religioso, por suas magníficas igrejas, tais como a Matriz, do Matozinhos e do Rosário, contando ainda com antigos casarios coloniais, além de fascinantes atrativos naturais, como o Salão de Pedras, Colina da Paz e Lagoa Azul. Reserve um tempo para conhecer a cachoeira do Tabuleiro, com os seus 273 metros de queda livre, localizada a apenas 19 km do centro da cidade.

Na manhã seguinte, depois de uma noite bem dormida, já preparo a mochila para pôr o pé na estrada. São pouco mais de 22 Km. É uma manhã de nuvens altas não indicando chuva, mas que servem para suavizar o sol que queima forte a partir das 09 horas. Depois de duas horas de caminhada as nuvens foram sumindo e o sol começa a sugar minhas energias. Paro para um breve descanso e um pequeno lanche que, quase sempre, se resume a uma banana que alimenta e evita câibras e uma maçã.

Apesar dessas paradas para descanso serem breves, sua mente geralmente divaga por outras paragens. Lembrei das laranjas que encontrei, faminto, quando fiz o Caminho da Fé em 2015...

...²⁹”um cidadão desconhecido que deixou um mon-

29 Livro Saudade do Futuro, 2015, Caminho da Fé, fls.71

te de laranjas, recém-colhidas, no pé de uma árvore, que fica em um trecho do Caminho da Fé, entre Santa Rosa de Viterbo e Tambaú onde passa uma meia dúzia de peregrinos por mês. Quando ele deixou aquelas laranja ali, no pé daquela árvore, ele não sabia se naquele dia algum peregrino passaria por ali, mas mesmo assim ele praticou o seu ato de bondade e para mim, que encontrei aquela meia dúzia de laranjas frescas, foi um ato de bondade que jamais esquecerei, pois eu vinha andando há quase duas horas e procurando um local para dar uma parada e descansar e lá estava, não só o local com uma enorme sombra, mas também, uma bendita ceia. Obrigado desconhecido, orarei por ti em Aparecida”

Voltemos ao Caminho.

Depois da boa lembrança, continuei minha caminhada. O tempo havia mudado completamente. Aos poucos vou percebendo que o movimento de carros aumenta nessa estrada batida de terra. Apesar do silêncio desse trecho ser menor do que o silêncio de quase todos os trechos da estrada real, as paisagens ao longo do trecho compensam a quebra desse silêncio. São fazendas de búfalos por quase todo o trecho enfeitadas por pequenos vales e vegetação abundante.

O tempo mudou de repente. O Sol desapareceu e nuvens muito baixas formavam uma cerração muito forte. Vejo que já estou na MG-10, pegando um trecho de uns 4 km de asfalto onde a velocidade dos carros

é maior, e com a cerração, mais a estrada sem acostamento, percebo que corro perigo de ser atropelado. Redobro a atenção e depois de muitos sustos, vejo a placa na beira da estrada indicando que a Pousada do Lago, onde pretendo pernoitar, está a apenas 1 km. A temperatura caiu bastante e avisto a pousada lá embaixo, do lado esquerdo da pista, com umas cabanas dentro de um lago sendo o acesso por pequenas pontes. Todo esse ambiente somente aumenta o frio que sinto.

Chego cedo, por volta de 13h, tomo um banho e converso com o atendente da pousada sobre um almoço e ele me informa que é no centro da cidade que existem os restaurantes e ficam a cerca de 2 km da pousada. Dada as condições do tempo, de uma densa garoa, a ideia de ir a pé até o centro da cidade a procura de um restaurante, foi descartada. Peguei o contanto de um taxista com o atendente da Pousada e chamei um táxi. No percurso até o centro, rumo ao restaurante, pude perceber melhor o grande movimento de carros e de pessoas. Resultado das mineradoras instaladas na região para extração de minério de ferro.

Como diria meu pai, é um “rebuliço só” de gente pra tudo quanto é lado. Depois de entrar nesse “rebuliço” todo de gente e carros, chego ao restaurante indicado pelo taxista que diz ser, o restaurante, o melhor da cidade. Achei meio esquisito, pois a entrada é apenas uma portinha, porém, você caminha por um corredor e dar de frente com um amplo salão com uma sacada

de fora a fora. Só aí então, você percebe que está na cabeceira de um morro, com uma ampla vista para grande parte da cidade, que está lá embaixo. Sento-me numa mesa lateral, vou até o buffet e me sirvo. Boa comida, é mineira. Enquanto mato a fome e aprecio a paisagem, meus pensamentos dá um pinote e me vejo em Niquelândia/GO, em 1.980...

“... quando então, com 22 anos, entrei no mundo da mineração onde permaneci por 10 anos. Entrei solteiro, com uma camisa do Che Guevara no peito e muita ilusão no coração. Como dizem os capitalistas: se você não foi socialista antes dos 30, é porque você não tinha coração. E se você continua socialista depois dos 30 anos é porque você não tem cérebro. É a mais pura verdade, depois de 10 anos no mundo da mineração, já com mais de 30 anos, e com cérebro, retirei do peito a camisa do Che Guevara e vesti a de ³⁰Roberto Campos. Depois de 10 anos, saí casado e com dois filhos. Foi um período em que minha vida foi moldada pelo trabalho, pela família, pela responsabilidade e pela magia de ser pai.

Nesse périplo de 10 anos no mundo da mineração, morei em Niquelândia/GO, Santa Bárbara/MG, Belo Horizonte/MG, João Monlevade/MG, e Paracatu/MG. Portanto, aquele mundo que eu enxergava ali na minha frente,

30 Roberto Campos (1919-2001) foi um economista, diplomata, político e escritor brasileiro. Foi Ministro do Planejamento e membro da Academia Brasileira de Letras.

depois de 30 anos, enquanto almoçava, era um mundo que eu já conhecia e que senti saudades. Foi nesse mundo que eu me tornei quase tudo que hoje eu sou.

Termino o almoço, saio e pego o mesmo taxista. Uma pequena garoa de fina chuva já começa a molhar a terra e o frio só aumenta. Chego à pousada, proseio um pouquinho com o proprietário da pousada. Logo escurece. Preparo o roteiro do dia seguinte e mergulho debaixo de “duzentas” cobertas.

No Meio do Caminho

8ª etapa:

³¹ Conceição do Mato Dentro a Morro do Pilar
Distância até Paraty/RJ.: 975 km

O Portal da Estrada Real descreve esse trecho assim:

Caracterizado principalmente por suas descidas íngremes, o trecho oferece ao turista algumas partes em mata fechada, o que ajuda na hora do cansaço ou pausa para lanche, trata-se de um caminho de grande extensão. A paisagem é realmente muito bonita, principalmente após o marco 355, onde é possível avistar a Serra do Espinhaço e algumas outras serras ao fundo, formando um verdadeiro mar de montanhas, além de alguns pontos de

31 Conceição do Mato a Dentro. Com mais de três séculos, o município possui um imenso patrimônio histórico e natural preservado, além de guardar as características de interior e uma rica tradição religiosa. Na parte histórica, mantém vários bens imóveis seculares preservados, em destaque a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição. A cachaça é produzida em diversas fazendas da região de forma centenária, sendo a sua qualidade reconhecida nacional. Em 1990, na revista “Playboy” ficou em 4º lugar no Ranking Nacional de Melhor cachaça do país. A estimativa é que atualmente cerca de 30 produtores fabricam cachaça em Conceição do Mato Dentro e região.

mata preservada. Depois de percorrer os 27,4 km, o turista chega à cidade de Morro do Pilar, conhecida como a primeira cidade da América do Sul a abrigar um alto-forno, em 1.814. A localidade tem como ponto forte os atrativos naturais, principalmente as inúmeras quedas d'água, afastadas do centro da cidade, que merecem uma visita.”

Saio bem cedo sob uma leve neblina, um leve vento e um frio intenso. Porém, já sei que tudo isso é passageiro, pois depois de 10 a 15 minutos de caminhada o corpo esquenta e o frio, a neblina e o leve vento se tornam seu aliado, mingando o seu cansaço e te levando mais longe. E por falar em longe, essa foi, até aqui, a Pousada mais distante do ponto de saída para a próxima cidade. Como essa Pousada ficava a 2 Km do centro da cidade, conforme já narrado e a distância do centro da cidade para a próxima cidade do roteiro, Morro do Pilar, ficava a 3 Km, desse modo, são 5 km a mais até eu chegar à saída, foi quase uma hora e meia de caminhada. Desse modo esse percurso de 27 Km, se transformou em 32 Km.

Em termos de dificuldade dos trechos a percorrer, o Portal da Estrada Real os classifica em 5 níveis, sendo o nível 1 considerado fácil, o 2 moderados, o 3 médio, o 4 difícil e o 5 muito difícil. Essa classificação leva em conta não apenas a distância entre os trechos, mas também, as subidas e descidas.

das das trilhas/estradas além do tipo de terreno, se tem muito cascalho solto, pedregulhos, areia e etc. Até aqui, dos 7 trechos já percorridos, apenas um trecho foi classificado como nível 3, todos os outros, inclusive esse, tem classificação de nível 4 a 5, ou seja, muito difícil.

Depois de percorrer quase todo o trecho, faltando apenas 5 Km para chegar em Morro do Pilar, já bastante cansado e passando das 03:00h da tarde, depois de mais de 8 horas de caminhada, o Sr. Destino entrou em ação, nocauteando meus planos e minhas planilhas, elaboradas ao longo de 3 anos. Aí, recordo aqui, para fazer um plágio, daquele poema de Carlos Drummond de Andrade, “No meio do Caminho”:

*No meio do caminho tinha “cascalho”
tinha “cascalho” no meio do caminho
tinha “cascalho”*

*no meio do caminho tinha “cascalho”.
Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas “pernas” tão fatigadas.*

*Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha “cascalho”*

*tinha “cascalho “no meio do caminho
no meio do caminho tinha “cascalho”.*

Pois é, no meio do caminho, não tinha uma pedra, mas tinha muito cascalho solto. Era um trecho com um pequeno declive, ou seja, um local perfeito para levar um escorregão e foi isso que aconteceu. Escorregões, nesses 200 km que eu já havia percorrido nestas 7 etapas, eu tinha levado muitos, mas nenhum, até então, havia me levado ao chão. Mesmo porque eu sempre usava um ³²cajado. Escorreguei para uma espécie de valeta, na lateral da estreita estrada e com isso coloquei todo o peso do meu corpo e da mochila na panturrilha da perna direita, causando uma lesão chamada “síndrome da pedrada” ou ³³estiramento da panturrilha, o que causa uma dor intensa no local e um inchaço quase de imediato.

32 *Bastão de caminhada.*

33 *Os sintomas da síndrome da pedrada costumam surgir durante a realização de exercício de alta intensidade devido ao estiramento do músculo da panturrilha, sendo os principais sintomas: Dor na panturrilha, forte e repentina; Sensação de ter levado uma pedrada na panturrilha; Formação de um hematoma (marca roxa) no local da dor; Dificuldade para apoiar o peso do corpo no calcanhar ou no peito do pé; A dor é tão forte que a pessoa não consegue continuar seu exercício e tem que parar devido ao desconforto local, sendo difícil até mesmo caminhar. A presença do hematoma indica o rompimento de vasos sanguíneos, sendo mais grave que um estiramento muscular comum. O local mais afetado pela síndrome da pedrada é o ponto de encontro entre o músculo gastrocnêmio medial, localizado na região da batata da perna, mais na parte do meio da perna e o seu tendão.*

Tentei levantar, apoiando na perna esquerda, porém tentando usar a perna direita como ponto de equilíbrio e com a ajuda do cajado, e não consegui, pois, a dor era intensa. Respirei fundo, descansei do susto e apoiando no cajado, com a perna direita não tocando no chão, consegui me por de pé. Tentei caminhar lentamente, mas a dor era intensa e o pé direito não aguentava tocar no chão. O bastão de caminhada, que eu usava, apenas me ajudava a equilibrar melhor, ele não serve como muleta.

Depois de tentar caminhar e praticamente não conseguir, a não ser em uma perna só. Resolvi sentar-se novamente à beira da estrada e trocar umas ideias com meus acompanhantes de todas minhas caminhadas, Thiaguim, Fatinha e Cidinha. Explico: fiquei íntimo de Thiaguim, São Thiago, quando fiz a minha primeira peregrinação, Caminho de Santiago de Compostela, em 2.006, com meu irmão de estrada, Beto (in memoriam), caminhando 806 km de San Jean Píer de Port/França até chegar na catedral de São Thiago, em Compostela/Espanha.

A Minha amiga Fatinha, Nossa Senhora de Fátima, tornou-se minha guardiã, quando em 2.011, fiz minha segunda peregrinação, de 700 Km, Caminho de Santiago Português, peregrinando de Lisboa a Fátima e de lá prosseguindo até Compostela. Os Caminhos para Fátima e para Santiago de Compostela, saem juntos de Lisboa e juntos seguem até Fátima.

Por último, tenho a bênção de nossa Padroeira, Cidinha, Nossa Senhora Aparecida. Foi em 2.015 que peregrinei pela Caminho da Fé percorrendo 600 Km de Sertãozinho/SP até a Catedral de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida/SP. Portanto, voltando a minha panturrilha, está explicado o motivo da minha reunião com meus “acompanhantes”, porque na maioria das vezes, o que você precisa não é coragem, é fé.

Depois de muito dialogar com meus acompanhantes de trilha, levantei-me, sacudi a poeira e comecei a caminhar lentamente a passos de Saci. Durante minha conversa com Thiaguim, Fatinha e Cidinha, repassamos todas as possibilidades para eu sair dessa enrascada. Eu já tinha caminhado cerca de 27 Km em 8 horas e nesse tempo todo tinha passado muito pouco carros por min, pois essa era uma estrada vicinal de fazenda e não uma rodovia que passasse ônibus. Desse modo, podia ser que daquele horário, 03:30 da tarde, até escurecer não passasse mais nenhum carro, portanto, a possibilidade de eu ter de dormir na estrada, era real, visto que percorrer 5 Km em passos de Saci e com muita dor, eu não conseguiria, e se conseguisse, levaria umas 5 horas, e então já seria noite. Casa de fazenda por perto também não havia.

A última casa de fazenda que eu tinha passado por ela era a uns 8 Km para trás, isso não me desesperava, pois essa era a minha 4ª peregrinação e eu já tinha

aprendido que a fé é mais forte e importante do que a coragem e a razão. Quando você tem Fé ela se torna algo tão presente em sua vida que muitas vezes ela age e você nem percebe. Veja, Caminho da Fé, 2.015:

³⁴*Como existia um número de telefone na planilha que relaciona as pousadas, peguei meu celular para ligar, porém o mesmo estava totalmente sem sinal. Somente me restava convocar uma reunião com meus amigos de caminhada, Thiaguim, Cidinha e Fatinha, porém, era melhor eu procurar um local para sentar e descer a mochila, pois esta reunião, imaginava eu, seria longa. Desci mais uns 100 metros e encontrei uma beirada de calçada. Ao sentar-se, uma pessoa ia passando, então perguntei se existia mais alguma pousada no distrito e a pessoa respondeu que tinha outra pousada, a da Cida que ficava lá em cima, no pé de uma torre.*

Levantei-me e olhei para onde ele estava apontando, e avistei, lá longe, em cima de uma montanha uma torre de celular. Agradei e quando olhei meu celular o mesmo mostrou o sinal quase em 100%. Voltei à planilha que continha a relação das pousadas e lá constava esta pousada da Cida. Liguei, fui atendido de imediato. Perguntei se dava para me arrumar um pouso e quem sabe um prato de comida mexido. A Pessoa foi simpática e disse que sim. A minha alegria foi tão grande, que me esqueci da reunião com Thiaguim, Cidinha e Fatinha. Parti para a pousada.

34 Livro: Saudade do Futuro, fls. 81/83, Valdir L. Queiroz, Clube de Autores

Ao começar a subida, para chegar à pousada do pé da torre, eu já fiz minha medição, era uma subida de 30 passos, mas não importa, pensei comigo: Um prato mexido e uma cama macia me esperam! Foi uma luta árdua para chegar até a pousada da Cida. Mas sempre que me desanimava, eu imaginava no prato mexido e na cama macia que me esperavam, e então, seguia em frente. Finalmente cheguei.

Depois do banho, e de saciado, agradei meus “amigos de Caminhada”, Thiaguim, Cidinha e Fatinha pois há pouco mais de uma hora estava eu, sem sinal de celular, sem pouso, sem comida e já de beijo grande com Eles, meus “amigos de caminhada”. Agora estava eu ali, com o problema da emenda da minha bolsa de água resolvido, de banho tomado, saciado e em uma cama macia. Por que não vivemos como a vida é proposta na sua ideia inicial? um dia depois do outro e não esquecendo que todos nós temos um Thiaguim, uma Fatinha, uma Cidinha, em nossas vidas!! Nada como uma hora após a outra!

Depois de prostrar com meus Guardiões, Thiaguim, Fatinha e Cidinha e recuperar o folego, levantei-me novamente e sai caminhando (pulando) em uma perna só, com a ajuda de meu bastão. Até onde o folego dava eu caminhava. Quando o folego acabava, eu parava, apoiava no bastão e recuperava o folego e descansava um pouco. Depois ia repetindo essas manobras

e sempre de olho, ou melhor de ouvido em alerta para ver se ouvia algum barulho de carro.

Depois de repetir todo esse processo por diversas vezes e ter caminhado, ou melhor, mancado uns 500 m, ouvi um barulho de carro ao longe. Parei a beira da estrada e ao longe, lá atrás, pude enxergar a poeira de um carro que estava vindo. Meus olhos brilharam de esperança. Minha Esperança subiu a 100. Era uma Fiat Toro branca. Acenei com as mãos, gesticulei de todas as maneiras, mas o inacreditável aconteceu: Vi que o motorista estava sozinho, porém ele não parou. Passou direto jogando muita poeira na minha cara! Minha esperança desceu a zero. Tomei ódio de Fiat Toro! Ora essa, como pode o cidadão não ter parado. Fiquei indignado e fui acalmado por Thiaguim, Fatinha e Cidinha.

Sacudi a poeira e continuei caminhando e parando em uma perna só, apoiado na bengala. Logo em seguida, cerca de 10 minutos depois, como que por milagre, ouço barulho de carro novamente e mais uma vez, o barulho é lá pra trás, o que significa que pode ser uma carona para meu destino. Paro a beira da estrada e fico atento. Minha esperança vai subindo. Aos poucos vejo que é um Fiat 147, amarelo, modelo antigo, acho que ano 80. Já faço sinal com os braços. Ele para. Havia 5 pessoas dentro do carro, ou seja, lotação máxima. Agradei por eles terem parado, porém vejo que não cabe mais nenhuma pessoa ali dentro. Explico minha

situação e mostro minha perna, muito inchada e vermelha na panturrilha.

Então, peço para eles, quando chegarem em Morro do Pilar, mandarem um táxi me buscar que eu pago. Eles sorriem da minha proposta e explicam: não existe táxi na cidade. Minha esperança desceu a zero, porém, o passageiro da frente propõe passar para trás, ele iria meio no colo dos outros e me cederia o seu lugar na frente. Ele vai para parte de trás e me cede o lugar na frente. Todos apoiam a iniciativa e mandam eu entrar na frente. Não foi fácil entrar, pois minha perna não cabia espichada e encolhida doía muito. Peguei nas mãos de Thiaguim, Cidinha e Fatinha e entrei.

Era somente 5 Km, até Morro do Pilar, que pareceram uma eternidade. Como era estrada de terra, sacolejar, dentro do “Fiatzinho”, era o padrão. Finalmente chegamos e eles me deixaram em frente ao Hospital. Desci capengando e entrei. Depois de ouvir minha história, e sentir algo como pena e admiração, ele foi examinar minha panturrilha. Olhou, indagou, apalpou (aiiiiiiiiiiiiiiii) e deu o diagnóstico:

– Houve um estiramento na panturrilha. Vou te dar uma injeção para dor e repouso absoluto por no mínimo uma semana, sem apoiar o pé no chão.– Disse o médico.

– Caracas!! Tudo isso?– Exclamei.

– Sim, não é grave, mas a recuperação é lenta. Vou enfaixar sua panturrilha para ajudar um pouco.– Disse ele.

– Depois de uma semana o Senhor acha que consigo caminhar? Indaguei. Ele respondeu minha indagação, dando um leve sorriso e a tradução que fiz desse leve sorriso, foi algo como: “Santa ignorância”. Porém complementou:

– Conseguir andar daqui uma semana, sim, porém caminhar, nesse seu ritmo de maratonista, nem pensar. A recuperação total leva em média de 30 a 60 dias.

Depois de medicado e com a panturrilha enfaixada, a dor física ia sumindo. Porém, a dor moral, ia surgindo. Ter que voltar para casa sem ter conseguido terminar o que tinha sido planejado por 3 anos, pesava mais do que a dor física. Ainda mais pelo fato de ter caminhado apenas 200 km dos 1.200 que eu pretendia caminhar. Mas eu me conheço, já tive de adiar sonhos muitas vezes, o que é diferente de abandonar sonhos. Eu apenas perdi uma batalha e não a guerra. Eu sabia que era apenas uma questão de tempo. Eu voltaria.

Já medicado, na porta do ‘Hospital’, peguei minha planilha e fui verificar onde era a Pousada Indaiá, que constava na planilha, e como sou um cidadão de muita sorte, a Pousada ficava a poucos metros do hospital. Desci a rua, meio capenga, em uma perna só, mas consegui chegar à pousada. Porém, como nem toda graça

vem com borda recheada, os quartos da pousada ficavam no andar de cima e eu tinha uma longa escada a minha frente. A Pousada estava vazia, eu era o único hospede. Me arrastei até o quarto, sentei-me na cama, retirei as roupas e a faixa da panturrilha e fui tomar um banho. Depois do banho já recomposto das ideias, fui estudar minhas possibilidades, ou seja, o que fazer?

Eu tinha uma decisão muito difícil a tomar, parar e voltar para casa, ou tentar recuperar-se de quarentena ali mesmo e continuar o caminho? Guardada as suas devidas proporções, Lembrei-me mais uma vez do filme a Escolha de Sofia. Eu tinha uma decisão a tomar: Ficar, recuperar-se e continuar, ou desistir e voltar? O que eu tinha a meu favor era o fato de já ter passado por uma experiencia parecida, sete anos atrás, quando fiz o segundo Caminho de Santiago de Compostela (O caminho Português) de Lisboa a Santiago. Vide fragmento:

³⁵Depois de analisar a situação decidi que a primeira coisa a fazer no dia seguinte era procurar um lugar que vendesse material ortopédico para que eu comprasse uma muleta, e depois procurar uma farmácia para fazer um novo curativo e comprar material para fazer os curativos pelos seis dias seguintes. Depois analisei minha planilha de viagem e vi que se eu estivesse caminhando normalmente, daí a 7 dias eu estaria em Coimbra. Com a obri-

35 Livro O Libertador de Bonsai, Fls.38/39 – Valdir L. Queiroz

gação médica de ter que parar 7 dias para recuperar-se, eu tinha duas opções: Primeira opção seria ficar aqui em Santarém, parado, por sete dias e a segunda opção seria tentar fazer os mesmos roteiros já programados, porém de ônibus ou trem, já que a pé seria impossível. Decidi, pela segunda opção passando pelas mesmas cidades que eu passaria se estivesse caminhando a pé.

No dia seguinte eu iria pesquisar as opções de transportes para programar este roteiro. No dia seguinte retirei as faixas dos dois pés para ver como estava, mesmo porque eu iria passar numa farmácia para fazer novo curativo. Percebi que o meu pé direito estava bastante ferido, porém o pé esquerdo, estava um pouco melhor. Desci, com muita dificuldade, para a portaria do hotel e indaguei onde eu encontraria uma loja de material ortopédico para eu comprar uma muleta. O meu Amigo lá de cima, colocou uma em frente ao hotel, do outro lado da rua. Atravessei a rua, apoiado nos calcanhares e comprei uma muleta. Ufa! Como melhorou o meu caminhar!



De Volta pra casa

9ª etapa:

³⁶Morro do Pilar/MG– Goiânia/GO.

Distância até Paraty/RJ.: 975 km

O melhor a fazer, como eu já tinha feito em outros momentos como esse, nas minhas caminhadas anteriores, era reunir-se com meus parceiros de caminhada e decidir juntos. Convoquei então para essa reunião, a Sra. Razão, a Sra. Emoção, o Sr. Sonho, o Sr. Coração, a Sra. Liberdade e a Sra. Fé, assistida por Thiaguim, Fatinha e Cidinha. A reunião foi aberta pela Sra. Razão, que disse:

36 **Morro do Pilar:** *Apesar de ter sido reconhecida como cidade apenas em 1953, Morro do Pilar tem uma história de mais de 300 anos! A descoberta de ouro na região pelo bandeirante Gaspar Soares fez do município um grande centro de mineração em Minas Gerais. Após a escassez nas minas de ouro, a cidade passou a ser conhecida como Berço Siderúrgico, pois foi sede da primeira fábrica de ferro do Brasil. A “Real Fábrica de Ferro”, como era chamada, funcionou regularmente entre o ano de 1809 e 1830, gerando grande movimentação socioeconômica em Morro do Pilar. Além de ser parte do Caminho de Diamantes da Estrada Real, a cidade é uma referência em ecoturismo pela beleza de suas cachoeiras e trilhas. A Cachoeira da Naná e as Ruínas da Real Fábrica de Ferro são os principais pontos turísticos de Morro do Pilar.*

– Se o Caminho todo é de 1.200 Km e nos primeiros 200 Km, você já foi nocauteado, significa que, pela regra das proporções, a cada 200 Km você pode sofrer um novo nocaute, sendo assim, como falta 1.000 Km, você, provavelmente, será nocauteado mais umas 5 vezes – e concluiu– melhor desistir. Portanto, meu voto é voltar para casa. – Concluiu a Sra. Razão.

– Não é bem assim – Ponderou a senhora emoção e completou – A cada Km andado mais preparado fisicamente você vai estar, e então, a possibilidade de ser nocauteado só vai diminuindo. Voto por prosseguir.

– Sim, voto por prosseguir – disse o Sr. Sonho e complementou– imagina a quantidade de lugares, pessoas, flores, animais, nuvens e rios que ainda veremos pela frente?

– Devemos voltar para casa– disse o coração– temos que pensar em nosso “casulo” que, no momento, está fragilizado e precisa recuperar-se e repor as energias e não há nenhum lugar melhor do que recuperar-se no nosso habitat – concluiu o Sr. Coração.

A votação estava empatada, 2 a 2 entre ficar e continuar o caminho ou voltar para casa. Chamei a Sra. Fé que assessorada por Thiaguim, Fatinha e Cidinha, disse:

– Saber esperar é uma demonstração de todos aqueles que me carrega consigo. Adiar um sonho não

é sinal de fraqueza, pelo contrário, é sinal de sabedoria. Sabedoria para saber a hora de recuar para preparar-se e conquistar o sonho. Nada está mais intimamente ligado ao sonho do que eu, a fé, concluiu a Sra. Fé.

Agora só faltava ouvir a Sra. Liberdade, porém, antes de ouvi-la, me veio à cabeça a lembrança de um poema chamado Liberdade que tem tudo a ver com sonho, que tem tudo a ver com emoção, que tem tudo a ver com coração, que tem tudo a ver com razão, que tem tudo a ver com Fé. Conheci esse poema após comprar, em Pirenópolis/GO, um livro de um poeta de rua chamado Gustavo Rezende Lima, que chamou minha atenção ao recitar, um outro poema, na tentativa de vender o seu livro, a um casal de namorados adolescentes que estavam sentados no banco ao lado.

Porém, o casal, preferiu ignorá-lo, pois que ousadia era essa? querer vender um livro em plena era das “dancinhas” no Tik Tok? e ainda mais de poesias! Pobre Poeta, que ainda não havia percebido que a época de livros e poesias, já fazia parte de um passado distante... assim como eu.

³⁷*Liberdade*

*Liberdade, a liberdade é a incerteza,
espaço não saber o que vai acontecer.
É isso que lhe faz temer,
que dá o frio na barriga.*

*Mas é também aquilo que lhe instiga
a seguir em queda livre,
com turbilhões de sensações e emoções.*

*Posso eu no chão cair
ou o paraquedas abrir.*

Tudo depende de mim.

*Se puxo a cordinha
ou se sigo na linha que vai ao abismo.*

*Se estou caindo, planando ou voando,
a minha realidade é a todo momento,
eu que a estou moldando.*

*Com essas palavras que estou lhe falando
e com as sementes que no caminho eu fui plantando, e
fico me perguntando...*

37 Gustavo Resende Lima, Poesia, a Arte das Palavras, Ed. Kelps, 2021

*A onde essa estrada estaria me levando?
Será realmente eu quem está guiando?
ou será que cada movimento que eu faço aqui
lá em cima eles têm um plano?
Ou será que estaria todo mundo me enganando?
E no meio dessa Matrix eu estou só sonhando...*

Após a lembrança desse episódio, e do poema dei a palavra a Sra. Liberdade, que foi curta e grossa respondendo:

– Puxe a cordinha!

Pronto, estava decidido por 6 votos a 4 eu iria parar. Porém, parar não significava desistir e com certeza um dia eu voltaria. Eu prometi ao meu baú de sonhos que iria voltar para terminar aquele caminho, agora faltavam só 1.000 km, eu já tinha percorrido 200 km, já não partiria do zero, já havia um começo começado. Depois da decisão tomada, do peito aliviado e das pazes feita entre meus sentimentos, comecei a planejar a volta.

Na manhã seguinte, 07 de julho de 2.018, pegaria um ônibus para Belo Horizonte. Seria quatro horas de viagem e de lá pegaria um voo as 20:30h direto para Goiânia. Chegando a Goiânia, visitei um médico ortopedista e ele confirmou o estiramento na panturrilha. Comecei um período de repouso e depois iniciei ses-

sões de fisioterapia até voltar as minhas caminhadas e academia.

Durante esse período, levando em consideração a reunião que tive com meus sentimentos quando ocorreu a minha contusão no caminho, e chegando à conclusão de que a observação da Sra. Razão, era bem lógica, pois o raciocínio dela foi o seguinte:

– Se o Caminho todo é de 1.200 Km e nos primeiros 200 Km, você já foi nocauteado, significa que, pela regra das proporções, a cada 200 Km você pode sofrer um novo nocaute, sendo assim, como falta 1.000 Km, você, provavelmente, será nocauteado mais umas 5 vezes – e concluiu– melhor desistir. Portanto, meu voto é voltar para casa. – Concluiu a Sra. Razão

Pesei os prós e contras e acabei me convencendo que a Sra. Razão, tinha razão! Com certeza ainda teria muito cascalho na espreita para me derrubar nesses 1.000 Km que faltavam. Portanto, o plano “B” foi posto em ação: comprei uma bike.

Pensei comigo: de bike, nas subidas desses morros e montanhas, eu vou ter que empurrar, pois pedalar naqueles morros e montanhas que conheci nos 200 Km que já havia caminhado, é impossível, porém, onde tem morros e montanhas também tem descidas, e nas descidas eu descansaria. Por outro lado, assim como

na vida, nem tudo é subida e nem tudo é descida, pois onde é subida para quem está vindo, é descida para quem está indo. Me recordo bem desse tipo de aprendizado bastante lógico, para tudo na vida, mas que, porém, muitas pessoas têm dificuldade de entender que o tamanho do seu problema só depende do ponto de visão que você o está enxergando. Recordo da seguinte passagem na minha caminhada pelo Caminho de Santiago de Compostela em 2.006:

³⁸“... Continuamos caminhando juntos por cerca de duas horas e fiquei intrigado com um fato: a cada quilômetro que andavam, eles viravam para trás e davam uns 10 a 20 passos de costas. Eu imaginei que fosse algum exercício físico, ou quem sabe alguma “simpatia” austríaca. Ele explicou que não. Fazia isso para ver a paisagem, que ficou para trás, por outro ângulo, com outra visão. Explicou que esse é um excelente exercício para aplicarmos na nossa vida diária, pois assim enxergaríamos os nossos atos sempre sobre dois ângulos diferentes”.

38 Livro: Os Donos do Céu – fl.76



Os Treinos de Bike

Em meados de outubro/2018, depois de três meses de molho, comecei a treinar na bike e planejei que voltaria em julho de 2019 para terminar os 1.000 Km que faltavam da Estrada Real. Planejei tudo direitinho e até envie cópia para os Sr. Destino. Comecei pedalando uma vez por semana em parques próximo a minha residência e depois comecei a fazer uma trilha toda quinta-feira à tarde. A trilha saía da igreja do Parque Itatiaia em Goiânia até Santo Antônio de Goiás. É um percurso de 26 Km, em trilhas e estradas de terra. Como minha pedalada era na quinta-feira à tarde, eu sempre ia sozinha pois a maioria dos ciclistas pedalam no final de semana.

E assim, depois de muitas “entrevadas” e dores no ³⁹cóccix, fui aos poucos pegando gosto pelas pedaladas e se animando cada vez mais para voltar a Estrada Real e terminar aqueles 1.000 Km. O lado não muito bom

39 *Consiste em um osso pequeno, curvo, em forma de V, que se encontra ao final da coluna vertebral. Essa estrutura tem como principal função a sustentação do peso do corpo e auxilia na transferência de peso corporal durante as mudanças de posição durante a movimentação corporal.*

de eu ir tomando gosto pelas pedaladas e se animando cada vez mais, é que eu também ia ficando cada vez mais afoito e se arriscando mais. Aquela descida que eu descia travando os freios e desviando atentamente de cada pedra e buraco, aos poucos eu ia alisando tudo sem nem usar os freios e até dando um impulso no pedal lá no início. E aquela curva, lá no final da descida, que eu fazia bem aberta e devagar, eu comecei a fazê-la mais fechada e mais rápida. Até que um dia eu posso perder meu centro de gravidade, ou seja, capotar, e meter a cara no chão. E comigo esse enredo, infelizmente, não foi diferente. Pobre ciclista!

Já haviam se passado cinco meses desde que eu tinha iniciado minhas pedaladas e já estávamos em fevereiro de 2.019. Faltavam somente quatro meses para eu voltar a Estrada Real e terminar aqueles 1.000 Km. Porém, no final do caminho tinha uma curva, tinha uma curva no final do caminho! Era um dia ótimo para pedalar, quase sem sol, nublado, leve vento e pouco calor. Como sempre, estava sozinho e iniciei a pedalada rumo a Santo Antônio de Goiás, da porta da igreja do Setor Itatiaia. Logo na saída peguei a esquerda numa estradinha margeada por uma cerca e desci até chegar próximo a estrada de uma fazenda, virando à direita, onde peguei um longo percurso passando por duas porteiras até chegar em uma estrada de terra mais larga e virar à esquerda, em uma longa descida com muitas deformações causadas pela chuva ladeira abai-

xo. No final dessa grande descida tem uma ponte e em seguida uma subida muito forte para a direita.

É nesse trecho, no final dessa grande descida, que a maioria dos tombos e esfoladas acontecem, porém mais uma vez, nesse dia passei ileso e segui pedaland. Depois da subida, um longo trecho um pouco para esquerda e com uma subida bem leve até chegar na lateral de um grande muro que cerca um condomínio. Um pouco depois desse muro, eu passo por um percurso curto, porém com mata virgem dos dois lados da estrada, de onde eu já avisto as primeiras casas de Santo Antônio já iniciando o asfalto.

Do lado esquerdo está a primeira rua com casas e na esquina tem uma merceariuzinha, e é lá que sempre faço, na volta, o meu “pit stop” e saboreio um ótimo picolé de banana, que contém potássio e que ajuda a prevenir câibras. Porém, o Sr. Destino tinha me reservado outro “pit stop” naquele dia e não esse.

Ao adentrar a cidade sigo pedaland, atravessando a cidade, sempre em linha reta, até chegar ao seu final, fazer a curva e ... cataplum!!

Capotar, cair e estatelar no chão. Isso mesmo, fiz a curva muito fechada e não tão devagar quanto devia e o pneu dianteiro travou me jogando com a cara no asfalto. Instintivamente, tentando proteger a cabeça e o rosto com os braços, todo o peso do meu corpo, que caía, ficou sobre o braço esquerdo. Estatelado no as-

falto, porém de capacete. Tentei levantar e sentir uma dor muito grande no cotovelo do braço esquerdo, e um caroço formado pelo osso da ponta do cotovelo, que quase furava a pele.

Algumas pessoas que estavam no bar da esquina correram para me ajudar e alguém já chamou a ambulância. Em poucos minutos a ambulância chegou, deixei a bicicleta ali no bar e o proprietário disse que cuidaria dela. Como a cidade é muito pequena, porém com toda a estrutura, fui levado para o hospital que ficava a apenas umas 3 quadras do local que capotei. Chegando lá a enfermeira, ligou para o médico de plantão e enquanto eu aguardava a chegada dele, ela enfaixou o meu braço e colocou uma tipoia de modo que eu não precisava mais ficar segurando o braço esquerdo.

A noite já se avizinhava quando o médico chegou.

– Boa noite, Ciclista, o que aconteceu? – indagou o médico.

– Uai doutor, – disse eu – sou de Goiânia e toda quinta dou uma pedalada até aqui e volto, porém, hoje não deu muito certo e capotei ali no asfalto quando fazia a curva para começar a voltar – Enquanto eu falava ele já ia retirando as faixas que a enfermeira tinha colocado.

– Mas alguém bateu na sua bicicleta, você caiu sozinho?

– Não ninguém bateu em mim, caí sozinho. Fiz a curva muito fechada.

– Cadê seus parceiros, veio pedalar sozinho? – Perguntou ele.

– Sim, estou sozinho, pois no dia e horário que venho não encontro parceiros para pedalar. Respondi.

– Olha, meus maiores clientes aqui no Hospital, são os ciclistas, toda semana aparece alguns aqui, quase sempre esfolado e com alguma coisa quebrada. – Disse ele.

– Caracas! então estou dentro das estatísticas. – disse eu.

Enquanto isso ele já tinha tirado toda a faixa e analisava o meu braço bastante inchado e com o osso do cotovelo fora de lugar. Depois de analisar disse que ia me medicar com uma injeção para diminuir a dor que eu sentia, ia enfaixar tudo de novo e me enviar para Goiânia para que lá fosse feito os procedimentos necessários, pois era quase certo que eu teria que fazer uma cirurgia.

Caracas! Pensei comigo, achei que seria só uma luxação e agora ele vem me falar de cirurgia!! Dispensei a ambulância e disse para o médico que iria ligar para um amigo vir me pegar de carro e então nós iríamos para o Hospital. Era cerca de 19:30 horas, quando consegui falar com meu primo Júnior que prontamente veio me buscar e me conduziu até a emergência do Hospital

de Acidentados de Goiânia. Por volta das 21:00h cheguei na Emergência do Hospital de Acidentados de Goiânia. Enquanto eu aguardava minha vez, não pude deixar de recordar minha última passagem por uma emergência de um Hospital. Foi em 2.011 em Santa-rém/Portugal no Caminho Português de Santiago de Compostela. Veja:

“40...Minha sorte era que ao lado do hotel que eu estava, fica o maior hospital da região com atendimento de urgência e emergência. Fui até ao atendimento de urgência caminhando na sola dos pés, pois a parte da frente de ambos os pés estavam muito feridos. Chegando lá me perguntaram se eu tinha o Cartão Social. Expliquei que não, pois eu era brasileiro e estava apenas de passagem. Apresentei, então, meu passaporte. Fizeram uma ficha, me cobraram 8,30 euros, me passaram por uma enfermeira que colocou uma abraçadeira verde no meu braço e me mandaram aguardar numa sala de espera ao fundo, onde lá já estavam duas velhinhas, ambas com abraçadeiras amarelas.

Pensei comigo, não estou tão mal assim, pelo menos estou melhor do que estas duas velhinhas que estão em estado de atenção. Depois de umas duas horas de espera e os meus pés minando água com sangue, eu entendi toda a dinâmica das pulseirinhas. Numa primeira triagem todas as cores ficam juntas, depois cada cor vai para um determinado ponto de atendimento, esperam mais uma

40 Livro: O Libertador de Bonsai, Fls.34/36

hora e finalmente te levam por um enorme corredor até uma sala de pequenas cirurgias e te deitam em cima de uma maca, onde já existem vários pacientes preparados para o atendimento.

O médico passa e faz o atendimento por arrastão, ou seja, cerca de dez segundos por paciente. No meu caso, ele passou falando para a enfermeira:– Lava, desinfeta e faz os curativos!– E quando eu posso voltar a caminhar...– (Nem terminei a frase).– Sete dias de repouso absoluto!– disse ele , já desaparecendo pelos corredores. Enquanto isso a enfermeira lavou, desinfetou e colocou enormes curativos sob os ferimentos. Depois enfaixou os dois pés e enquanto isso eu já começava a imaginar como é que eu ia sair dali andando! Santo Deus! Para minha absoluta surpresa, nem bem a enfermeira terminou os curativos, já apareceu um moço, funcionário do hospital, com uma cadeira de rodas.

Estacionou com maestria ao lado da minha maca e já foi me jogando, digo, colocando na cadeira de rodas, mal deu tempo de resgatar minhas chinelas “CROCS” de debaixo da maca. Perguntei para onde ele iria me levar, ele respondeu tão rápido que eu não entendi nada. Aquilo era tudo muito rápido, a ritmo de produção industrial, eu já nem entendia mais nada do que eles diziam tamanha a rapidez das falas. Enquanto isso o moço que tinha me jogado, digo, colocado na cadeira de rodas me empurrava por aqueles enormes corredores, com os dois pés enfaixados, rumo a não sei onde. A situação era tão “sui géneris” para mim, que eu não sabia se sorria ou se chorava. Perguntei novamente aonde nós estávamos indo e mais

uma vez não entendi nada do que ele disse. Passamos, finalmente, por uma última porta, e chegamos numa espécie de pátio, aí então, ele parou, olhou em volta, olhou pra mim e disse algo que mais uma vez eu não entendi. E então eu disse para ele, por favor fale devagar!... Aí eu entendi o que ele disse:– Onde está seu acompanhante?– Perguntou ele.– Acompanhante!?!– Falei surpreso.– Sim, teu acompanhante para cuidares de ti!– Falou ele, já um pouco nervoso.

Pensei rápido: Como tudo aqui é em ritmo de produção industrial, se eu não desocupar rapidinho esta cadeira de rodas, esse moço nervoso é capaz de me jogar deste pátio lá embaixo. Então eu disse:– Meu acompanhante já está chegando, logo logo ele vai estar aqui. Porém, eu vou desocupar a cadeira e se sentar aqui do lado e o senhor pode levar sua cadeira, e muito obrigado por tudo! E aqui estou eu, sentado no pátio do hospital, com os dois pés enfaixados esperando o meu acompanhante do Caminho de Santiago que ainda está no Brasil. Beto, estou te esperando aqui no pátio do Hospital Regional de Santarém em Portugal. Não demora porque o moço que empurra as cadeiras de rodas é muito nervoso!!

Voltemos ao Caminho.

– Valdir Leite Queiroz! – Era o médico plantonista da Emergência me chamando, era minha vez. Levantei-me e entrei na sala do médico. Repeti o caso pra ele enquanto ele retirava as faixas do meu braço já observando e apalpando a região do cotovelo. Cada

apalpada que ele dava era um grunhido de dor que eu dava. Mandou-me deitar-se, de barriga pra baixo, em uma maca bem estreita com os braços pendurados, um em cada lado da maca e com o queixo apoiando a cabeça na maca. Não entendi o porquê daquela manobra e ele me disse:

– Vamos voltar seu cotovelo para o lugar, pois essa ponta de osso, chamado rádio, aí no seu cotovelo está fora de lugar. Depois você já vai fazer uma radiografia e veremos. – Enquanto isso já chamou um enfermeiro que pegou um pedaço de pano no formato de uma toalha de rosto, enrolou esse pano, mandou eu abrir bem a boca, colocou aquele pano na minha boca e disse.

– Morde com bem força – não entendi bem aquela técnica e meu espanto era tão grande quanto o espanto de um cachorrinho quando vai pela primeira vez em um veterinário. Em seguida ele, o médico, mandou o enfermeiro ir para o meu lado direito, e me segurar firmemente em cima da maca apoiando todo seu peso sobre minhas costas.

Dada a minha cara de espanto, o médico explicou: o pano na sua boca é para que, caso você grite, o seu grito seja abafado e o enfermeiro está te segurando firme na maca, é para você não cair dela, pois vou esticar o seu braço e colocar o seu rádio no lugar e isso costuma doer um pouquinho. Caracas, pensei comigo, sem anestesia! Mal terminei meu pensamento e o médico

deu um puxão no meu braço esquerdo, praticamente pendurando nele. Nem tempo de gritar eu tive, tão grande foi a dor, porém a “gemeção” foi longa.

Depois de colocar o osso do cotovelo no seu devido lugar, apenas colocou uma tipoia e me mandou para a sala de radiografia. Depois de tirar a radiografia fiquei aguardando a mesma ser revelada para ele analisar e me dar o diagnóstico. Depois de quase uma hora, fui chamado novamente e ele então deu o diagnóstico.

– Eu sou médico plantonista e o seu caso não é enfaixar ou engessar, é provável que terá de fazer uma cirurgia pois a lesão no conjunto de ossos do cotovelo deixou fragmentos de ossos. Vou te encaminhar para um médico especialista em cotovelo, aqui do Hospital, que já te atenderá amanhã, na parte da manhã. É só voltar ali na recepção e pedir para a recepcionista agendar para esse médico amanhã. Já era quase meia noite quando fui liberado.

No dia seguinte, bem cedo, peguei um Uber e voltei ao hospital. Fui atendido por um médico especialista em braço, que depois de pedir uma ressonância e analisar o resultado, deu o diagnóstico: Cirurgia com a colocação de um pino de titânio. Porém, achei exagerado e pensando na possibilidade de mercantilização da saúde, onde tem muitos médicos que sempre indicam a solução mais rentável, financeiramente, para eles e não para o paciente, decidi procurar outro

médico especialista em outro hospital e pegar uma segunda opinião.

Mesmo porque, eu já tinha passado por algo parecido há cinco anos e tinha me livrado de uma “baita” cirurgia. Explico: ao participar de uma “pelada” de futebol, rompi o ligamento cruzado anterior (LCA), do joelho direito, (tem a função de ajudar na estabilidade do joelho), onde já não tenho o menisco que havia sido operado há mais de dez anos. Quando houve o rompimento do ligamento cruzado anterior (LCA), o tratamento indicado foi de cirurgia imediata, porém, ouvindo uma segunda opinião médica, optei por não operar e fazer um trabalho de fisioterapia por um longo período (um ano) para fortalecimento da musculatura do joelho e deu certo, escapei de uma cirurgia que já estava marcada para quatro dias depois da lesão. Portanto, eu tinha motivos para tentar fugir dessa cirurgia do braço. Ledo engano.

Apesar da dor constante e do incomodo, marquei no mesmo dia uma consulta em outro hospital com outro médico especialista em braço e já levei os resultados do Raio X e da ressonância. Chegando lá ele analisou e me explicou. Como há pequenos fragmentos de osso nesta junção do cotovelo, a cirurgia com a colocação de pino é necessária... necessária?... eu já tinha ouvido essa palavra há muito tempo antes justamente dentro de um consultório!. Há muito tempo mesmo. Porém, nosso cérebro tem a incrível

capacidade de nos fazer reviver momentos parecidos, pelos quais já passamos, justamente para que possamos comparar e decidir. Veja fragmento do Livro Os Donos do Céu:

*“... ⁴¹Chegamos a Goiânia a 1h30 da manhã. Desce-
mos na antiga rodoviária, ao lado do lago das rosas – hoje
corpo de Bombeiros – e caminhamos até o Hospital de
Acidentados. Mas, antes, o Denide repassou toda a lição
e avisou: não gagueja não porque se eles descobrem que
você não é o Beto, nós vamos todos presos.*

– Qual seu nome? – Adalberto Alves de Araújo.

– Nome do seu pai?

– Onofre Alves de Araújo.

– Nome da sua mãe? – aí!

– Nome da sua mãe??

– Conceição Barbosa de Araújo!

– Data de nascimento?

– Se..te de...

– Não gagueja!!

– ... junho de 1957.

– ...aí!

*Chegamos ao hospital e fui atendido por um médico
residente que estava de plantão. Ele que preencheu “mi-
nha ficha”. Respondi todas as perguntas que mesmo inter-*

41 Livro: Os Donos do Céu, fl.171

caladas pelos “aís” do meu cansaço e de minha dor, ficou de bom tamanho. Pegou minha radiografia e disse que eu teria que voltar durante o dia para os médicos me examinarem, pois se fosse coisa simples, só pra engessar, ele fazia. Porém, o meu caso não era simples. Ele iria só me enfaixar, sem gesso e eu deveria voltar de manhã, às 8 horas. Eram 2h30 da manhã. Saímos do hospital e seguimos a pé para a casa do Vilmar – não tínhamos dinheiro para o táxi – que morava no Setor Coimbra. Apesar do andar torto causado pela dor ao caminhar, finalmente chegamos.

O portão estava trancado. Ficamos um tempão chamando a mãe dele, pois o portão era distante do quarto onde ela dormia e ele não havia avisado nada sobre sua vinda. Com a ajuda do Denide, ele conseguiu pular o muro e bater na porta. A Dona Ilda, mãe do Vilmar, era também mãe de todos os amigos dos filhos. Tinha mudado de Jussara para Goiânia há pouco tempo a fim de acompanhar o estudo dos filhos, e, desde então, ali era o porto seguro de toda a ⁴²turma que transitava entre o interior e o sonho de estudar na capital. Acolheu-nos como uma mãe acolhe seus filhos: com carinho, amor, pão e cobertor. Eram 4 horas da manhã quando dei o primeiro cochilo sentado na cama, inclinado, com as costas sobre uns travesseiros. Eu não conseguia deitar. Às 7 horas levantamos, o Denide e eu, e fomos caminhando até o hospital. Somente às 10 horas o médico chamou.

42 Além de mim, faziam parte da turma: Beto, Nilva, Célio, Vilma, Denide, Flora, Edi, Roberto, Jussara, Wilson e Carlos Mora, Maria Edna, Silvio Trivela, Dalva, Curica, Helena, Gilmar, Dinaedes, Tião Paca, Cláudia, Tião Vieira, Vilson, Dairson, e os filhos de Dona Ilda: Cleomar, Vilmar, Cleúni e Deusim

– Adalberto Alves Araújo!

– É você!... – me cutucou o Denide e já me auxiliando rumo ao consultório. O médico pegou minha radiografia, colocou naquele quadro de luz e pôs-se a observá-la. Depois disse que iria tirar mais duas radiografias para pode definir melhor o que fazer. Fui acompanhado por um enfermeiro até a sala de Raio X, onde fiz as radiografias e ele pediu que eu aguardasse lá fora. Depois de uns 30 minutos, o médico me chamou novamente.

– Olha, essa clavícula sua para ficar normal, teríamos que fazer uma cirurgia para emendar esse osso solto. Porém, podemos engessá-la de um modo diferente e por mais tempo, de modo que, quando ela colar, ficará um pouco estufada para fora, e só... E então, vamos engessar??

– Ufa!! – suspirei aliviado. Trocar uma cirurgia por uma clavícula só um pouco estufadinha era um negócio da China... para mim e para o INPS do Beto. Fiquei 60 dias engessado pelas costas, com o braço direito imobilizado em uma posição acima do ombro e o esquerdo levemente livre”

Com essa passagem na mente, e pensando em quem sabe, trocar essa cirurgia por uma “estufadinha” no braço, já que eu tinha uma “estufadinha” na clavícula, indaguei ao médico:

– Doutor, e se eu não fizer a cirurgia, o que pode acontecer com meu braço?

– Ele não vai mais esticar, vai ficar nessa posição que está agora, dobrado.

– Mesmo com fisioterapia?

– A fisioterapia você vai ter de fazer depois da cirurgia. Sem cirurgia, a fisioterapia pouco adianta. Pensei comigo: caracas, tô no sal, vou ter de fazer essa cirurgia.

Somente depois desse veredito foi que noticiei o assunto para meus filhos, Hugo e Tanyla, que não me puxaram a orelha, mas, com certeza, ficaram com vontade. Porém, como sempre acredito que depois da tempestade sempre vem a bonança, o Hugo me disse que o primo da Juliana, sua esposa e minha nora, era médico no Hospital dos Acidentados e era especialista em braço. Pimba! Olha aí a bonança chegando. Então consegui marcar uma consulta no dia seguinte com ele.

Como eu já tinha os exames prontos, ele analisou o meu braço e os exames e confirmou a necessidade da cirurgia. Menos mal, pensei comigo, pelo menos o médico é de confiança. No entanto, como nem sempre a bonança vem com borda recheada, já estava entrando a semana do carnaval e ele iria viajar, somente poderia fazer a cirurgia daí a 8 dias, tive que esperar. Foram 8 dias de espera e muita dor na hora de dormir, porém a cirurgia foi feita, o pino foi colocado e a Estrada Real que me aguarde.

Depois da cirurgia e do repouso de praxe, por 30 dias, com os pontos já retirados e o braço sem tipoia, inicie a fisioterapia 3 vezes por semana durante 3 meses. Depois disso e do braço quase todo esticado fui liberado para voltar ao pedal em meados de maio de 2019. Minha meta era voltar em julho 2019, faltando menos de 2 meses. Porém, voltar e pedalar 1.000 Km com um braço operado e quase sem treinamento, com esse pouquíssimo tempo para preparar, era loucura. Só de cogitar essa hipótese já tive puxão de orelha de todo lado. Resolvi reprogramar a volta na Estrada Real para julho de 2020, aí sim, eu teria um ano inteiro para preparar-me. Combinei direitinho com o Sr. Destino.

Reinicie então as pedaladas, agora menos afoito pois eu tinha um pino no cotovelo esquerdo. Voltei pedalando duas vezes por semana e em um local mais próximo de casa nos Parques Cascavel e Macambira, aqui em Goiânia. Como eu já tinha toda a planilha da Estrada Real pronta da caminhada frustrada de 2018, onde só consegui caminhar 200 Km e fui nocauteado, agora eu precisava readequar esses 1.000 Km que faltavam, ao pedal. Pesquisei, então, bastante na internet e refiz a planilha. Antes eu tinha programado fazer os 1.200 caminhando em 60 dias, contando as paradas para descanso, agora re programei para fazer os 1.000 Km que faltavam de bike em 30 dias.

Até meados de dezembro de 2019 meus preparativos e planos para voltar a Estrada Real estavam

seguindo normalmente, porém, o mundo já começava a falar em um tal de Corona Vírus. Em 4 de fevereiro de 2020, o Brasil decreta estado de emergência devido o Corona Vírus. Começava aí o calvário da pandemia. Em julho de 2020, data que eu tinha programado para iniciar a pedalada, o país estava em uma histeria coletiva onde quem ousasse sair de casa era caçado, perseguido e humilhado em praça pública. Estávamos revivendo a inquisição que nossos antepassados viveram. Atores, cantores e youtubers da moda viraram médicos e médicos de verdade foram perseguidos, banidos e cancelados porque não “santificaram” o lockdown.

O ano de 2021 começou tão tenebroso quanto 2020, porém, depois de várias quarentenas, para satisfazer o ego dos “tiranetes” de plantão dos 5.560 municípios do Brasil, aos poucos, em meados de março, a histeria foi se dizimando e já era possível ousar andar sem máscara. Refiz então meus planos para voltar a Estrada Real em julho de 2021 e dessa vez mandei cópia dos meus planos com AR e tudo para o Sr. Destino. Como agora eu iria de bike, a planilha foi refeita de modo que eu iria pedalar entre 30 e 70 Km por dia. Minha intenção era fazer um pedal tranquilo de modo que, pelos meus ingênuos cálculos, eu iria pedalar entre 3 e 6 horas por dia, chegaria tranquilo no destino, tomaria um banho e iria conhecer as cidades e/ou vilarejos. Ledo engano.

Quando eu estava elaborando a planilha do roteiro, para determinar o tempo médio que eu levaria na pedalada diária de uma parada para pouso a outra, eu usei o Google Maps onde, no aplicativo, você tem a opção de escolher o local de partida e o local de chegada e escolher, também, o meio de transporte, no caso bicicleta. Como utilizamos, quase que diariamente, o Google Maps nos nossos roteiros de carro, onde ele mostra o percurso e o tempo que gastará para chegar ao destino, e quase sempre acerta, eu imaginei que nesses roteiros de bicicleta a informação de quanto tempo levaria seria 100% correta. Ledo engano.

O Retorno

10ª etapa:

Morro do Pilar/MG – Itambé do Mato Dentro

Distância até Paraty/RJ.: 1.000 km

O Reinício

Depois de preparar toda a logística e com a planilha do roteiro pronta, eu reiniciaria a pedalada no dia 1º de julho de 2021 saindo de Morro do Pilar, que foi o local onde parei em 2.018. Esse primeiro trecho eu iria até Itambé do Mato Adentro, 38 Km depois de Morro do Pilar. Como eu moro em Goiânia, peguei um voo até Belo Horizonte e de lá peguei um Uber para me levar, com a bike, até Morro do Pilar que fica a 155 Km de distância. Chegamos a Morro do Pilar no final da tarde e fui para a Pousada Indaiá, a mesma que eu tinha ficado em 2.018. Portanto, eu estava de volta 3 anos depois.

Eu tinha levado a bike embalada numa espécie de mochilão que depois de muito pesquisar eu tinha encontrado na internet. Para embalar a bike, eu segui um tutorial do Youtube retirando as duas rodas e colocando na lateral, alinhando o guidão com o quadro e

retirando o selim e colocando no meio do quadro, isso tudo com muito papelão e plástico bolha. Eu imaginava que ela chegaria no seu destino, 800 Km depois, “inteirinha” e pronta para pegar o trecho, pois antes de começar esse processo de embalar, eu tinha feito uma revisão geral e conferido com duas pedaladas somando quase 100 Km. Meu grau de confiança de que ela chegaria 100% pronta para o pedal era muito grande. Ledo engano.

Ao chegar, comecei então a desembalar a bike. Abri o mochilão, retirei o alforge (mochila), o capacetete e fui retirando o papelão, o plástico bolha e as fitas de embalagem. Aparentemente estava tudo perfeito. Depois comecei a montar as rodas, o selim a garupa, aonde iriam os alforges e as luzes pisca-pisca. Quando terminei e olhei o conjunto da obra, parecia perfeito, até suspirei aliviado. Santa ilusão! Com já havia escurecido, eu deixei para testar a bike no dia seguinte, pois pelo meu cronograma o dia seguinte seria de descanso e somente no outro dia, eu iria começar a pedalar de verdade até Itambé do Mato Adentro.

No dia seguinte, tomei o café da manhã junto com a Sra. Edelvais, dona da Pousada onde detachei meus planos e conversamos sobre minha estadia ali há três anos, quando lá cheguei nocauteado pela panturrilha. Ela confessou que achava que eu não voltaria mais, pois tem aquela Pousada há anos, e o

que ela sempre viu e ouviu foi histórias de pessoas que desistiram, ainda mais no meu caso, que quando fui obrigado a desistir, eu estava sozinho e tinha parado por causa de uma contusão. Disse que é muito raro passar alguém sozinho na sua Pousada, quase sempre estão em grupos. Exceto um senhor japonês, de mais de 60 anos, que de dois em dois anos, faz o Caminho dos Diamantes de 395 Km, saindo de Diamantina, passa por lá caminhando sozinho e vai até Ouro Preto.

Depois de nossa prosa, coloquei o capacete, desci as escadas com a bike e fui testá-la. Para qualquer lado que você olha é subida ou descida, não existem lugares planos em morro do Pilar, e é por isso mesmo que tem esse nome. Montei na bike e não dei 10 pedaladas e a corrente já caiu. Coloquei a corrente e novamente, depois de poucas pedaladas, a corrente caiu de novo, não dando nem tempo de testar as mudanças de marcha. Montei novamente na bike, pela terceira vez, dei 4 pedaladas e a corrente caiu novamente ficando travada entre as marchas do ⁴³cassete. Caracas! Pensei comigo: Para quem pretende pedalar 1.000 Km, começando desse jeito, é preciso ter muita fé! Ainda bem que ⁴⁴Thiaguin, Fatinha e Cidinha sempre estão comigo! Preciso encontrar uma oficina.

43 É um conjunto de pinhões dentada que fica localizado na parte traseira da bicicleta, especificamente no cubo traseiro.

44 São Thiago, N. S^a de Fátima e N. S^a Aparecida.

Enquanto empurrava a bike rumo a Pousada, perguntei a um transeunte que ia passando onde tinha uma oficina de bike.

– Moço, bom dia! Onde tem uma oficina de bicicleta aqui?

– Bom dia! De bicicleta, não sei não, acho que não tem! – respondeu ele. A resposta dele me deixou atordoado. Como não tem oficina de bicicleta?, que país é esse!, ou melhor, que lugar é esse?. Respirei fundo e continuei empurrando a bike rumo a Pousada. Minha estratégia era chegar na Pousada e conversar com D. Edelvais, pois ela, com certeza saberia onde ficava a oficina de Bicicleta. Enquanto ia empurrando ia passando outra pessoa e indaguei;

– Bom dia, o senhor saberia me informar onde fica a oficina de bicicleta, preciso levar essa bike lá? – ele deu um sorriso meio esquisito e sem graça, que depois eu entendi, e respondeu:

– Bom dia, olha senhor, aqui não tem oficina de bicicleta. O senhor “deve de ser turista”, pois aqui ninguém usa bicicleta. O senhor pode até olhar aí pra toda banda que o senhor só vai ver cavalo, moto e um pouco de carro. – concluiu ele. Caracas! era verdade, dei uma olhada 360º graus e não vi nenhuma bicicleta. Agradei a sinceridade daquele senhor, mas continue empurrando a bike rumo a Pousada, pois com certeza a D. Edelvais me mos-

traria uma luz, afinal eu tinha 1.000 Km pela frente a pedalar.

Não importa, enquanto empurrava a bike rumo a Pousada, já fui elaborando o plano “B”. O plano “B” seria, se preciso fosse, voltar a Belo Horizonte e arrumar a bike. Cheguei à Pousada já encontrei com a D. Edelvais. Conversei com ela sobre o ocorrido e ele confirmou: realmente aqui não tem oficina de bicicleta, pois aqui não tem bicicletas! Porém, sugeriu ela: tem uma oficina de moto, vamos até lá, as vezes ele dá um jeito. Coloque sua bicicleta aqui dentro no meu carro que nós vamos lá. Coloquei a bike na carroceria do carro e rumamos pra lá, que era bem perto. Chegando lá o mecânico, de moto, nos atendeu super bem e se propôs a dar uma olhada.

Virou a bicicleta de ponta a cabeça, apertou alguns parafusos daqui, folgou outros dacolá, acionou o câmbio traseiro (responsável por guiar a corrente na troca de marchas). Disse que o câmbio traseiro parecia estar um pouco empenado e deu umas pancadas nele. Caracas! Cada pancada que ele dava no câmbio, eu arrepiava de gastura, pensando nos 1.000 Km.

E enquanto ele fazia todas essas manobras eu pensava comigo. Caracas, fiz a revisão mais top de Goiânia e agora parece que ela está indo pras cucuias! Porém, eu não podia falar nada pois entendo pouco de manutenção de bike e ele demonstrava muito boa von-

tade, realmente queria ajudar, ainda mais depois que ele ficou sabendo que eu estava sozinho e pretendia pedalar 1.000 Km reiniciando ali na sua cidade. Depois de muitas pancadas, como a dizer: você se comporte, viu bike! e de apertar e desapertar parafusos, ele desvirou a bike e me pediu para testar. Montei na Bike meio desconfiado. Pedalei ali em volta trocando todas as marchas e a corrente não caiu, apenas estava fazendo um barulho diferente quando eu colocava as marchas mais fortes. Me senti super aliviado, e relatei o teste para ele. Ele então fez um ajuste ali no câmbio de marchas traseiro e me deu para testar novamente. Refiz todas as manobras novamente e a corrente não caiu.

Agradei bastante, tentei pagar, ele não quis receber. Voltei para a pousada e entrei em concentração para iniciar a pedalada no dia seguinte. Planejei levantar as 06:00h da manhã tomar o café, de modo que as 07:00h eu já queria estar no trecho. Pela minha planilha e pelo “Dr. Google Maps”, depois de 3h:17min. de pedalada eu já estaria em Itambé do Mato Adentro, que ficava a 38 Km. Eu confiava tanto nessa conta do “Dr. Google Maps”, que pensei comigo, posso ir bem tranquilo, assobiando para os pássaros, que em 4 horas estarei lá, portanto, as 11 horas terei chegado. Ledo engano.

Amanheceu, tomei o café da manhã juntamente com D. Edelvais. Era um café farto com quitandas,

frutas, queijos e doces. Ela até insistiu para que eu levasse algo para comer no caminho, porém dispensei prontamente, confiante na previsão do Dr. Google Maps de que em menos de 4 horas eu teria chegado ao meu destino. Além do que, mais essencial do que levar comida nessas pedaladas, é levar água, e de água eu estava bem abastecido com 2 litros na minha mochila de hidratação que levava as costas.

Terminado o café, me despedi de D. Edelvais, montei na bike e saí para cheirar o mundo, como costume falar. Depois de menos de 10 minutos de pedalada, ao terminar uma descida e começar a reduzir as marchas para enfrentar a primeira subida, ouvi um “creck” e o pedal travou com a corrente que tinha caído. Lutei por uns 10 minutos tentando desenganchar a corrente de entre as rodas dentadas do cassete e não consegui. Com as mãos já pretas de graxa, sentei-me em um barranco ao lado pra dar uma respirada e decidir o que fazer.

Eu tinha duas opções: resolver aquele problema ali e continuar, ou voltar até a oficina, de moto, e dar minha bike para o mecânico dar mais umas pancadas nela. Decidir tentar resolver o problema ali mesmo. Virei a bike de rodas pra cima, o que não foi fácil, devido ao alforge (mochila) na garupa, e tentei desenganchar a corrente. Depois de umas cinco tentativas consegui desenganchar. Suspirei aliviado. Coloquei a corrente na coroa e no cassete e simulei umas trocas de mar-

chas, e a corrente não caiu, parece que ia funcionar. Ledo engano.

Desvirei a bike, e quando pensei em montar e reiniciar a pedalada, olhei para a estrada a frente e percebi que não adiantava montar para tentar pedalar ali, pois eu não ia conseguir, era uma subida bem íngreme com aquele cascalho grosso. Prossegui então empurrando a Bike. Na medida em que você ia subindo e a vista alcançando mais longe, você percebia que após cada curva, tinha mais uma curva e mais uma subida.

Depois de cerca de duas horas empurrando a bike e sem nem a ter testado ainda, depois da encrenca da corrente, após mais uma curva, avistei um trecho plano e suspirei aliviado. Parei e me sentei na beirada da estrada para descansar. Fui verificar no GPS e mal acreditei. Depois de duas horas, eu só tinha pedalado, ou melhor, empurrado a bike, por míseros 6 Km. Pela projeção inicial do “Dr. Google Maps”, em duas horas eu deveria ter pedalado 23 Km. Depois dessa constatação, eu só desejava uma coisa: colo de mãe! Porém, nem sempre o que você deseja está ao seu alcance e o que eu tinha ali na minha frente, era o Sr. Destino com uma vara de ⁴⁵marmelo a me açoitar!

Eu já tinha passado por situações parecidas outras vezes e meu estoque de resiliência era considerável.

45 Lá pela década de 50 e até o comecinho dos anos 60, a vara de marmelo era um instrumento utilizado por alguns pais e educadores para endireitar a malcriação da garotada.

Montei na bike e comecei a pedalar. Na medida em que eu ia mudando as marchas, conforme a velocidade e o terreno, a corrente caiu diversas vezes, porém, em nenhuma das vezes enganchou no cassete e nem no ⁴⁶pedivela, e com isso, eu a recolocava e reiniciava o pedal.

Fui percebendo que a corrente sempre caía quando eu utilizava os 4 pinhões menores ou os 4 pinhões maiores do cassete, independente de qual das duas coroas do pedivela eu estivesse utilizando. Porém quando eu utilizava os 3 pinhões do meio, a corrente não caía. Portanto, eu tinha encontrado o padrão do problema, que era o seguinte: Utilize somente os 3 pinhões do meio do cassete e a corrente não cairá.

Minha bike é uma bike de 22 marchas, com 2 coroas no pedivela e um cassete com 11 pinhões. Quanto mais coroas e/ou pinhões no cassete, mais marchas terá sua bike, pois o número de marchas é exatamente a quantidade de coroas no pedivela vezes a quantidade de pinhões no cassete, no meu caso $2 \times 11 = 22$ marchas. Quanto mais marchas tiver sua bike, mais opções você terá de pedalar para ir se moldando de acordo com o terreno. Como a minha bike só não caía a corrente quando era utilizado os 3 pinhões do meio do cassete, eu só tinha 6 das 22 opções para pedalar, ou seja, só 30% das possibilidades.

46 A pedivela é a peça da bicicleta que transmite a força do ciclista à coroa e ao eixo, fazendo com que todo o mecanismo gire.

Depois desse pequeno trecho relativamente plano, com pouca inclinação, e de já conhecer como a bike se comportava verifiquei meu GPS: eu já estava no trecho a 3 horas e só tinha rompido 11 Km, portanto ainda faltavam 27 Km. Por meio de um cálculo simples, mas porém honesto, cheguei à conclusão que, a depender dos morros que eu tinha pela frente, eu poderia gastar ainda cerca de 5 horas para chegar ao meu destino. O Cálculo que eu fiz foi baseado nos mais de 2.300 Km que eu já tinha caminhado nas minhas andanças anteriores. Considerando meu tempo de parada para descanso, eu caminhava, em média, 5 Km por hora, portanto, supondo que mesmo que eu tenha que caminhar empurrando a bike, eu chegaria ao meu destino por volta das 3 horas da tarde, já sem água e com muita fome. .

A partir desse ponto, onde parecia que meus problemas tinham acabado, foi que, pela primeira vez eu cheguei ao fundo do poço do meu estoque de resiliência. Durante horas, não encontrei mais terrenos planos ou pouco íngreme, era somente, morros, subidas, morros, subidas, morros... Quando as vezes eu tentava pedalar em um terreno não íngreme, eu não conseguia pedalar quase nada, pois as marchas da bike que não caía a corrente, eram marchas para pedalar em terrenos mais planos.

Porém, o grande problema que eu tinha, além dos morros, e que só percebi ali, era o alforge na ga-

rupa da bike. Depois de cansado e naquelas subidas muito íngreme, a impressão que eu tinha era que eu estava rebocando um ⁴⁷bitrem, e a imagem que me vinha à cabeça nesses momentos era a imagem dos bitrens que eu sempre encontrava carregado de cana-de-açúcar quando eu ia visitar minha cidade natal Jussara/GO.

Eu sempre os encontrava em sentido contrário de quando eu estava descendo um trecho de serra e eles subindo. Eles subiam, literalmente, com o motor gemendo, como se estivessem pedindo socorro. Essa era a imagem que me vinha a cabeça, quando, com todas as minhas forças eu arrastava aquela bike com aquele bitrem na traseira. E assim perdurou esse calvário até o sol começar a se pôr. O estomago pedindo socorro, porém com a sede já dominada pelas águas que coletei em duas nascentes que encontrei no caminho.

Finalmente, já sumindo o sol no horizonte, eu avisto, lá embaixo, Itambé do Mato Dentro. Eram 18:20h, quando cruzei a porteira de entrada da cidade, em uma ruazinha calçada de pedra. Ao primeiro transeunte que eu encontrasse, eu já tinha duas perguntas imprescindíveis a fazer. A primeira pergunta seria: aqui tem oficina de bicicleta? E a segunda seria: onde fica a Pousada?

47 O **Bitrem** é uma combinação de dois semirreboques acoplados entre si através de uma quinta-roda situada na traseira do primeiro semirreboque, tracionados por um cavalo mecânico. O cavalo, no caso, era eu.

Logo a frente, na ruazinha ainda calçada, encontrei um senhor varrendo o terreiro em frente sua moradia. Perguntei, então, ao cidadão:

– Boa tarde moço! onde fica a oficina de bicicleta?

– Boa tarde! Uai, seu moço, “nois aqui não tem oficina de bicicleta não!”– Respondeu ele, jogando um balde água fria na minha esperança de arrumar a bike.

– Obrigado então. O senhor sabe onde fica a Pousada Lava Pés?

– A Pousada sim, nois tem uma boa! – disse sorrindo e complementou– fica bem ali em cima – respondeu apontando para a ruazinha calçada que subia um morro muito íngreme.

– Moço, se ficar longe, não dou conta de subir não! – brinquei com ele,

– Não, não fica longe, é pertinho. – respondeu com um sorriso de compaixão, pois eu era, o retrato fiel da exaustão, feita de cansaço, suor e poeira, afinal foram 38 Km de muita terra, empurrando uma bike e puxando um bitrem!

Cheguei à Pousada. Foi um alento para tanto cansaço. A Pousada é, literalmente, entranhada em um bosque onde corre um pequeno rio com toda estrutura necessária ao hospede. Depois de ser recepcionado pelo proprietário, um jovem Senhor de nome João, praticante de caminhadas e escaladas em montanhas,

meus desejos eram, muitos: Tomar banho, matar a fome, resolver o problema da corrente da bike, resolver o problema do bitrem, refazer a planilha furada do Google Maps...

Antes de, até mesmo retirar o capacete, já fui indagando o Sr. João sobre minhas aflições.

- 1) Onde comer: na pousada não havia comida e nem havia restaurantes na cidade, pois é uma cidade pequena de pouco mais de 2 mil habitantes. Porém, havia um Pit Dog que abria por volta das 19:30h que além de hamburguês também fazia uma macarronada na chapa.
- 2) Onde consertar a Bike: Não, não havia oficinas. Nas redondezas também não existia. Levando em consideração a rota que eu seguiria, provavelmente, somente em Santa Bárbara, eu encontraria oficina de bicicleta, disse ele. Consultei meu mapa e verifiquei que Santa Bárbara estava a mais de 100 Km de distância, e me pus a imaginar eu tendo que enfrentar todo esse estradão de morros e morros, mais a corrente da Bike caindo e ainda tendo que empurrá-la com aqueles dois alforjes na garupa que pesavam mais do que um bitrem. Ufa, ufa!! Era muito sofrimento para uma alma só.

Depois de pensar na encrenca que eu tinha pela frente, e já me sentir cansado, lembrei-me do Dr. Sebastião Eurico, meu médico neurologista, que nas consultas anuais que eu fazia com ele, ele sempre perguntava o que eu tinha feito no ano anterior, e, ao contar minhas andanças, eu sempre falava das minhas longas caminhadas, sendo a última de 600 Km pelo Caminho da Fé. Porém, antes de eu chegar na metade da história, ele sorrindo, me interrompia, e fingindo estar ofegante dizia:

– Pode parar! só de você contar eu já estou morrendo de cansaço! Deus me livre de uma doideira dessa!– daí então, entre gargalhadas, ele começava a consulta.

Já de banho tomado e azul de fome, desci até a praça a procura do Pit Dog e da macarronada na chapa que eu jamais tinha visto e nem saboreado. Como o sabor do prato quase sempre está relacionado ao tamanho de sua fome, saí com a sensação que aquela foi a melhor macarronada que comi na minha vida. Depois de saciado, voltei para a Pousada. Era hora de traçar os roteiros em função dessa nova realidade: Uma Bike capenga, um bitrem na garupa, e um roteiro todo furado devido a minha crença no Google Maps.

Depois de muito conversar com o ⁴⁸Hospitaleiro, Sr. João, ele me disse que aquele trecho que eu tinha terminado, de Morro do Pilar até sua Pousada, era o

48 Dono e/ou Gerente da Pousada.

trecho mais difícil de toda a Estrada Real e que dali até Santa Bárbara, o caminho não era tão duro. Obviamente havia morros e morros mas alternando, com maior frequência, com algumas planícies. Portanto, devido o problema da Bike, eu poderia diminuir o tamanho dos trechos, ou seja, se antes eu iria fazer aquele percurso até Santa Barbara em 2 dias, eu poderia fazê-lo em 3 ou 4 dias.

Essa conversa com o Sr. João me animou bastante, refiz o roteiro para estar em Santa Bárbara daí a três dias, desse modo, mesmo com o problema na Bike, eu conseguiria chegar nos destinos programados. Faltava, porém, resolver o problema do bitrem (alforges), e colocar em prática a cultura do desapego. Lembrei-me de situações parecidas em andanças anteriores, onde, na medida em que eu ia me integrando ao caminho, eu ia percebendo que muitas das coisas que eu levava, não eram essenciais.

Desse modo, descartei ali, na Pousada do João, praticamente a metade das coisas que eu levava: 40 barras de cereais; 1 câmara de ar; 1 corrente reserva; 1 bermuda; 2 camisetas e mais algumas bugigangas. Logicamente não descartei o meu apito de enfrentar onça, que tinha um jeito de bugiganga mas o vendedor do site “Xing Ling” da internet me garantiu que não era bugiganga, e, com aquele apito, eu estaria garantido contra as onças. Eu não estava muito confiante naquele apito, pois, em 2015 eu tinha comprado um, também

em um site “Xing Ling”, para espantar cachorro, quando fiz o Caminho da Fé.

O problema foi que só pude testar esse apito de espantar cachorro nos cachorros da cidade e funcionou perfeito, porém, quando precisei para usá-lo nas trilhas do Caminho da Fé, nos cachorros da roça, eles simplesmente o ignoravam e, com isso, tomei muito bafo de cachorros nas canelas no Caminho da Fé.

Porém, quem sabe, esse apito para espantar onça funcionasse, apesar de não o ter testado na cidade. O que me levou a procurar e comprar esse apito de enfrentar onça foi um episódio que aconteceu comigo no Caminho da Fé, que episódio foi esse? Segue:

⁴⁹– Um momento, por favor! Apressei o passo e ao perceber uma jovem senhora segurando a porta entreaberta lhe disse sorrindo:– A senhora não vai deixar um Peregrino do Caminho da Fé passar fome, vai!? Um enorme sorriso brotou do seu rosto e ela respondeu:

– Claro que não! Entre!! Apesar do horário, o restaurante era self service e ainda havia inúmeras variedades para se servir. Como eu fui o último cliente do restaurante, conversamos bastante sobre o caminho e a surpresa das pessoas geralmente era muito grande quando descobriam que eu havia iniciado o caminho em Sertãozinho e não em Tambaú que fica a apenas 36 km dali, enquanto Sertãozinho fica a 200 km.

49 Livro: saudade do Futuro – Valdir L. Queiroz– Fls. 66/68

Outra coisa que trazia surpresa a todos era o fato de eu estar fazendo o caminho sozinho. Demonstrando a sua preocupação ela disse:

– Mas se você se machucar, passar mal, algum animal peçonhento de picar ou for atacado por uma onça!? É muito perigoso. Concluiu ela com um ar de preocupação.

– Não, não tem perigo... E onça não existe mais. Respondi sorrindo.

– Nesta região, daqui pra frente, tem onça sim. Semana passada uma onça passou em frente ao carro do meu pai quando ele ia para a fazenda. Disse ela, ainda com preocupação.!

– É mesmo? Eu não sabia! Mas de qualquer modo tenho meu cajado e mais três companhias– disse eu.

– Mas você não disse que caminhava sozinho?

– Ah sim! Eu caminho sozinho, mas tenho três companhias muito especiais: Thiaguim, Fatinha e Cidinha!

– Quem são eles? Ela indagou, já com um sorriso.– São Thiago, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida! São meus anjos da guarda! Respondi sorrindo.

– Você está muito bem acompanhado! Disse ela sorrindo muito.

Depois do almoço e da cordial conversa, sai já com dois problemas na cabeça: o problema antigo, que era a emenda da mangueira na minha bolsa de água e o problema novo, que era a tal onça naquela região. Ao sair do restaurante, virei à esquerda e logo à frente vi uma praça.

Pensei comigo, nada melhor do que um banco de praça para deixar as ideias vagarem e encontrarem o caminho do mar.

Depois de muito matutar, para o caso da onça, a melhor solução que encontrei era procurar um canivete para comprar. Pois pensando bem, eu tenho três anjos da guarda: Thiaguim, Fatinha e Cidinha. O canivete seria só pra eu dar uma ajudinha, pois não seria justo eu ficar de braços cruzados enquanto meus anjos da guarda se atrasassem com a onça! Para o caso da Chupeta do Théo, a solução era simples, se a borracha da chupeta durou três etapas de caminhada e ainda faltavam 19 etapas de caminhada, bastava eu comprar sete chupetas e ir trocando as borrachas a cada três etapas de caminhada.

Depois das soluções na cabeça, passei em uma farmácia e em um Xing Ling, ali mesmo ao lado da praça, e fiz a feira. Voltei para o Convento já armado com um canivete e com 8 chupetas, uma de reserva!

O Astronauta

11ª etapa:

⁵⁰Itambé do Mato Dentro/MG– Ipoema/MG.
Distância até Paraty/RJ.: 970 km

O Portal da Estrada Real descreve esse trecho assim:

O trecho oscila com subidas curtas e partes planas. Os primeiros 14 Km são percorridos no asfalto. O

50 **Itambé**– Com uma população média de 2.500 habitantes. É uma cidade de Pedras, montanhas, florestas, rios de corredeiras, cavernas e sítios arqueológicos compõem o cenário natural onde se localiza o município de Itambé do Mato Dentro. Encravada no alto da Serra do espinhaço nos contrafortes da Serra do Cipó, a localidade é roteiro original da Estrada Real. No ano de 1.718, Francisco Albernaz e família deram início a fundação do município. Os primeiros habitantes foram os índios Tupis, cujos sinais de existência estão em vários sítios arqueológicos da região. Sabe-se, por tradição, que este povoado foi fundado pelo Bandeirante Romão Gramacho, no final dos séculos XVII e início do século XVIII, nele permanecendo alguns anos, ocupando na extração de ouro. Ergueu na rua das cavalhadas uma capela dedicada a Nossa Senhora das Oliveiras, porém tal construção era coberta de palha, já tendo desaparecido seus últimos vestígios, hoje no local encontra-se a Matriz. Em 1.943, ao ser criado o município de Santa Maria de Itabira, transferiu-se o distrito de Itambé para o novo município, porém a emancipação veio em 01 de março de 1.963, passando a categoria de município. Fonte: Acervo/Inventário Turístico da Secretaria Municipal de Turismo.

Percurso entre Itambé do Mato Dentro e Ipoema possui um forte diferencial, nele é possível avistar, respectivamente, as serras do Lobo, dos Linhares e dos Alves, que no km 12,7 se apresentam imponentes uma ao lado da outra. O trecho é longo até a cidade de Ipoema, mas a presença do povoado de Senhora do Carmo garante ao viajante tranquilidade. O lugarejo, que surgiu no século XVIII, tem como um dos seus principais atrativos a vila de Serra dos Alves com suas bonitas cachoeiras de águas transparentes, sendo que uma delas, a cachoeira da Boa Vista, corta à estrada, revelando uma vista de fazer inveja às demais, garantindo um dia de visita com grandes emoções. O percurso termina no distrito de Ipoema, que tem a sua história ligada ao tropeirismo, o distrito servia como passagem de carregamentos e suprimentos que abasteciam a região. Alguns dos principais atrativos encontrados neste bucólico lugar são o Museu dos Tropeiros, o povoado do Macuco e as cachoeiras da região, com destaque para a Cachoeira Alta, com 110 metros de queda. Ipoema oferece infraestrutura turística. Atenção!! Este trecho está sendo asfaltado, por isso atenção ao trânsito de caminhões, tenha muito cuidado!

De manhã bem cedo, como único hospede da Pousada, ao me dirigir ao salão do café da manhã, levei um grande susto ao me deparar com um “astronauta” no salão do café da manhã. Teria havido uma catástrofe nuclear no meio da noite e eu nem tinha percebido?

Seria um novo Césio-137 no Brasil, como ocorreu em Goiânia em 1.987? Esse episódio, surreal, contarei em detalhes logo a frente.

Depois do susto com o astronauta no café da manhã e já de corpo e alma renovada pelas conversas que tive na noite anterior com o Sr. João e com os pertences que abandonei, eu me sentia confiante rumo a Ipoema, passando antes, na metade do caminho, pelo vilarejo de Senhora do Carmo. Saindo da porta da Pousada, rumo a saída da cidade, é tudo descida.

Antes de deixar a cidade você passa por uma espécie de portal da cidade, onde de longe já avistei duas pessoas em uma cabana de lona com umas bandeirolas para parar e “investigar” quem entrar na cidade. É o chamado controle da Covid pelos prefeitos “cientistas” que fazem tudo em nome da “çiênssia”. Apenas para ilustrar o surto de loucura que acometeu o Brasil no período da pandemia, transcrevo abaixo trecho do capítulo 13 do excelente livro de Guilherme Fiuza chamado Passaporte 2030.

Carlos Henrique Provetta é médico. Quando apareceu uma epidemia ele tranquilizou a todos: deixem esse vírus comigo.

Como vamos enfrentá-lo? — quiseram saber os curiosos.

Provetta não piscou: no gogó.

Alguns inocentes não entenderam a resposta, mas o médico teve paciência para explicar cientificamente o seu brado: quem se garante enfrenta epidemia no gogó. Eu fiz o Juramento de Hipócrata.

Fim de papo. Todos sabiam que um juramento desses torna qualquer um invencível — o que vem a ser a principal qualidade do herói. E um herói atrai imediatamente as câmeras de TV principalmente depois de afirmar que vai salvar o seu povo no gogó. Luz, câmera, falação.

Lá se foi o dr. Provetta matraquear pelos cotovelos, ao vivo, quase 24 horas no ar. Um show. Ninguém tirava o olho do herói — qualquer distração poderia ser fatal. Vai que você perde alguma palavra-chave e fica indefeso diante do perigo?

Ele falou de tudo. Disse que a culpa era dos ricos e a favela ia se ferrar. Mas ele. Dr. Provetta, não hesitaria em ter uma conversa civilizada com os assassinos que mandam nos morros — porque traficante também é ser humano e os facínoras haveriam de ter sensibilidade social e sanitária.

Foi praticamente uma aula de sociologia, como se diz no botequim. Com todo respeito ao botequim.

Tudo isso de graça. Só um missionário, altruísta, um Robin Hood da ciência, compartilharia tanto saber sem cobrar nada de ninguém. Trásbordante de empatia e comiseração, o médico revolucionário disse para todos se isolarem uns dos outros — nada de aproximações inoportunas que pusessem vidas em risco. Foi então visto num

ambiente fechado e aglomerado, sem máscara, abraçando seus áulicos e cantando sorridente: “Viver e não ter vergonha de ser feliz...”. Ou viver e ser feliz de não ter vergonha (há controvérsias sobre o refrão entoado).

Só uma meia dúzia de inocentes (sempre os mesmos) quis saber se a muvuca do Provetta não contrariava suas diretrizes de isolamento. É uma gente obtusa e azeda, que não suporta a felicidade alheia. Dessa vez, o médico revolucionário nem perdeu seu tempo explicando o óbvio: quem faz o juramento de Hipócritas tem a obrigação de se aglomerar por trás do distanciamento social. O escândalo seria jurar hipocrisia e não praticar.

Esses cétricos niilistas jamais compreenderão o poder sagrado do juramento para um homem de fé.

Foi assim que dr. Provetta mandou todo mundo ficar em casa em nome da vida e foi jogar sinuca no boteco em nome da ciência. Sem máscara, que ninguém é de ferro – e o povo precisa reconhecer a fisionomia do seu herói prá se sentir seguro.

Então lá estava ele, de cara limpa, mostrando que o verdadeiro médico confia no seu taco quando vê alguém pela bola sete. Viver e não ter vergonha de ser feliz, cantar e ser feliz de não ter vergonha. O juramento do hipócrita nunca tinha sido cumprido com tal abnegação.

E você, que talvez nem mereça, recebeu mais uma lição de graça: o boteco não é só o lugar da sociologia. É também o lugar da ética.

O que deixou o povo um pouco confuso foi a reaparição do dr. Carlos Henrique Provetta de máscara. Ok, agora ele não estava no botequim, mas estava no circo — e aí já começou uma polêmica sobre as supostas diferenças científicas entre circos e botequins, porque todos sabem que palhaços e bêbados são iguais perante a lei e ninguém toleraria diferenças de protocolo sanitário entre essas duas instituições milenares. Mas logo tudo se esclareceu.

Provetta estava de máscara porque se encontrava diante de Renan Calheiros — e mesmo um herói invencível tem seu momento de autocontenção.

A máscara ali não era um sinal preocupante de que o médico salvador pudesse estar começando a sofrer de vergonha na cara (a ponto de escondê-la). Era só um sinal de reverência a um ídolo, porque quem fez o Juramento de Hipócrata sabe reconhecer um superior juramentado. Enfim, foi um momento bonito na história da medicina. Solta o Som, Dj: viveeeeer e não ter a vergonha... etc.

Longe dos gabinetes abastados e das quarentenas VIP, a travessia foi um pouco diferente.

Não tenho nada contra quem tomou ou deixou de tomar a vacina, apenas entendo que a mesma não pode ser obrigatória. Chegamos à loucura de ter cidadãos e cidadãs sendo, literalmente campeadas, feito gado para o abate, em praças, praias e parques. O que torna o “astronauta” que encontrei hoje no café da manhã,

apenas uma confirmação dessa histeria coletiva. Ao me deparar, de manhã, com aquele “astronauta” no salão do café, meu cérebro demorou a entender o que se passava, ou melhor, não entendeu nada. Mas, no entanto, aquele cidadão com aquele avental todo branco, de manga comprida, do pescoço até aos pés, com uma bota toda branca e uma espécie de elmo, também branco, na cabeça, com uma viseira tampando todo o rosto, nada mais era do que o Sr. João, dono da pousada vestido com a indumentaria imposta pela vigilância sanitária do município para quem lida com transeuntes, como eu, e com alimentos, como o Sr. João.

Voltando à estrada, onde o cansaço está sempre presente, pois nestas terras de Minas, não existe trecho fácil ainda mais com a limitação da bike. Consegui chegar à metade do Caminho, em Senhora do Carmo, ainda com bom ânimo para chegar ao destino de hoje, Ipoema. Depois de um breve descanso, por volta das 15 horas cheguei a Ipoema. Hospedei-me na Pousada Estrada do Rei. Ali, também, não havia oficina de Bike. Por outro lado, eu já tinha decidido que iria arrumar a bike em Santa Bárbara, dali a dois dias de distância.

Depois de renovar as energias, tomando um banho e almoçando um delicioso PF (Prato Feito) “compactado”, ao estilo Pedro Mendonça, com o tradicional, arroz, feijão, bife acebolado, tomate e ovo frito, me senti fortalecido e já sem medo da trilha de amanhã até Cocais.



Trinta e Cinco Anos Depois

12ª etapa:

⁵¹Ipoema/MG– Cocais/MG.

Distância até Paraty/RJ.: 934 km

O dia amanheceu entre nuvens e com bastante frio para um Goiano, porém, este tipo de tempo para o pedal em trilhas, é como céu de brigadeiro para os pilotos. Uma analisada na altimetria do caminho até Cocais, era a mesma de sempre: um eletrocardiograma. Antes de chegar a Cocais o trajeto passa por Bom Jesus do Amparo, cujo trecho até lá, o Portal do Instituto da Estrada Real, o descreve assim:

51 Distrito de Itabira, Ipoema foi rota da Estrada Real, por onde passavam as tropas com produtos alimentícios e minerais. Em razão disso, sua principal atração é o Museu do Tropeiro, que guarda a história desses viajantes com peças que retratam seu cotidiano e seu trabalho. A Fazenda Cachoeira Alta possui o principal atrativo natural do distrito, a Cachoeira do Macuco ou Cachoeira Alta, como também é conhecida. O Morro Redondo possui vista panorâmica de paisagens e das cidades dos arredores. No topo encontra-se a Capela do Senhor do Bonfim. Próximo ao local fica a Cachoeira do Morro Redondo, onde o turista pode se refrescar após contemplar a vista. É recomendável a contratação de um guia turístico.

Em geral, o turista encontrará uma estrada asfaltada plana em boas condições e com a presença de leves descidas e subidas. Devido à baixa vegetação circundante, há pouca sombra, garantindo uma vista melhor das bonitas paisagens, principalmente àquelas ligadas a Serra do Caraça. Um ponto que chama a atenção é no marco 409, onde é possível avistar a Fazenda Colonial Cabo de Agosto, na qual já era citada por Saint-Hilaire, botânico e naturalista do século XIX, em seus relatos de viagem. O curto trecho termina na cidade de Bom Jesus do Amparo, na qual, uns dos principais atrativos é a Igreja da Matriz, construída em estilo colonial, que possui a única estatua do Brasil de Jesus cristo quando criança.

O trecho seguinte até Cocais é totalmente diferente dessa primeira etapa, vide:

A estrada inicia-se asfaltada, porém, após o marco 417, o caminho passa a ser predominantemente de terra com muito cascalho e algumas valas, mas como um todo, o percurso está em boas condições, sendo boa parte praticada em terreno plano. A paisagem marcante deste caminho são principalmente as plantações de café, que embelezam a paisagem com suas grandes extensões e que, em alguns trechos, abrem espaço para florestas de eucalipto, mesclando as paisagens e tornando o caminho realmente belo e agradável.

Neste trecho o auxílio à planilha é de suma importância, já que, principalmente nas florestas de eucalipto, onde a abertura de novas estradas é muito frequente, o perigo de se perder pode ser maior. A planilha é fundamental, também, no cruzamento da BR 381 e no trevo na saída de Bom Jesus do Amparo, pontos de difícil entendimento.

O trecho termina no vilarejo de Cocais, que apresenta infraestrutura turística boa. Cocais foi fundado em meados do século XVIII a partir da vinda de bandeirantes na busca pelo ouro, conservando, nos dias de hoje, traços da época de esplendor deste metal, como seus casarões e igrejas, sendo uma delas construída totalmente em pedras, datada de 1769. Outro ponto forte são as cachoeiras que se encontram na região. Atenção!! Devido aos trechos dentro da área do eucalipto, algumas ruas são abertas e ou fechadas, por isso prestar muita atenção na planilha.

Cocais é um pequeno distrito de Barão de Cocais com menos de 3.000 habitantes e está encravado dentro de um vale, parecendo que tinha o propósito de se esconder quando construído. Como é uma cidade turística, tem uma excelente pousada na qual fiquei hospedado, Pousada & Restaurante Vila Cocais.

Mais uma vez tive bastante desavenças com minha Bike: eu querendo que ela me levasse e ela que-

rendo que eu a levasse, e nesse dilema todo, apesar do trecho pequeno, o cansaço foi grande, porém cheguei feliz em Cocais, pois agora faltava somente a etapa de amanhã para chegar em Santa Bárbara e colocar a bike no estaleiro. Por outro lado, eu tinha mais de um motivo para chegar em Santa Bárbara.

O primeiro motivo era a chegada do meu parceiro de pedalada, Gabriel Valverde, quase um filho, quase um neto, quase um irmão, mas antes de tudo um amigo. Tem apenas 15 anos e transpira testosterona. Chegaria de Brasília no dia seguinte, e pelos nossos planos, a gente iria pedalar uns dias juntos. Eu iria receber, também, a visita de minha eterna ficante preferida, Adriana Mendonça, juntamente com minhas amigas Bel (Isabel Guijarro) e D. Isis Amaral e, ainda, o meu amigo e quase peregrino, Seu Odézio. Portanto, depois de tantas agruras estava chegando a hora de repor todas as energias perdidas.

O segundo motivo era que eu iria rever a cidade onde eu já havia morado em 1.986, por quase um ano, há 35 anos, quando da minha vida como Químico Industrial trabalhando em usinas de mineração. Portanto, a expectativa de rever e reviver toda aquela época, 35 anos depois era grande. A expectativa de ver ou rever algum amigo daquela época, não existia, pois todos nós que moramos naquela cidade, naquela época, éramos, forasteiros.

Fiz dois grandes amigos naquela época, infelizmente os dois já nos deixaram. Um, meu amigo e Compadre Aroldo Martins que já falei dele e o outro meu amigo e companheiro de turno na Usina São Bento Mineração, em Santa Bárbara, Alcides (Negin). Era a alegria em pessoa, sorriso de orelha a orelha. Nos deixou em 1.989, um ano depois da minha mudança para trabalhar na Rio Paracatu Mineração, em Paracatu/MG. Portanto, era com alegria e tristeza que eu retornava àquele lugar.



No Estaleiro

13ª etapa:

⁵²Cocais/MG. – Santa Bárbara/MG.

Distância até Paraty/RJ.: 897 km

Quando o amanhecer chegou, muito frio, já me encontrou acordado e preparando as tralhas para pedalar. Pela estudada que eu havia dado do trajeto, seria um trajeto curto, 14,5 Km até Barão de Cocais e depois mais 14 Km até Santa Bárbara, porém, o Portal do Instituto da Estrada Real alertava:

“O trecho entre Cocais e Barão de Cocais requer bastante atenção por se tratar de um caminho repleto de entraves como mata-burros em descidas, diferentes estradas e cruzamentos, além de, em épocas de chuva, solos escorregadios. Entretanto, é um trecho de rara beleza, percorrido durante quase todo tempo

52 **Cocais** é um distrito de **Barão de Cocais** em Minas Gerais, e uma das relíquias da **Estrada Real** no Caminho dos Diamantes. Sua população é de menos de 3.000 habitantes. Rodeada de montanhas e belíssimas paisagens, **Cocais** é um destino que atrai diversos turistas que buscam tranquilidade, segurança, bem estar e aventuras junto à natureza, devido a sua diversidade de fauna e flora, belas cachoeiras, trilhas e sítios arqueológicos.

dentro de uma floresta de eucaliptos, formando uma paisagem sombria em algumas épocas do ano. No marco 451 encontra-se o Sítio Arqueológico da Pedra Pintada que merece ser visto, lá encontram-se pinturas rupestres de 6.000 anos atrás, além de uma paisagem deslumbrante, onde é possível avistar algumas cidades.

O trecho termina na cidade de Barão de Cocais, que apresenta infraestrutura turística. Barão de Cocais foi fundada no século XVIII, mantendo como ponto de atratividade suas belas cachoeiras, além das ruínas do Congo Soco, uma antiga mina adquirida pelos ingleses no século XIX e que acabou se transformando em uma vila britânica, possuindo hospital, capela e cemitério particular. O conjunto das ruínas de Congo Soco é tombado pelo Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico (IPHAN) desde 1995. No trecho entre Barão de Cocais e Santa Bárbara a estrada está em boas condições e no decorrer do caminho a mata é predominantemente fechada, possibilitando bastante sombra.

O trecho termina na cidade de Santa Bárbara, erguida nas margens do ribeirão de Santa Bárbara em 1704, sendo uma das mais antigas cidades mineiras, tendo seu apogeu durante o ciclo do ouro e que, após o declínio das minas, passou a ser importante entreposto de abastecimento, de onde partiam cerca de 600 tropas de mulas por dia. A cidade conta com igrejas centenárias, como a Matriz de Santo Antônio, Nossa Senhora das Mercês e a Igreja do Rosário, além dos seus belos e imponentes casarões

coloniais, compondo a infraestrutura turística completa de Santa Bárbara.

Apesar dos alertas, todo o trajeto foi bem tranquilo, sendo essa tranquilidade quebrada apenas algumas vezes pela queda da corrente, que me obrigava a parar, encher as mãos de graxa para colocar a corrente, e seguir em frente. Eu já tinha me habituado a esse incidente, pois de Morro do Pilar, onde iniciou o problema na corrente, até Santa Bárbara, são mais de 100 Km e nesse trajeto a corrente tinha caído no mínimo umas 30 vezes o que comprova que, com resiliência, o ser humano se adapta a tudo e ao contrário de alguns vídeos da internet, que mostra alguns ciclistas tentando destruir sua bike, só porque a corrente caiu, eu consegui controlar bem a vontade de destruir minha bike.

Cheguei em Santa Bárbara em um dia de domingo e a oficina de bike estava fechada. Fui direto para a Pousada e no dia seguinte meus convidados chegariam. Portanto, meu plano era arrumar a Bike na segunda-feira e na terça já estar pedalando com meu amigo Gabriel Valverde. Como eu não havia enviado cópia dos meus planos para o Sr. Destino, deu tudo errado.

Na segunda-feira bem cedo levei, a Bike até a oficina. Depois de avaliar o problema o diagnóstico foi que para solucionar o problema seria necessário trocar todo o conjunto passador de marcha e esse conjunto,

por ser específico, teria que vir de Belo Horizonte. E sendo assim, somente poderiam me devolver a Bike na quarta-feira. Logo depois o pessoal da comitiva que vinha me visitar e dar suporte para o Gabriel chegaram e ficamos todos hospedados na Pousada Toca da Coruja, entre Santa Bárbara e o Santuário do Caraça. Aproveitamos a folga forçada para “turistar” na região visitando as igrejas históricas, o Caraça e o vilarejo de Catas Altas.

Conforme a programação do concerto da Bike, eu a pegaria na quarta-feira à tarde, portanto, já planejamos retornar ao caminho na quinta-feira, ou melhor, eu retornando e o Gabriel começando. Iriamos fazer o trajeto de Santa Bárbara a Santa Rita de Durão.

O Milagre

14ª etapa:

⁵³Santa Bárbara/MG – Santa Rita de Durão/MG

Distância até Paraty/RJ.: 857 km

Conforme a logística traçada, peguei a bike, “zerada” na quarta. Com isso, meu animo estava nas alturas, era a bike zerada e ainda um parceiro de pedalada. Traçamos todas as estratégias para o dia seguinte, o roteiro seria de 40 Km de Santa Bárbara a Santa Rita de Durão, passando antes pelo vilarejo de Catas Altas. O Seu Odézio nos levaria de carro da Pousada Toca da Coruja, onde estávamos hospedados, até Santa Bárbara, e de lá, pegaríamos a trilha rumo a Santa Rita de

53 **Santa Bárbara:** Suas origens remontam o período da exploração do ouro em Minas Gerais, no início do século XVIII. Em 1713 a igreja Matriz de Santo Antônio começou a ser construída e teve seu primeiro Padre colado (aquele vitalício, não pode ser removido, ao contrário do encomendado que pode ser removido). O município, um dos maiores do estado, reunia 11 distritos: Santa Bárbara, Rio São Francisco, São Gonçalo do Rio Abaixo, São João do Morro Grande, Conceição do Rio Acima, Nossa Senhora dos Cocais, São Miguel do Piracicaba, Catas Altas, Conceição do Mato Dentro, Bom Jesus do Amparo, Socorro e Brumado. O filho ilustre, Affonso Penna, se torna o quinto Presidente da República. Foi um típico representante das elites de Minas Gerais teve uma carreira política notável que começou no império, terminando na Presidência da República, no período de 1906 a 1909.

Durão. Esse trajeto é descrito assim, pelo Portal do Instituto da Estrada Real:

“Santa Bárbara a Catas Altas: Tratando-se de um trecho relativamente plano, o caminho entre Santa Bárbara e Catas Altas oferece muitas opções e curiosidades ao turista que deve sempre estar atento para não se perder, pois há muitos desvios. Para veículos 4x4 o caminho, logo no início, apresenta um pequeno contratempo, uma trilha de 3 km impossibilita a passagem, porém, pode ser contornada através de um desvio, em estrada de terra, em seu princípio.

A paisagem do percurso se revela muito bonita, sendo que, em alguns trechos, a vista da Serra do Caraca, ao fundo, é a beleza mais característica. Em determinado local o viajante terá que passar por dentro de uma fazenda, terminando o percurso debaixo de um túnel da linha férrea, e que, logo depois, deverá ser continuado seguindo os trilhos. No marco 505 é obrigatória uma parada para apreciar o Bicame de Pedra, que é um aqueduto construído pelos escravos em 1792, de 4 metros de altura, onde suas pedras foram postas sob pressão, sem qualquer tipo de concreto, sobre o qual corria água para abastecer as antigas fazendas da região.

O trecho chega ao fim na cidade de Catas Altas, que foi fundada em 1703, a partir da vinda de bandeirantes em busca do ouro e pedras preciosas. Com o esgotamento das minas a cidade viu a sua economia entrar em deca-

dência, até o naturalista Sainte Hilaire sugerir a substituição da exploração do ouro por ferro, que é abundante na região, reerguendo o status local. A cidade abriga um dos mais harmoniosos conjuntos arquitetura colonial mineira, integrado por igrejas e casarões complementados, ao fundo, pela magnífica Serra do Caraça. Catas Altas oferece infraestrutura turística

Catas Altas a Santa Rita de Durão: *De uma bela singularidade, o percurso entre Catas Altas e Santa Rita Durão pode ser dividido em dois momentos. O primeiro é realizado em uma estrada de terra conhecida como “Trilha Parque”, possuindo boas condições e grande parte de seu percurso é plano, facilitando a passagem de diferentes meios de transporte ou mesmo a pé. Já na segunda parte, o viajante se depara com o povoado de Morro d’Água Quente e até Santa Rita Durão o trajeto passa a ser por uma estrada construída em cima de uma montanha de minério de subidas e descidas, porém não impede o acesso dos praticantes, mesmo sendo a cavalo ou de bicicleta.*

O arraial de Morro d’Água Quente não apresenta infraestrutura turística, porém a curiosidade de seu nome, surgido devido às fontes termais que existiam da região, destruídas pelas escavações do ouro, já valem a visita. Ainda no caminho entre Morro d’água Quente e Santa Rita Durão, o viajante passa pelo aterro sanitário da região, que já ganhou alguns prêmios por ser exemplo e servir de modelo a outros devido a suas condições ecológica-mente responsáveis. Neste ponto também é possível avistar o Pico do Baiano, localizado na Serra de Catas Al-

tas, e que abriga locais para a prática de escalada e outros esportes radicais.

Ao final, o turista chega a Santa Rita Durão, terra do poeta Frei José de Santa Rita Durão. A cidade foi fundada em 1702, e guarda o aspecto pacato das cidades do interior mineiro, além de contar com belos exemplares da arquitetura colonial, como a Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que foi restaurada pelo IPHAN.

Na manhã seguinte, quinta-feira, já bem cedo, com um frio intenso, levantamo-nos para percorrer o percurso descrito acima. Fomos agraciados com um reinício em grande estilo, pois toda a comitiva, Adriana, Bel e D. Isis e Seu Odézio foram, juntos, conosco até o início da trilha que começava na rua lateral do Auto Posto H7. O Combinado com o Seu Odézio era que por volta das 15:00h ele fosse nos buscar em frente à igreja de Santa Rita de Durão. Aí alguém indagou:

– Onde fica essa igreja?

– Ora não sei deve ficar na praça – respondi.

– E onde fica essa Santa Rita de Durão – Perguntou a mãe.

– Para ir de carro eu não sei, só sei pelas trilhas do meu GPS, porém, pelo Google Maps deve ser fácil chegar lá – respondi.

– Sim, é fácil! – sacramentou seu Odézio.

Era um reinício de muitas expectativas. A bike teria ficado boa?, a corrente não iria cair?, Eu conseguiria domar o Gabriel para retirar o ritmo de competição e manter um ritmo de avistar passarinhos? Só o caminho dirá. O meu ânimo era total, pois, ora, eu estava com uma bike zerada, com um parceiro cheio de gás e o mais importante, eu estava sem o “bitrem” (alforges) na garupa da bike, pois agora não era necessário transportar minha tralha toda, pois ao final da pedalada o Sr. Odézio nos pegaria e levaria para a Pousada e no dia seguinte nos traria de volta para continuar o roteiro de onde havíamos parado. Isso era o combinado.

Depois de despedirmos e anotarmos as “miliuma” recomendações das damas, elas voltaram com Seu Odézio para a Pousada e de lá iriam providenciar a mudança para outra Pousada em Ouro Preto. E nós, eu e o Gabriel, partimos por uma rua lateral adentrando em uma trilha cercada de uma pequena plantação de bananeiras. Menos de 30 minutos depois de iniciarmos a pedalada já em uma trilha estreita e bem batida, pois era trilha de gado, e que se estendia por uns 3 Km, senti que o pneu dianteiro da minha bike estava muito vazio. Achei estranho, pensei que estava vazando no bico, mas não estava. Parei, peguei a bomba que levava e enchi bastante e seguimos. Em menos de 10 minutos de pedalada o pneu estava vazio novamente. Caracas, pensei comigo, não bastaram

os 100 Km com a corrente caindo, agora é o pneu furado? Não tem problemas, pensei comigo, eu tenho o kit de remendo aqui.

Paramos, retirei o pneu da bike e em seguida a câmara de ar. Enchi a câmara de ar, inspecionei, mas não tinha nenhum furo. Como assim, uai!? Exclamei para o Gabriel. Ele também não estava entendendo nada. Pois vistoriou a câmara de ar e não achou nenhum furo. Foi quando então lembrei da época em que eu tinha uns 12 anos e trabalhei em uma oficina de bicicleta, na minha terra natal, Jussara/GO., no longínquo ano de 1.970. Lembrei-me da técnica que usava quando não conseguia encontrar nenhum furo na câmara de ar do cliente e ele reclamava que o pneu não parava cheio. Pimba, é isso! Pensei comigo, deve ser no bico que está vazando. Forcei o bico de um lado pra outro e então o ar vazou. Senti alívio por ter descoberto o problema e, ao mesmo tempo, um calafrio porque sempre que o vazamento é no bico, não tem conserto, você tem que trocar a câmara de ar. Então o Gabriel falou:

– Beleza, vamos trocar a câmara de ar.

– Não tem como trocar, eu a descartei 100 Km aí pra trás, lá em Itambé do Mato Adentro, para diminuir o peso do ‘bitrem’ que eu puxava. – respondi.

Porém, o milagre aconteceu, o Gabriel tinha uma câmara de ar reserva. Explico o milagre. Eu já tinha

feito algumas pedaladas curtas com o Gabriel e conhecia o seu desapego por qualquer acessório na sua bike. Se kit para remendo de pneu e a bomba de encher o pneu ele nunca carregava porque dizia que era acessório, e chamava a minha bike de “penteadeira de puta”, só porque tem os acessórios essenciais e umas “luizinhas” a mais, imagina se eu esperaria dele uma câmara de ar reserva? Jamais! Porém, ele tinha uma câmara de ar reserva! Aí está o milagre! Logicamente o santo, ou melhor, as Santas desse milagre têm nome: Bel e D. Isis. Trocamos a câmara de ar e o problema acabou.

Seguimos nosso pedal e logo logo os morros começaram a aparecer. No entanto, com minha bike “nova” e sem o “bitrem” eu já conseguia ficar muito mais tempo pedalando do que empurrando. Por outro lado o Gabriel, 50 anos mais novo do que eu, descansado e com uma bike que subia até em parede, no mesmo ritmo que ele descia um morro ela subia o outro e ficava me esperando lá em cima. O problema era que quando eu chegava lá em cima, todo “esbaforido”, botando os bofes pra fora, – como dizia meu pai, – e ele, então, já descansado e montado na bike, já gritava:

– Vamos!?

– Opa, para aí, espera eu descansar! – respondia eu, e complementava – Vou descansar até a gente ver

um passarinho em alguma árvore.

E assim ficou nosso combinado, de modo que, quando eu chegava lá em cima no morro, o Gabriel já estava campeando passarinho nas árvores com o olhar e tentando me mostrar pra voltar logo a pedalar. Por outro lado, eu acho que o cansaço faz mal para as vistas, pois eu só conseguia enxergar o passarinho depois de descansado.

Depois de muitas subidas, descidas, e passarinhos, chegamos ao marco 505, onde estão os restos históricos do Bicame de Pedra, que é um aqueduto construído pelos escravos em 1792, de 4 metros de altura, onde suas pedras foram postas sob pressão, sem qualquer tipo de concreto, sobre o qual corria água para abastecer as antigas fazendas da região. Fizemos uma parada ali para o lanche e prosseguimos.

Por volta das 16:00h chegamos ao nosso destino do dia, Santa Rita de Durão. Chegando até a igreja, na praça, conforme o combinado, o Sr. Odézio deveria estar lá nos esperando, mas não estava. O Gabriel sacou do seu celular e tentou ligar diversas vezes para o seu Posto Ipiranga, a mãe, e não conseguiu. Não tinha sinal. O jeito foi esperar.

O tempo foi passando, o mosquito do final de tarde, atraído por sangue novo, foi chegando e trazendo o frio junto, pois o sol já se punha no horizonte. Eu já tinha dado uma olhada no meu guia e não constava

nenhuma pousada, o que era compreensível, pois o vilarejo tem menos de 2.000 habitantes. Porém, eu, com meus 50 anos de bagagem a mais do que o Gabriel, estava tranquilo, pois já tinha aprendido que imprevistos, sempre pode acontecer e, como dizia Guimarães Rosa,

■ *“... o que essa vida quer da gente é coragem!”*

Portanto, não precisava preocupar, pois apesar desses vilarejos não ter pousadas, sempre tem alguém de coração grande para acolher os que precisam, foi o que aprendi com o “Editor” do nosso destino que diz, em Lucas, 12:27-31:

■ *“... Olhem os lírios do campo, que não trabalham nem tecem! E, contudo, nem Salomão em toda a sua glória se vestiu tão bem como eles. E se Deus veste a erva do campo, que hoje é viçosa e amanhã é lançada no fogo, não acham que vos dará também o necessário, almas com tão pouca fé?”*

O imprevisto sempre nos oferece algo novo, basta ter ouvidos para ouvir. Enquanto o Gabriel dava voltas no pátio da igreja, na bike, para fugir do frio, eu, sentado na escadaria da igreja era agraciado por um coral de vozes de duas meninas, de uns 12 anos,

que, sentadas, sobre a mureta do pátio da igreja, ensaiavam, cantando hinos de louvores. Provavelmente faziam parte do coro da igreja e teria ensaio naquele dia. Inesquecível!

Mesmo inebriado pelos salmos, avistei lá longe, na rua que chega até a igreja, um ciclista, como nós, empurrando a sua bike rumo a igreja onde estávamos. Veio até nós e iniciamos uma conversa. Disse que estava vindo de Cocais e seu destino final seria Ouro Preto, porém, iria pousar ali aquela noite. Quando ele disse “pousar ali”, o Gabriel arregalou os olhos de alegria e perguntou:

– Tem lugar de dormir aqui?

– Sim, tem uma pousadinha nova ali naquela rua, e eu já até reservei.– Respondeu o ciclista.

– Viu Gabriel, agora estamos sossegados, se o Sr. Odézio não aparecer a gente já tem onde pousar.– Disse eu.

Não demorou nem 20 minutos, enquanto ainda conversávamos com o ciclista, mas já escuro, o Sr. Odézio chegou para nos resgatar e o sorriso do Gabriel voltou de orelha a orelha! Aí então, o Seu Odézio foi explicar que, leva tempo, até conseguir juntar todas as “trocentas e dez” malas das “Patroas”, para colocar no carro e mudar para a nova Pousada em Ouro Preto, conforme havíamos combinado. Por outro lado,– continuou ele – eu nunca tinha visto tanto

morro na vida e isso me deixou com a orientação um pouco atrapalhada – concluiu sorrindo. Com esses atrasos, fomos chegar em Ouro Preto quase as 09:00 horas da noite.

A primeira pedalada/caminhada, de longa distância, a gente nunca esquece, não importa sua condição física, e esse era o caso do Gabriel, quanto a condição física, ele tirou de letra, porém, a cabeça dele, eu tinha certeza, que estava igual a minha quando há quase 20 anos fiz o primeiro trecho do Caminho de Santiago de Compostela. Depois de tanto caminhar e caminhar, e ficar tão distante de minha zona de conforto, eu questionava fortemente: Eu preciso disso? ... eu preciso disso?... Eu preciso disso?

E na minha cabeça, esse questionamento era no molde daqueles alarmes de celular que a gente coloca para levantar de manhã e que a gente o configura para ele ir subindo de volume cada vez que ele tocar. Então esse questionamento ia subindo de tom em sua cabeça, até você dar um jeito de sufocá-lo com outro pensamento. E eu tenho certeza de que o pensamento que o Gabriel usou para sufocar, por enquanto, aquele pensamento de desistir, foi o que a sua Vó, D. Ísis, havia lhe dito várias vezes: Companheiro é companheiro e não deixa o outro na saroba!

Eu tinha certeza de que o Gabriel estava passando por esse dilema e eu já até esperava um comunicado

de sua mãe, Bel. Porém, para minha surpresa, a Bel apenas pediu que a gente folgasse no dia seguinte, já que tínhamos chegado tão tarde. Pedido aceito. Folgaríamos no dia seguinte e voltaríamos as trilhas no sábado.

Do Lado Errado

15ª etapa:

⁵⁴Santa Rita de Durão/MG– Ouro Preto/MG
Distância até Paraty/RJ.: 809 km

Conforme nossos planos a nossa próxima etapa, um sábado, seria de Santa Rita de Durão até Mariana e deixar o percurso de Mariana a Ouro Preto para o dia seguinte, domingo. Esse era o nosso plano. Desse modo, faríamos 2 percursos curtos e mais tranquilo já que era fim de semana. Porém, esse primeiro percurso, no sábado, era um percurso marcante pois iríamos passar próximos aos locais onde ocorreu o rompimento da ⁵⁵Barragem do Fundão em Mariana/MG. no ano de

54 ***Santa Rita Durão:*** *é um distrito de Mariana, no estado de Minas Gerais. Possui cerca de 2.000 habitantes, Foi criado em 1718. O distrito nasceu diante da busca por minas de ouro pelos grandes grupos que invadiram o sertão das Minas Gerais no século XVIII. A aventura em conhecer a localidade permite encher os olhos com belezas da história mineira e grandes paisagens naturais, e lhe permite transitar pelas páginas poéticas de escrita pelo frei Santa Rita Durão, natural do distrito e nascido em 1720. O frei Santa Rita Durão se tornou pioneiro da Literatura Brasileira de um dos maiores poemas épicos brasileiros, o “Caramuru”. Faz parte de Santa Rita Durão o subdistrito de Bento Rodrigues, com cerca de 200 casas e 620 habitantes em 2015, quando a localidade foi devastada em consequência do rompimento de uma barragem de rejeitos.*

55 *Em novembro de 2015 ocorreu o rompimento da barragem de Fundão*

2.015.

Superando essa tragédia, negativamente, em 2019 ocorreu o maior desastre humanitário do Brasil com o rompimento de outra barragem em ⁵⁶Bru-madinho/MG. Iriamos passar próximo as ruínas do vilarejo de Bento Rodrigues que tinha cerca de 600 habitantes e foi destruído pela lama da barragem que rompeu em 2.015. Passaríamos ainda pelo distrito de Camargos.

O plano era levantar-se de manhã, bem cedinho, tomar café, colocar as bikes na carroceria do carro, e Seu Odézio iria nos conduzir até Santa Rita de Durão para gente retomar o caminho bem cedinho, tipo 07 horas. Atrasamos um pouco na saída e o Seu Odézio, tentando recuperar esse atraso, resolveu passar por umas estradas de terra para pegar o asfalto lá na frente e acabamos errando o caminho e com isso quando chegamos em Santa Rita de Durão para iniciar a pe-

em Mariana/MG. até então, o maior desastre socioambiental do país no setor de mineração, causando a morte de 19 pessoas. A onda de rejeitos soterrou o subdistrito de Bento Rodrigues e deixou um rastro de destruição até o litoral do Espírito Santo, percorrendo 663,2 km de cursos d'água.

- 56 *Foi o maior acidente de trabalho no Brasil em perda de vidas humanas e o segundo maior desastre industrial do século. O desastre industrial, humanitário e ambiental causou a morte de 270 pessoas. A tragédia fez com que o Brasil se tornasse o país com o maior número de mortes neste tipo de acidente, somando-se a outros dois desastres com perdas humanas ou graves danos ambientais: o rompimento da barragem em Itabirito (2014, com 3 mortes) e o rompimento da barragem em Mariana (2015, com 19 mortes).*

dalada já tinha passado das 09 horas. Combinamos com Seu Odézio que assim que a gente chegasse em Mariana pedalando, a gente ligaria para que ele fosse nós buscar. Já tínhamos confirmado que em Mariana tinha sinal de celular.

O trecho que iríamos fazer era descrito assim no Portal do Instituto Estrada Real:

Santa Rita de Durão a Camargo: De características bem marcantes, a estrada entre as cidades é boa, em grande parte plana, larga e com vegetação rasteira, sendo completada com algumas descidas e subidas leves, nada preocupante, sendo que, após Bento Rodrigues, a estrada passa a ser mais estreita e com subidas e descidas mais fortes. Durante o caminho o viajante passa pelo povoado de Bento Rodrigues, que tem como um dos seus atrativos a igreja do Rosário, na qual apresenta um imponente altar todo construindo em madeira. O fim do percurso é no pequeno vilarejo de Camargos, fundado em 1711, com a descoberta de um ribeirão aurífero. Possui uma igreja de chamar a atenção, com uma magnífica escadaria de acesso, além disso, devido a sua localização, no alto de um morro, possui uma vista de encher os olhos.

Camargo a Mariana: O percurso é por estrada de terra que se encontra em boas condições, cercada por gramíneas e com um mar de morros no seu trecho inicial, sendo que, após alguns quilômetros, a mata circundan-

te passa a ser bem densa e formada por árvores altas, deixando a estrada mais fechada e bonita. Porém, como um todo, ela pode ser caracterizada como plana de leves subidas. O fim do percurso é na cidade Mariana, que já foi a primeira capital das capitânicas de Minas e São Paulo, título que perdeu em 1740, para Ouro Preto devido sua maior importância econômica. A admirável cidade apresenta um acervo riquíssimo das mais belas obras do barroco mineiro.

Mariana a Ouro Preto: *Todo o trajeto entre Mariana e Ouro Preto é feito por estrada asfaltada, o que requer uma maior atenção dos praticantes. No caminho, passa-se pela Mina da Passagem, parada obrigatória para conhecer a única mina de ouro do Brasil aberta para visitaçãO. O trecho termina na cidade de Ouro Preto, antiga capital de Minas Gerais. Ouro Preto une um elo de aprendizado entre o civismo e a História de Arte, reconhecido pela UNESCO como Monumento da Humanidade. Nesta esplêndida cidade, com seus magníficos casarões, belas ladeiras e muita história pra contar. AtençãO!! Neste trecho não tem marcos instalados!*

Tudo combinado, Seu Odézio nos deixou em Santa Rita de DurãO para iniciarmos a pedalada. Assim que começamos a pedalada ao passar por um monte de terra que formava uma espécie de quebra mola, percebi que minha roda dianteira quase saiu da bike me passando um imenso susto, pois se a roda tivesse se

soltado, eu fatalmente teria caído capotando por cima da bike o que poderia causar uma lesão grave. Porém, tenho certeza de que Thiaguim, Fatinha e Cidinha estavam, naquele momento, segurando aquela roda para que ela não se soltasse.

É muito comum no transporte das bikes em carro a gente retirar a roda dianteira da bike para facilitar o transporte. Essa retirada da roda é feita sem nenhuma ferramenta, basta destravar a blocagem que a roda sai facilmente e para colocar a roda novamente basta apoiá-la nos dois lados do garfo e travar a blocagem. O que aconteceu é que, no dia anterior, para guardar minha bike no hotel em que estávamos, eu tinha destravado a blocagem da roda dianteira para que ele coubesse numa pequena sala de depósito do hotel. No entanto, ela coube sem retirar a roda dianteira e, então, esqueci de travar a blocagem. Ufa!, ufa!!

Até o vilarejo de Bento Rodrigues, a pedalada foi até tranquila com muitos morros mas não tão íngreme. após Bento Rodrigues as trilhas se estreitaram e os morros com subidas mais íngremes até o vilarejo de Camargos foram constantes. De Camargos a Mariana é visível as marcas deixadas no terreno pelo rompimento da barragem ocorrido há seis anos. Pedalar por aquelas paisagens é emocionante, mas também, dolorido.

Chegamos relativamente cedo em Mariana e como, pelo nosso mapa, Ouro Preto ficava a apenas 12 Km e era tudo asfalto, confabulamos ali para acabarmos de chegar até Ouro Preto, pois desse modo folgaríamos no dia seguinte, domingo. E aí, nem precisaria ligar para o Seu Odézio vir nos buscar, conforme havíamos combinado, já que nossa base, a Pousada, estava em Ouro Preto.

Ocorre que a gente tinha chegado em Mariana pelo oposto do trevo de saída para Ouro Preto. Desse modo, nós precisávamos encontrar a saída. Depois de muito indagar, e quase não encontrar a saída, finalmente encontramos. Neste ínterim, o Gabriel sempre me indagava:

– Você tem certeza de que não precisa chamar o Odézio?

– Não, não precisa é pertinho – respondia eu. Depois de tanto me fazer esta pergunta, para cada vez que a gente errava a saída da cidade, quase que eu aceitei a proposta do Gabriel de chamar o Odézio.

Isso porque o último transeunte que a gente tinha pedido informação indagando onde era a saída para Ouro Preto, ele deu uma olhada na nossa Bike e no nosso ânimo e respondeu:

– A saída é bem ali, naquela rua a direita, porém vocês estão do lado errado...

– Como do lado errado? Indaguei.

– Vocês tinham que estar pedalando de lá pra cá, ou seja, de Ouro Preto para Mariana, pois é só descida – e complementou – se você montar na sua bike naquele último sinaleiro da saída de Ouro Preto, você vem até o centro de Mariana, só apreciando a paisagem, sem dar uma pedalada, é só alegria, pois é tudo descida. Agora, daqui pra lá, é só sofrimento – concluiu ele.

Depois dessa conversa, o Gabriel até me fez, mais uma vez, a sua pergunta de praxe:

– Tem certeza de que não quer chamar o Odézio?

– Não, não precisa, essa cara tá inventando, não é possível que não tenha nenhum trecho plano e nenhuma descida até lá!

Finalmente chegamos na saída já empurrando as bikes pois não dava para pedalar naquele trecho do trevo devido o movimento de carros e por ser uma subida muito íngreme. Pelos meus cálculos por pior que fosse o trecho, como eram somente 12 Km, a gente iria gastar no máximo, uma hora. Ledo engano.

Como o estoque de juventude do Gabriel é muito maior do que o meu, ele até que conseguia pedalar alguns trechos, porém, como ele tinha que me esperar para a gente não se perder de vista, o estoque de paciência dele ia acabando e minando o mantra que sua Vó, D. Ísis, tinha posto na cabeça dele: “Companheiro que é companheiro não deixa o outro no trecho”.

Eu entendia perfeitamente o que estava acontecendo com a cabeça do Gabriel, eu já tinha passado por isso nos meus primeiros trechos do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, em 2.006, quando meu único objetivo era chegar no destino e com isso, eu não enxergava as “flores” do caminho, exatamente como o Gabriel agora, que apesar de estar trilhando o caminho, não enxergava o caminho. Vide trecho do meu Livro “Os Donos do Céu”:

⁵⁷“... Eu só queria chegar ao destino estipulado para aquele dia, descansar e ficar mais próximo do fim do caminho. Esse era meu pensamento diário. Porém meu corpo já havia se adaptado a essa rotina desde Najera, Belorado, 10 a 12 etapas atrás. Por que então, eu não mudava minha postura frente ao caminho e continuava só querendo chegar e chegar e chegar? Encontrei fácil a resposta: Minha cabeça era a mesma de quando eu dei o primeiro passo.

O meu corpo havia mudado, minha cabeça não. Faltava mudar minha cabeça, meu coração. A chave para mudá-la veio através desse “triller” de canto e da sinfonia completa que me esperava, dentro de poucas horas, em Bercianos. A partir de então, passei a observar as pequenas coisas do caminho. Os primeiros sete quilômetros, até Sahagún, depois dessa mudança de atitude, foi puro prazer.

57 Livro: Os Donos do Céu, Fls. 123/124 – Valdir L. Queiroz

Descobri uma quantidade quase infinita de pequenas flores que cresciam à margem da nossa trilha de caminhada, como se fosse um canteiro cultivado por jardineiros. Passei a catalogá-las em minha mente pelo tamanho, forma e cor. E enquanto percorria esses sete quilômetros até Sahagún, com um novo jeito de “enxergar” o caminho pude perceber que no caminho da vida nos estamos sempre querendo chegar. Nossa meta é sempre chegar. Estamos sempre planejando o nosso amanhã para chegar a algum lugar e quando chegamos recomeçamos nossa luta para chegar ao próximo e assim sucessivamente, até percebermos, muitas vezes tardiamente, que a vida não é feita de chegadas, ela é feita de caminhos e é nesses caminhos que você deve viver suas pegadas. E só há um modo de viver suas pegadas: percebendo as pequenas flores do caminho da vida.”

E então, o Gabriel com um grande estoque de juventude e eu com grande estoque de paciência estávamos enfrentando o mesmo desafio, encarar aquela estrada sinuosa cheia de curvas e morros e o resultado era lógico, o Gabriel chegaria primeiro a Ouro Preto. Porém, o desafio não era esse de saber quem chegaria primeiro. O desafio era chegar juntos e logicamente esse era um desafio muito maior para o Gabriel, pois ele, com o seu elevado estoque de juventude e ínfimo estoque de paciência, sempre ia na frente e era obrigado a ficar esperando-me aparecer, lá embaixo, na curva,

para ele dar outro estirão até a próxima curva e com isso seu estoque de paciência ia sendo gasto.

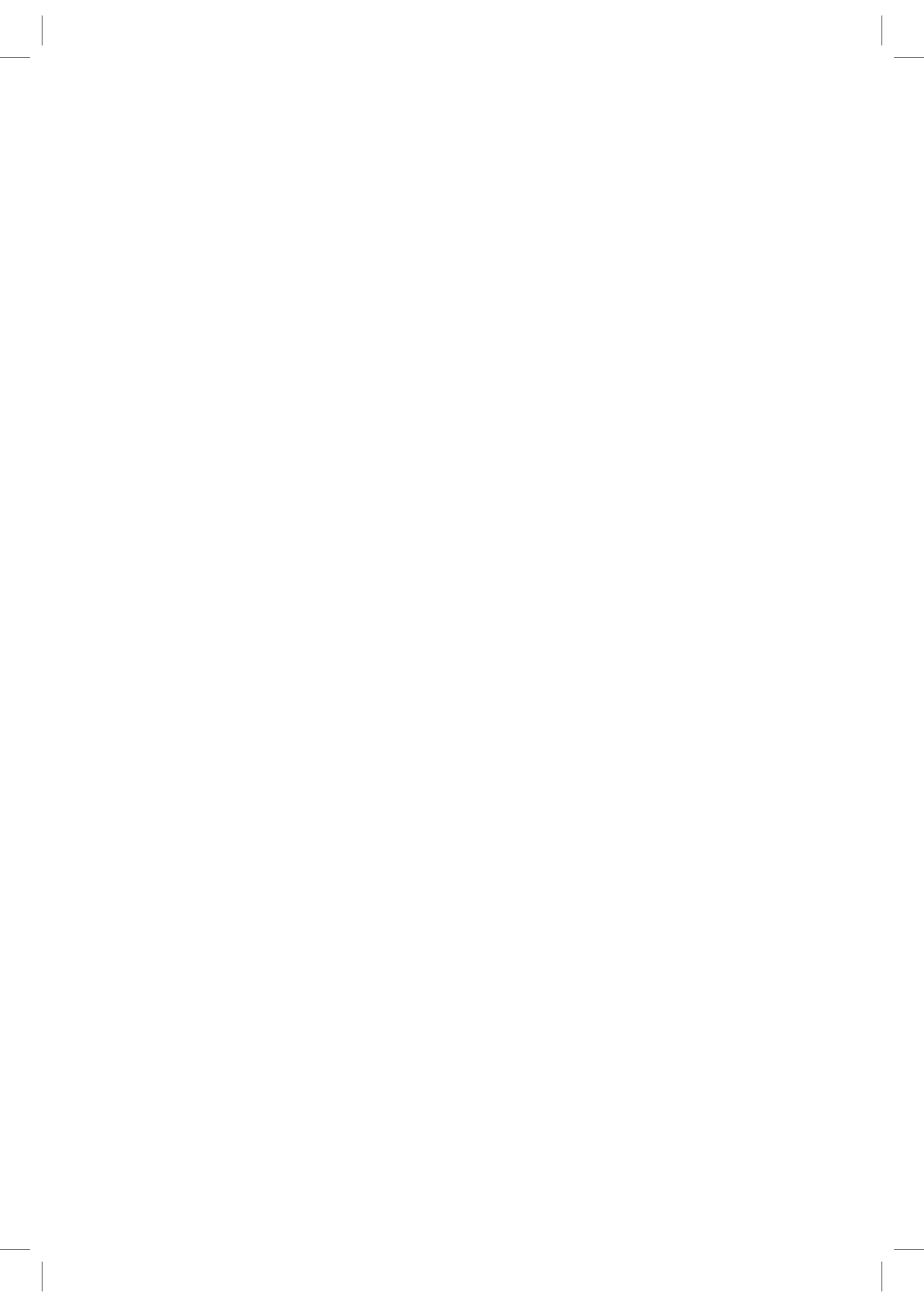
Eu, sempre empurrando a bike morro acima, ia sempre parando pelo caminho, apreciando a paisagem, os transeuntes e os passarinhos. Nesse ritmo, lá pela metade do caminho, o estoque de paciência do Gabriel, acho que deve ter acabado pois depois das curvas eu já não o avistava mais. Depois de umas 3 horas empurrando a bike eu consigo chegar em Ouro Preto e avisto o primeiro sinaleiro da entrada da cidade, e observo que aquele deve ser exatamente o último sinaleiro para quem sai da cidade rumo a Mariana, pois até ali, conforme tinha dito o transeunte, lá em Mariana, foi só subida e sofrimento, no entanto, dali, se eu quisesse voltar para Mariana, era só montar na bike, sem dar nenhuma pedalada e descer no centro de Mariana, seria só alegria e nada de sofrimento. A Vida é assim, as vezes nos estamos do lado difícil da estrada, mas nem por isso, devemos desistir.

Chegando à Pousada lá estava meu companheiro Gabriel, já de banho tomado e bucho cheio. Aí então, ele me explica.

– Te esperei tanto tempo depois de algumas subidas que resolvi vir seguindo sozinho e te esperar mais próximo da chegada da cidade, mas você não chegava nunca – disse ele, e complementou– achei que você tinha pegado uma carona e já estivesse aqui na pousa-

da. Então vim embora, mas quando cheguei aqui sem você, tomei o maior esculacho da minha Vó, repetindo para mim umas 100 vezes: “Companheiro que é companheiro, não deixa o outro na estrada”.

No Domingo folgamos e “turistamos” pela cidade já em clima de despedida, pois o pessoal, incluindo meu quase parceiro de pedal, Gabriel, iria embora no dia seguinte, segunda-feira, e eu teria ainda mais de 700 Km antes de chegar ao meu destino final, Paraty. Com a partida de todos, no dia seguinte, eu já estaria sem meu parceiro favorito de pedaladas. Embora tenhamos ritmos e estoques de juventude e paciência diferentes, o Gabriel nunca fugiu desse tipo de aventura, estando sempre presente. Por outro lado, vez por outra, eu embarco nas doidices dele entrando em atoleiros, fugindo de vacas, campeando bomba de bike, domesticando cigarras e por aí vai.



Impeachment de Papa

16ª etapa:

⁵⁸Ouro Preto/MG a St. Antônio do Leite/MG
Distância até Paraty/RJ.: 698 km

Depois da companhia, durante uma semana, de pessoas queridas, voltei a ficar sozinho no pedal. Em função dos acontecimentos, dos 3 dias que a bike ficou no estaleiro e dos imprevistos, eu precisava refazer minha planilha. O fato é que no dia seguinte eu já estava planejado que iria fazer o trecho de Ouro Preto a Santo Antônio do Leite.

58 **Ouro Preto:** é um município localizado no estado de Minas Gerais. Sua população estimada em 2018 era de cerca de 74 mil habitantes. O município foi fundado em 1711, por meio da fusão de diversos arraiais, fundados por bandeirantes. No município, há treze distritos além da sede. Ouro Preto localiza-se em uma das principais áreas do ciclo do ouro. Oficialmente, foram enviadas a Portugal 800 toneladas de ouro no século XVIII, isso sem contar o que circulou de maneira ilegal, nem o que permaneceu na colônia, como por exemplo o ouro empregado na ornamentação das igrejas. O município chegou a ser a cidade mais populosa da América Latina, contando com cerca de 40 mil pessoas em 1730 e, décadas após, 80 mil, mas é bom lembrar que a área de Villa Rica/Ouro Preto era muito maior englobando as atuais Congonhas, Ouro Branco e Itabirito. Àquela época, a população de Nova York era de menos da metade desse número de habitantes e a população de São Paulo não ultrapassava 8 mil. A Cidade Histórica foi o primeiro sítio brasileiro considerado Patrimônio Mundial pela UNESCO.

Na segunda-feira bem cedo, sob um frio intenso, enquanto o pessoal preparava o carro para voltar pra casa, eu preparava a bike para pegar as trilhas. O trecho que eu ia pegar é descrito assim:

Ouro Preto a São Bartolomeu – Glaura: *Não é por acaso que por Ouro Preto passam os três caminhos que formam a Estrada Real. Durante o ciclo do ouro do Brasil colonial, a cidade era o mais importante centro econômico e político país. Hoje, construções da época, como as dezenas de igrejas, são atrativos para os turistas, que contam também com a agitada cena cultural ouro-pretana e com um refúgio frente à Mata Atlântica preservada do Parque Estadual do Itacolomi. No eixo principal da Estrada Real, o trecho entre Ouro Preto e São Bartolomeu tem como maior atrativo uma trilha de cerca de 15 km.*

O destaque histórico está no marco 595, onde está um chafariz de 1792 em bom estado de conservação. Esse caminho era a antiga trilha usada por governantes dos séculos XVIII e XIX para chegar à “casa de campo”, em Cachoeira do Campo, hoje distrito de Ouro Preto. A trilha é estreita e de difícil acesso para quem pedala com muito peso. Em alguns trechos, é necessário carregar a bicicleta. Depois do marco 599, quando são atravessadas fazendas, o caminho é coberto pela vegetação, sendo alguns trechos com vegetação alta. A primeira parte deste trecho termina no distrito de São Bartolomeu, uma das localidades mais antigas da região do ouro. Como atrativo, há o

rio das Velhas, que atravessa o centro histórico, a Igreja Matriz de São Bartolomeu, a paisagem natural e os famosos doces de goiaba. Continuando o trecho da Estrada Real até o distrito de Glaura, o viajante tem outra trilha pela frente no marco 629. Mas dessa vez são apenas 3 km de trilhas de fácil acesso, com destaque para a bela paisagem natural.

O trecho termina em Glaura, um dos mais antigos distritos da região do ouro. Fundada no século XVIII, no auge da exploração do ouro, servia como refúgio para os grandes senhores que tinham o antigo arraial como ponto médio entre Vila Rica (antigo nome de Ouro Preto) e São João Del-Rei. Como atrativo, o distrito oferece o charme da vida bucólica de um pequeno povoado, a Igreja Matriz de 1764, a paisagem colonial e as cachoeiras da região da Serra de Ouro Branco. O distrito de Glaura possui infraestrutura turística.

Glaura a Santo Antônio do Leite: *O trecho de Glaura a Cachoeira do Campo é feito todo por asfalto. Mesmo sendo um caminho de pouco trânsito de veículos, é necessário ter atenção. Ao todo, são 7 km. A primeira parte do trecho chega à Cachoeira do Campo. O distrito é um antigo centro de abastecimento de alimentos para a região de mineração de ouro e para a fabricação de acessórios para as montarias utilizadas pelos tropeiros. A Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, do século XVIII, com altar folheado a ouro é o grande atrativo do local. O tradicional artesanato em pedra sabão, que pode ser encontrado em quase todas as ruas, é outra atração.*

De Cachoeira do Campo a Santo Antônio do Leite, os 6 km iniciais são percorridos no asfalto. A partir do marco 648, aparecem os paralelepípedos. Destino final do trecho, o distrito de Santo Antônio do Leite, datado do século XVIII, era considerado um povoado integrante de Cachoeira do Campo. Como atrativo, há a Igreja Matriz e o famoso pastelzinho feito ao seu lado, e uma feira de artesanato de prata.

Voltando ao caminho.

O primeiro vilarejo, saindo de Ouro Preto e pegando uma trilha de terra logo depois do trevo, é o vilarejo de São Bartolomeu, a 23 Km. Em todo trecho, praticamente só existe uma subida e uma descida, porém a mais longa de todo o caminho até agora. A subida é daquelas que não acaba nunca e você tem a impressão que vai chegar pertinho das nuvens. Apesar de eu achar que agora, sem os alforges da bike e apenas com uma pequena mochila na garupa tudo seria mais fácil, esse primeiro trajeto já mostrou que na Estrada Real, que corta toda a Minas Gerais, não existe trajeto fácil.

E enquanto eu empurrava a bike morro acima meus pensamentos viajavam sem rumo, e de repente me recordo de quando advogado, recém-formado, precisando adaptar-se àquela nova situação, quando algum possível cliente perguntava em que área do

direito eu atuava, eu respondia: “em todas, de briga de passarinho a impeachment de Papa”, eu atuo. E assim é a vida, você precisa se moldar à sua realidade daquele momento da sua vida. E nesse momento, o que eu preciso é moldar-me a essa “subidona” que não acaba mais.

Depois de muito empurrar a bike, por quase 2 horas, finalmente percebi, que tinha chegado no topo e que de agora em diante eu ia poder montar na bike. Até São Bartolomeu, foi um trajeto de muitas curvas, mas quase sempre descendo. Chegando em São Bartolomeu peguei algumas informações de como chegar a Glaura, meu próximo destino. O Trajeto até Glaura foi tranquilo. De Glaura até Santo Antônio do Leite, passa, antes, pelo distrito de Cachoeira do Campo e o trajeto até esse distrito é quase todo de subidas. No entanto, no trajeto final até Santo Antônio do Leite, os morros dão uma trégua. No final da tarde chego ao destino. Já está frio, o que faz jus a sua altitude de 1.100 m. Consegui ficar hospedado no “Ville Real Hotel” uma espécie de pousada com muita área verde, restaurante e piscinas.



A Onça e o Apito

17ª etapa:

⁵⁹St. Antônio do Leite/MG a Congonhas/MG.

Distância até Paraty/RJ.: 645 km

Esse trajeto é descrito assim:

Santo Antônio do Leite – Lobo Leite: *Ao todo são 37 km feitos em estrada de terra em ótimo estado. A atenção deve ser redobrada a partir do marco 689, devido ao intenso tráfego de caminhões. O trecho de Santo Antônio do Leite a Miguel Burnier destaca-se pela bela paisagem, com a Mata Atlântica fechada e um rio que acompanha o viajante por boa parte do percurso. No marco 692 está o distrito de Miguel Burnier, criado a partir da instalação de fazendas mineradoras de ouro, no século XVIII. Depois de Miguel Burnier a paisagem passa é mais aberta, com vegetação de Campos e de*

59 **Santo Antônio do Leite** é um distrito da cidade de Ouro Preto, no estado de Minas Gerais e com altitude 1092 metros. Tem uma população de cerca de 2.000 habitantes. O clima é tropical de altitude, razão pela qual as terras do distrito são procuradas para sítios e fazendas. A tranquilidade, a salubridade do clima e da água são possíveis explicações para a longevidade alcançada por muitos habitantes do lugarejo. A provável formação do arraial se deu em torno de 1.700.

transição para o Cerrado. O grande lago construído pela Gerdau Açominas acompanha o viajante por quase todo o percurso. O trecho termina no distrito de Lobo Leite, fundado no século XVIII em decorrência das atividades de exploração do ouro. O povoado tem como atrativo a Igreja Matriz, datada de 1756.

Lobo Leite – Congonhas: *O trecho entre Lobo Leite a Congonhas é todo feito em estrada de terra com pouco trânsito de veículos e em bom estado de conservação. Conta com bela paisagem de montanhas. O trecho termina na cidade de Congonhas, que nasceu e desenvolveu durante o Ciclo do Ouro do Brasil colonial. No seu centro histórico está a Basílica.*

De manhã bem cedo, já com o roteiro do dia devidamente estudado, e sob um frio intenso, para um goiano, 7º C, termino de tomar o café da manhã, que gentilmente foi antecipado para mim, a fim de ser servido a partir da 06:00h e não das 07:00h como é a regra do hotel. Com o bucólico distrito ainda dormindo, apenas dois cachorros na rua observam a minha partida. Em toda longa caminhada e/ou pedalada existe sempre uma relação muito próxima entre nós, cachorro e peregrino. Vide fragmento do meu Livro “Saúde do Futuro”:

⁶⁰“ Depois de uma longa e deliciosa prosa, fiquei sabendo que meu amigo de Pousada, o enorme vira lata que apelidei de Zal, havia chegado até aqui acompanhando um grupo de peregrinos, e que quando os peregrinos partiram, ele achou melhor ficar por aqui mesmo, onde recebeu abrigo e carinho do Sr. Osvaldo e família. Durante a caminhada dos peregrinos uma das recomendações que recebemos escrito na própria Credencial do Peregrino, é a de não deixar os cachorros nos seguirem. Devemos forçá-los a voltar atirando-lhe pedras para que eles permaneçam nos seus lares, e não saiam, feito nós peregrinos, caminhando por aí, mundo afora, sentindo o cheiro do mundo.

O que ocorre, é que muitos desses cachorros parecem estar fastiados da monotonia de seus lares e teimam a nos seguir mundo afora em busca de novas paragens e aventuras. Tive vários destes amigos de caminhada, por quilômetros e quilômetros, até que, de repente, eles resolvem parar e ficar em determinada guarida e te deixa seguir sozinho. E este foi o caso do meu amigo de pousada, o Zal.

Depois que meu amigo Osvaldo, foi embora, ficou o Zal e eu naquela imensa Pousada. A temperatura já tinha caído bastante, pois dava para sentir a pele, vez por outra, arrepiar. Tentei verificar a temperatura pelo meu celular, mas percebi que o mesmo não conseguia me mostrar a temperatura, pois o sinal da rede de celular não existia. Não dei muita atenção ao fato. Devia ter dado!!”

Voltando ao Caminho.

O Trajeto é todo em estrada de terra, com alguns trechos em ótimas condições e outros em péssimas condições. De todo modo, grande parte do trajeto é feito na sombra com a mata Atlântica as margens do caminho, principalmente o trecho até o distrito de Lobo Leite. O que chama a atenção é a falta quase total de movimento nesta estrada, porém já nos 7 últimos km, antes de chegar a Lobo Leite, um carro passou por mim, bem devagar e lá na frente, ele parou e seu motorista desceu. Era um senhor de uns 40 anos.

– Bom dia, amigo!– Já gritou lá de longe o desconhecido.

– Bom dia!– respondi, já chegando bem próximo, parando a bike e o cumprimentando com um aperto de mão.

– Ô amigo, você está pedalando sozinho?– indagou ele.

– Sim, agora estou sozinho. Meu parceiro voltou pra casa há dois dias e eu continuei.

– Você não é dessa região?

– Não, não sou, sou de Goiânia, Goiás.

– Nossa Senhora meu amigo! Você não imagina o perigo que você está correndo, pois tem uma onça de filhote, nessa região atacando tudo que vê. Eu tenho

uma turma que pedala comigo nessa região, porém, desde que essa onça apareceu, há mais de um mês, ninguém mais pedala por aqui. Ela foi vista ontem ali naquela estrada que chega a São Bartolomeu.

– Caracas! pois é, ontem eu passei naquela estrada.– disse eu.

– Olha aqui o meu celular – Disse ele, e continuou– vou te mostrar os vídeos dos bezerros que ela já matou por essas fazendas aqui em volta – pegou então o celular e me mostrou várias fotos e vídeos de bezerros esfaqueados. Continuamos a conversar e ele me disse que adora pedalar com sua turma, pois mora ali perto em Lobo Leite.

Depois de uma longa conversa e ele ainda sem entender, como um cidadão sai sozinho para pedalar tão longe. desejou-me boa sorte, me pediu cuidado concluindo que faltava só uns 7 Km para eu chegar até o asfalto e lá não teria perigo pois tem muito movimento. Porém, me advertiu mais uma vez: tenha cuidado pois onça adora um ciclista! Disse isso e arrematou com um sorriso tipo, quem avisa amigo é!. Entrou em seu carro e partiu.

Eu fiquei ali, me situando, e a primeira coisa que fiz foi esticar as vistas lá pra trás e lá pra frente naquele estradão de terra. Era uma longa estrada quase sem curvas e sem subidas. Isso era bom para mim. Por outro lado, a estrada era toda margeada por uma densa

vegetação dos dois lados e isso era bom para a onça. Portanto, jogo empatado em 1x1, porém eu tinha uma arma secreta para desempatar esse jogo: um apito de enfrentar onça, que eu tinha vasculhado toda a internet para encontrar, porém tinha encontrado. Foi em um site “Xing Ling” onde o vendedor garantia que funcionava com todos os tipos de felinos. Quando o apito chegou, eu não tinha como testar com as onças, porém, testei com uns gatos. Eles simplesmente ignoraram o apito. De qualquer modo o trouxe como garantia em minha viagem. Minha esperança era de que eu não precisasse testá-lo com uma onça.

Ocorre que quando busquei o apito de espantar onça nos bolsos da mochila da bike, não encontrei nada. Só então lembrei que eu o tinha emprestado para o Gabriel levar quando fizemos algumas etapas juntos e ele esqueceu de devolver-me, e no momento, ele já estaria em Brasília, pois tinha ido embora no dia anterior. Caracas, pensei comigo! E agora, com o jogo empatado e sem arma secreta é melhor pedalar e pedalar. Minha relação com onça nunca foi muito amigável, é trauma de infância. Explico. Livro os “Donos do Céu”. Vide:

“... Jussara, 1968 Nesses tempos de colheita de arroz, Tubarão era meu maior amigo. Era um vira-lata enorme, tinha a cor de cinza de fogueira de São João. Seu nome de batismo não era Tubarão, era Pipoco. Na época de festas juninas, não podia ouvir o “pipoco” de um foguete que se

encolhia todo e corria desesperado à procura de um colo. Geralmente o meu. Dentro d'água ele nadava como um tubarão, e era assim que nós o chamávamos nas nossas brincadeiras de trisca dentro do rio. Com isso Pipoco morreu e nasceu Tubarão. Passávamos os dias correndo nas trilhas dos arrozais e nadando no córrego que banhava toda a extensão da nossa chácara. Tubarão era mais moleque que nós.

Pulava de cima dos barrancos diretamente dentro do rio e a brincadeira de “trisca” só terminava quando o sol ia embora e ouvíamos ao longe, a voz da minha mãe se aproximando. Trazia sempre com ela um chicote de couro de bode. Tubarão, com os seus latidos diferentes, era o alarme que me avisava do perigo que se aproximava, e com isso eu tinha tempo para fugir das chicotadas de couro de bode de minha mãe. Às vezes, Tubarão falhava na sua tarefa, aí então, minha mãe se apoderava de minha roupa, que ficava sempre jogada na beira do rio, e como eu não podia ir embora pelado, eu tinha que buscá-la em suas mãos e, nessa hora, a chicotada de couro era inevitável.

Com o tempo Tubarão foi evoluindo sua tática de “defesa” e minha mãe não mais conseguia nos surpreender dentro do rio. Mas minha mãe também evoluiu sua tática de ataque e passou a chegar de surpresa na beira do rio, sem nenhum grito, sem nenhum chamado. Quando eu menos esperava, lá estava ela balançando meu short na mão. – Mas a senhora nem me chamou! – eu argumentava choramingando. – Cria vergonha menino, você não está vendo que já está escurecendo? E vocês: Gás, Tadeu,

Lobó, Jorge... saiam desse rio e vão embora! Depressa! – falava minha mãe comigo e com meus amigos. Enquanto ela falava, eu já estava rodeando meu short na sua mão, tentando pegá-lo sem levar uma chicotada. Tarefa quase sempre impossível.

Porém, vez por outra, enquanto ela se ocupava de mim, Tubarão pulava na sua mão, do outro lado, e conseguia pegar meu short com a boca e saía em disparada, com minha mãe em seu encalço. Mesmo sobre as ameaças de minha mãe, Tubarão jamais devolvia meu short a ela. Sempre corria até mim, quando então, eu pegava o short da sua boca, vestia bem rápido e saímos em disparada. Na maioria das vezes, Tubarão conseguia sentir a presença de minha mãe, muito antes dela chegar à beira do rio. Eu sabia disso quando, de dentro do rio, eu o avistava, lá em cima do barranco, com minha roupa na boca. Era o aviso de que minha mãe estava rondando a área.

Hoje eu percebo que minha mãe se divertia mais que a gente, com aquela situação toda. Ela quase nunca me acertava uma chicotada e em Tubarão as chicotadas nem chegavam perto. Às vezes, Tubarão gingava em sua frente, provocando-a e minha mãe acabava se entregando com um sorriso que escapava. Ela chamava Tubarão de moleque, como eu. Tubarão participava de todas nossas brincadeiras, mas, em compensação, nós rolávamos na areia junto com ele e o ajudávamos a pegar calangos verdes. Tubarão era meu ídolo, eu era o ídolo de Tubarão.

Um dia Tubarão foi levado pelos caçadores, amigos de meu pai, para uma “caçada de tatus”, a fim de

aprender a caçar com o veterano Black. Criança que era, Tubarão não tinha malícia. Voltou da caçada com um olho furado e o corpo cheio de espinhos de luiz-caixeiro. Tempos depois, já adaptado com a visão só de um olho, Tubarão desapareceu. A minha alegria também. Meu pai disse que ele tinha sido roubado por algum fazendeiro da região, porque ele era muito brincalhão e bonito.

A esperança de encontrar Tubarão durou tanto quanto minha infância. Ou terá sido minha infância que durou tanto quanto a esperança de encontrar Tubarão? Como continuar criança, se a minha alegria tinha ido embora com Tubarão? Pouco a pouco a infância foi me abandonando, até que um dia eu descobri que tubarão não tinha sido roubado.

Tinha sido morto por uma onça, em uma caçada de tatus. Tubarão era criança, não tinha malícia. Deve ter querido brincar de pique-esconde com a onça. A onça não era criança, tinha malícia. Os anos se passaram e eu saí pra vida, mas aprendi bem cedo, que a vida não é criança, ela é onça, tem malícia.

Voltemos ao caminho.

Sem apito e sem companhia e com o jogo empatado. Montei na bike e pedalei o mais rápido que pude, sempre com um olho na estrada e outro na onça, digo no mato. Em menos de uma hora cheguei no asfalto e o medo de onça foi dissipando.

A Chegada em Congonhas é marcada por muito trânsito na entrada da cidade e o hotel em que vou hospedar fica na cabeça de um morro. Depois de muito suar, chego ao hotel onde fiz a reserva, Hotel H2. Como eu estava em contato constante com meu filho, Hugo e me minha nora Juliana, eles decidiram me visitar nesse trecho do caminho e marcamos encontrar aqui em Congonhas para o dia seguinte da minha chegada. Eles vêm de carro e o plano é me acompanhar por alguns trajetos por 4 dias, quando então, eles retornam e eu continuarei o caminho.

Aproveitei o dia seguinte de folga, e enquanto aguardo a chegada das minhas visitas, fiz uma análise detalhada da minha planilha de trajetos até Paraty levando em conta a realidade, e não, o Dr. Google. Pelo Dr. Google no dia 08/07/21, depois de 7 etapas, eu já estaria em Congonhas/MG, porém, pela realidade, eu só cheguei em Congonhas no dia 16/07/21, ou seja, exatamente o dobro do planejado. As razões dessa discrepância eu já narrei lá no início. Assim sendo, pelo Dr. Google, eu já estaria em Paraty no final desse mês, porém, pela realidade, só lá pra meados do meio do mês de agosto eu estaria em Paraty.

Como a vida é feita de realidades e não de projeções do Dr. Google, eu tinha duas opções: a primeira adentrar o mês de agosto até lá pelo meio, pedalando e/ou empurrando a bike até meu destino

final ou aproveitar a visita do meu filho e da minha nora e dar uma esticada com eles, até um local que eu conseguisse chegar em Paraty pedalando até o final de julho.

Refiz toda a planilha novamente, agora deixando o Google Maps de lado e usando uma ferramenta mais propícia: a realidade. Depois da planilha refeita era só aguardar as visitas chegarem no dia seguinte e colocar o plano em ação.



Rocamboles

18ª etapa:

⁶¹Congonhas/MG. a Lagoa Dourada/MG.
Distância até Paraty/RJ.: 591 km

O Portal da Estrada Real, descreve assim esses trechos:

Trajetos: Congonhas a Piqueri

O trecho começa em Congonhas, cidade que conta com um verdadeiro acervo a céu aberto da arte de Antônio Francisco Lisboa (Aleijadinho). Todo o conjunto da Basílica do Senhor Bom Jesus de Matosinhos é de-

⁶¹ **Congonhas:** Por volta de 1700, alguns portugueses povoaram a Vila Real de Queluz (hoje Conselheiro Lafaiete). Muitos se fixaram na Vila Real de Queluz e outros saíram em busca de ouro, fundando novos arraiais e organizando núcleos populacionais às margens do Rio Maranhão. Devido à quantidade de ouro encontrada, esse importante centro de mineração gerou fortunas para muitos homens que aqui se instalaram. Em 1746, numa lista secreta dos homens mais abastados da Capitania constaram dez nomes da Freguesia de Congonhas e todos eram mineiros. O historiador Augusto de Lima Júnior, na Revista de História e Arte, nº 01, afirmou que as lavras das Goiabeiras, Boa Esperança, Casa de Pedra, do Pires, da Forquilha e do Veeiro são indicadores de um passado de larga prosperidade, além do famoso Batateiro, assim chamado pelo tamanho avultado dos grandes granetes de ouro, que fizeram a riqueza de inúmeros mineiros.

clarado Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco. Entre Congonhas e Pequeri, a estrada larga e plana. A maior parte do trecho tem pouco movimento de carros. Alguns trechos são de matas fechadas. O viajante pode apreciar ao seu lado direito a belíssima Serra do Gambá, de 1.274 m de altitude. Chegando ao distrito de Alto Maranhão, é possível ver ruínas de uma antiga cadeia pública. Depois de mais 6 km, está o distrito de Pequeri.

Trajeta: Pequeri a São Brás do Suaçuí

Este trecho começa dentro de uma fazenda de livre acesso. Na primeira parte, o percurso é feito em uma trilha de 2 km. Depois do marco 747, o caminho é por um pasto, com difícil acesso para carros comuns, principalmente em épocas de chuva. O trecho termina em São Brás do Suaçuí, onde o viajante encontra construções do século XVIII, época da criação do povoado que originou a atual cidade. Uma curiosidade é a cachoeira em forma de escorregador que fica na Pedreira Oswaldo Marque Gontijo. É um convite para o banho em água corrente.

Trajeta: São Brás do Suaçuí a Entre Rios

O trecho é feito por asfalto até a empresa MRS. Depois dela, a estrada é de terra batida, com grande fluxo de carros da mineradora. A partir do marco 768 o percurso muda completamente e passa a ter descidas longas,

mas fáceis, com muito cascalho. No marco 768, é necessário atenção para quem estiver de carro, porque corre-se o risco de atolar no terreno úmido (próximo a um curso d'água). O percurso é composto por algumas antigas fazendas coloniais e muitas plantações de milho. Na maior parte do percurso, a estrada está em bom estado de conservação, com muitos mata-burros, alguns até servindo de ponte. Ao longo do trecho, o viajante pode observar a paisagem da Serra do Gambá. O percurso termina em Entre Rios de Minas. Em torno da capela de Nossa Senhora das Brotas, construída nos primeiros anos de ocupação da localidade, surgiu Brumado do Suaçuí, localizado nas terras limitadas pelos rios Camapuã e Brumado, que deu origem a cidade de Entre Rios de Minas, em 1843. Em Entre Rios de Minas, aconselhamos a ajuda de um guia local para conhecer as ruínas da Pedra do Gambá. Datada do sec. XVIII, está localizada no povoado de São José das Mercês, que fica a cerca de 12 km da sede do município.

Trajeta: Entre Rios a Casa Grande

A estrada do trecho é de fácil acesso, com poucas subidas e descidas íngremes. É quase toda em terra e com pouco cascalho. O percurso é marcado pela bela paisagem da Serra de Camapuã. No trajeto estão várias fazendas, mata-burros, plantações de milho e pequenas igrejas. Destaque entre elas é a capela de Nossa Senhora da Lapa de Olhos d'água, cuja construção foi iniciada, provavelmente, no ano de 1683. Neste trecho existem dois pequenos vilarejos, Camapuã e

Catauá, que podem ser pontos de apoio aos viajantes. O trecho termina na cidade de Casa Grande. Uma casa construída para abrigar as famílias dos bandeirantes que vieram para a região em busca de ouro dá origem ao nome da localidade.

Trajetos: Casa Grande a Lagoa Dourada

O trecho feito quase todo em estrada de terra, com exceção entre os marcos 866 a 874 (total 2 Km), onde está uma trilha estreita, que não passa carro. É composto por subidas e descidas leves. O final é em Lagoa Dourada, cidade conhecida nacionalmente como a terra do rocambole. Seu nome tem origem na descoberta do ouro em uma lagoa, por bandeirantes no século XVII.

Voltando ao Caminho. Com a chegada das minhas visitas optamos por folgar mais um dia em Congonhas para “turistar” pela cidade, de forma que, no dia seguinte, pegamos o trecho, de carro, com a bike semidesmontada. Apesar de estar de carro seguimos todo roteiro da Estrada Real, grande parte em estrada de terra.

No final da tarde chegamos a Lagoa Dourada onde resolvemos pernoitar. Tem apenas 2 pousadas. O Hotel Gloria e a Pousada das Vertentes que fica em um local privilegiado. Ao lado da praça e da igreja, além de estar em um casarão antigo e enorme. A cidade é conhecida como a capital do Rocambole.

Possui pouco mais de 12 mil habitantes e tem quase 300 anos de história.

Assim como a cidade, o casarão onde fica a Pousada das Vertentes é do século XIX e tem quase 200 anos. A Pousada pertence a Dona Haidê, que é proprietária, inquilina, arrumadeira e cozinheira da pousada. É uma senhora de idade avançada, porém de uma lucidez e destreza impressionante. Segundo a história, o casarão era da igreja católica, foi escola para os filhos dos colonizadores e depois escola do exército. Quando ia ser demolida o avô da dona Haidê comprou o casarão. Na entrada da Pousada existem alguns álbuns com fotos da época.

O município de Lagoa Dourada é o berço da família Resende. Essa pousada pertenceu a um Resende. Todo o mobiliário da Pousada é antigo. Ficamos em quartos no piso superior sendo as janelas enormes no estilo dos antigos casarões da época colonial. A vista das janelas era deslumbrante, dava para a lateral da praça, com vista para todo o trajeto da Via Sacra saindo da porta da igreja até o final da praça. O café da manhã, muito simples (pão com manteiga e café) é servido na cozinha em uma enorme mesa de mais de 4 metros.

Lagoa Dourada mantém o título de berço do Jumento Pêga, raça de asininos que é motivo de orgulho da pecuária nacional, sendo uma das seis raças de

cavalos marchadores formadas no país. Atualmente, fica em Lagoa Dourada, a maior concentração de Jumentos Pêga do Brasil. Os jumentos Pêga são os mais procurados pelos criadores no Brasil, sua docilidade, inteligência e resistência explicam tal fato. Além de serem utilizados para o trabalho no campo, também são os preferidos para obtenção de híbridos (burros e mula) a partir do cruzamento com éguas altamente selecionadas.

Lagoa Dourada é, ainda, nacionalmente conhecida como a terra do legítimo rocambole. A guloseima surgiu a longa data. A produção leiteira sempre favoreceu a fabricação de guloseimas, biscoitos e toda a espécie de quitandas caseiras e entre essas quitandas as principais eram as roscas e o pão de ló. Esse último, de sabor muito leve e agradável, é caracterizado por uma massa fina à base de ovos, açúcar e farinha de trigo. A maior divulgação dessa iguaria começou com o descendente de imigrantes libaneses, o Sr. Miguel Youssef.

Após casar-se com a alagoense Dolores de Mello, ele se estabeleceu com um botequim na cidade onde, uma vez por semana, servia o pão de ló recheado com doce de leite, sob a forma de um rocambole. A tradição passou para a geração seguinte e em 1965 um dos filhos de Miguel, Paulo, criou uma embalagem especial para os viajantes, a partir daí o pão de ló ganhou o mundo, aumentando consideravelmente a demanda e

a divulgação do rocambole. Atualmente o “Rocambole de Lagoa Dourada” é conhecido e degustado em todo o Brasil.

Voltemos ao Caminho.

Depois devidamente hospedados e já no final da tarde, um lindo sol irradiava o poente, e lá longe, no horizonte, uma imagem do cristo, tal qual o do corcovado do Rio de Janeiro, era iluminado, por trás, por esse sol poente, formando uma paisagem de paz contagiante. Resolvemos ir até o morro onde ficava esse Cristo seguindo umas estradas de terra e se orientando pela imagem de Cristo, lá longe. Como estevámos de carro, apesar da estrada, chegamos lá em cima e estacionamos ao lado da imagem. Não havia mais ninguém no local.

As fotos tiradas desse pôr do sol, escandalosamente belo, não conseguiram mostrar a beleza daquele lugar e nem de longe, a paz de um pôr do sol, onde eu consegui enxergar-me e me situar no meu honroso e devido lugar. Com o sol a minha frente, se pondo no horizonte e a enorme estatua de Cristo atrás de mim, dando-me a exata noção do quão grão de areia eu sou, contrastava com a minha enorme sombra projetada sobre a imagem de Cristo, como a proteger-me do sol, assim como Ele nos protege nas noites escuras que as vezes temos que enfrentar ao longo da vida. Foi uma experiência marcante.

Voltamos para o hotel e depois de uma noite bem dormida por mim, e nem tanto pelo Hugo e a Juliana, que foram incomodados pelos latidos dos cachorros e por alguns hóspedes que chegaram por voltas das 02:00 da manhã. Só fiquei sabendo desses cachorros e desses hóspedes quando estávamos tomando o café da manhã juntos. Depois do café da manhã, partimos para mais um dia de Estrada Real.

A Capital do artesanato

19ª etapa:

⁶²Lagoa Dourada/MG. A Carrancas
Distância até Paraty/RJ.: 439 Km

Esse trecho é descrito pelo Portal da Estrada Real, assim:

Trajetos: Lagoa Dourada a Prados

Para viajar pelo eixo principal, ao sair de Lagoa Dourada, deve-se entrar à esquerda e ir seguir os marcos da Estrada Real. Nesse trecho, a estrada é boa e de fácil acesso, com cascalhos e alguns mata-burros. Entre

62 **Lagoa Dourada**– Hoje com uma população de cerca de 12.000 habitantes, nasceu no início do século XVIII com a invasão de aventureiros, na procura do ouro. Somente em 1731 é que as famílias começaram a se fixar no solo mineiro. Em 1734, foi fundada a Capela de Santo Antônio de Lagoa Dourada. Em 1750, a cidade foi elevada à condição de Distrito de Paz. O aparecimento do ouro foi o fator preponderante no surgimento do então arraial de Lagoa Dourada. Lagoa Dourada é nacionalmente conhecida como a terra do legítimo rocambole. A maior divulgação dessa iguaria começou com o descendente de imigrantes libaneses, o Sr. Miguel Youssef. Após casar-se com a alagoense Dolores de Mello, ele se estabeleceu com um botequim na cidade onde, uma vez por semana, servia o pão de ló recheado com doce de leite, sob a forma de um rocambole” Atualmente o “Rocambole de Lagoa Dourada” é conhecido e degustado em todo o Brasil.

os marcos 875 a 887 (total 5 Km), existe uma trilha com descidas muito íngremes. Por ser trilha não tem como seguir pela ER de carro, assim, carro seguir as orientações que estão nas planilhas. Durante o trajeto o viajante tem a companhia de belas paisagens de serras, de onde avistam-se antigas fazendas e construções, como a Fazenda da Engenho, datada do século XVIII, com sua senzala. O local foi visitado pelo imperador D. Pedro algumas vezes. O trecho termina na cidade de Prados, referência na Estrada Real em artesanato e artefatos em couros. Vale à pena conferir os inúmeros ateliês.

Prados a Bichinhos– Tiradentes

O trecho todo é considerado de fácil acesso, de pouco movimento, plana em sua maior parte e com poucos mata-burros. A paisagem é marcada pela presença da Serra de São José, que pode ser avistada durante boa parte do trajeto. O trecho passa por Vitoriano Veloso, mais conhecido como Bichinho, um charmoso vilarejo com inúmeros ateliês de artistas e lojas de artesanatos. De lá até Tiradentes a estrada é de calçamento, com poucas subidas. O final do trecho é nas ruas de pedras de Tiradentes. A cidade preserva antigos casarões, com grande infraestrutura de atendimento ao turista. Restaurantes que aliam a tradicional culinária mineira com requintadas receitas internacionais, ateliês e lojas de artesanato dão o tom do lugar. Em Tiradentes, o viajante não pode deixar de conhecer igrejas como a de Santa Antônio, construída entre 1710 e 1750, que ocupa um dos lugares no pódio

das igrejas brasileiras com maior quantidade de ouro na ornamentação.

Tiradentes a São João Del Rei

Trecho todo plano e de calçamento até o km 6. A partir da cidade de Santa Cruz de Minas, segue-se por asfalto até São João Del-Rei. A Serra de São José acompanha o viajante durante todo o trajeto, formando uma bela paisagem. O trecho abriga o primeiro totem instalado da Estrada Real (km 4,28), um atrativo a mais para o turista. Perto dele é possível ver uma bela cachoeira. O trecho termina em São João Del-Rei, importante ponto de troca de mercadorias até o século XIX. Mesmo sendo uma cidade de médio porte, preserva o centro histórico, onde é possível ver diversas faces da arquitetura brasileira— do barroco colonial do século XVIII, com suas belas igrejas, ao eclético do século XIX, com seus elegantes sobrados.

São João Del Rei a São Sebastião

Os primeiros 10,5 km deste trecho não possibilitam a passagem de carro. Para quem estiver motorizado, portanto, a dica é começar pelo povoado do Rio das Mortes. Daí até São Sebastião da Vitória é possível passar com veículos. O trecho inicial de trilha não apresenta dificuldades. É aberto e com caminho bem demarcado. A exceção é depois do marco 942, que confunde o viajante pela falta de um marco da Estrada Real. Fique atento! Até São

Sebastião da Vitória, o trecho passa a ser em estrada de terra em bom estado de conservação. Há, no marco 969 a travessia de um rio, onde existe risco de atolamento. É necessário ficar atento. O trecho termina no distrito de São Sebastião da Vitória.

São Sebastião da Vitória a Caquende

Trecho em ótimas condições de terra batida, maior parte plana, com poucas subidas e descidas leves. O viajante trafega com a companhia de paisagens de montanha, com muitas plantações de milho, café e eucaliptos. Atenção nesse trecho com os mata-burros na vertical, principalmente para os cicloturistas. O trecho termina no povoado de Caquende. Nele, o viajante que quiser seguir a Estrada Real deve dirigir-se pela rua principal, em direção a represa, onde é necessário atravessar de balsa. O seu funcionamento é das 7h às 12h e de 14h às 17:45h. De lá, chega-se à Capela do Saco. É recomendável informar-se no telefone (35) 3327-1081 , pois ela eventualmente pode estar inoperante.

Caquende– Capela do Saco a Carrancas

A maior parte deste trecho é de estrada em boas condições de conservação. A companhia para o viajante é da belíssima Serra de Carrancas circundada por quatro outras serras. O desenho final é em forma de ferradura. A vegetação é típica de Cerrado e de Mata Atlântica, onde vê-se candeias, óleo copaíbas, ipês amarelos, corticeiras

e jequitibás. A partir do marco 1023, a estrada está muito ruim, com fortes subidas em pedras de calcário com cascalho solto. Atenção nesse trecho com os mata-burros na vertical, principalmente para os cicloturistas. O ponto final do trecho é em Carrancas. Diz a lenda que as catas, formadas pelas escavações em busca de pedras preciosas, vistas de longe pareciam caras feias. Daí, o nome da cidade. O município tem sido cada vez mais procurado por praticantes de ecoturismo por causa de suas cachoeiras e serras.

Voltando ao Caminho.

Foi um longo dia passando por cidades históricas como Tiradentes e São João Del Rei. Antes de Tiradentes o que mais surpreende, com um rico e vasto artesanato, é o distrito de Bichinhos. Há artesanatos para todos os gostos e todos os bolsos. Desde dinossauros gigantes de cipó a bolo com café, prosa e poesia. É um mergulho na criatividade da nossa gente. Bichinhos é considerada a capital nacional do artesanato, e pelo que vi, faz jus ao título.

Ao reencontrar a poesia, sempre me vem à mente a minha adolescência e juventude (anos 70 e 80), onde, o que “rolava”, era muita poesia. Assim como a fotografia registra a silhueta das coisas, a poesia registra a silhueta da alma. E tal qual a fotografia é hoje para os jovens, a poesia era borbulhante e pungente para nós, jovens daquela época. Os concursos de poesias e

os Cadernos “ocultos” de perguntas eram tão comuns para os adolescentes da época quanto é as redes sociais de hoje.

Não existia mundo virtual, porém, existia o mundo real, e a versão real do Facebook e o Instagram já existiam. Onde? Ora, quem não se lembra dos “cadernos de perguntas” que circulavam nas escolas, nos bairros e nas pequenas cidades? Quase toda menina na adolescência teve o seu caderno de perguntas. Funcionava assim: a menina escrevia perguntas no topo das páginas, e ia numerando as linhas, cada linha numerada pertencia a uma pessoa, que era convidada a responder esse caderno. Logicamente esse caderno só era respondido pelos “amigos”.

Esses cadernos circulavam entre “amigos” e depois de respondido era devolvido para a dona que já repassava para outros “amigos” responder e assim se desenvolvia o Facebook e o Instagram da época. A primeira pergunta era sempre, “Qual o seu nome?”, desse modo as respostas das perguntas ficavam vinculada aquele nome e ao número no topo da página. A última pergunta desses cadernos quase sempre era “O que você acha da dona desse caderno?” Era nesse momento que alguns “apaixonados” escreviam uma poesia ao final. E como paixão na adolescência, naquela época, era tão comum quanto catapora, a poesia florescia nesses cadernos de perguntas.

Voltando ao Caminho.

Ao final da tarde, depois de muitas porteiras, mata-burros, buracos e poeira, chegamos a Carrancas e arrumamos um pouso na Pousada da Mica.



Os mata-burros

20ª etapa:

⁶³Carrancas a Caxambu/MG

Distância até Paraty/RJ.: 338 km

O Portal da Estrada Real, descreve assim, esses trechos:

Carrancas a Traituba

Quase todo o percurso está em ótimas condições de acesso, com estradas largas e alguns trechos com matas, agradável de ser percorrido. O viajante pode observar, durante a maior parte do tempo, a exuberante vista da serra de Carrancas. Na segunda metade, tam-

63 O Município de **Carrancas** tem pouco mais de 4.000 habitantes. Está se tornando um verdadeiro polo turístico em Minas Gerais. Possui uma grande variedade de cachoeiras, poços e grutas e serras. Foi eleita em 2008 pela Revista Encontro de Belo Horizonte, a 4ª (quarta) Maravilha de Minas Gerais. Atualmente vem sendo utilizada pela Rede Globo como cenário para várias novelas da emissora, exemplos: O Fim do Mundo (1996), Alma Gêmea (2005), Paraíso (2009), Amor Eterno Amor (2012), Império (2014), Orgulho e Paixão (2018), Espelho da Vida (2018). Carrancas está sendo muito procurada por turistas paulistas e cariocas e por quem procura um bom descanso das grandes cidades. A nascente do Rio Capivari está na Serra das Carrancas, acoplado ao Complexo da Zilda (com cachoeiras, escorregador natural e gruta). São aproximadamente 70 cachoeiras em Carrancas

bém é possível ver a serra de Traituba. Durante o percurso passa por um pequeno vilarejo chamado Vista Alegre, que podem ser pontos de apoio aos viajantes, devido à fazenda está fechada para visitação. Contato do bar que os viajantes pernoitam no povoado (35) 3327-1040 que é do proprietário da Pousada Carranca. O fim do trecho é na fazenda de Traituba, erguida em 1827 para receber D. Pedro I. O curioso é que a visita não chegou a acontecer.

Traituba a Cruzília

Trecho com estradas largas, em bom estado e com poucos mata-burros. É muito bem-sinalizado e a maior parte é feita em estrada municipal, bem conservada e pouco movimentada. Trecho com pouco aclives e declives, mas com chuva é precisa ter cuidado, pois a quantidade de fazendas na região deixa o solo frágil e barrento. Aliás, durante o percurso existem algumas fazendas leiteiras. Por isso, é comum encontrar animais na pista. A paisagem predominante é de pastos, grandes e antigas fazendas e árvores imponentes. O fim do trecho é em Cruzília, cidade erguida numa encruzilhada da Estrada Real, daí a evolução do nome: São Sebastião da Encruzilhada, Encruzilhada e, finalmente, Cruzília. Hoje, é conhecida nacionalmente como a cidade do queijo fino.

Cruzília a Caxambu

Trecho com a maior parte de estradas boas e acessíveis, poucos mata-burros e poucas subidas e descidas. Na parte inicial, há muitas fazendas. Por isso, é comum encontrar animais na pista. Os primeiros bandeirantes que chegaram à última década do século XVII, nas terras onde se localizam Baependi, teriam chamado o lugar de Maependi, que em tupi significa clareira na mata, em provável referência ao acesso aberto junto ao Rio Grande para facilitar a passagem dos desbravadores. De Baependi a Caxambu são 6 km de estrada de terra esburacada e toda plana. O trecho termina em Caxambu, que tem como principal atrativo as fontes de água minerais descobertas em 1814, que tornaram a cidade famosa em todo o país. Por lá, em 1748, foi erguido o templo dedicado à Nossa Senhora dos Remédios. Em torno dele se constituiu a sede da cidade. O Parque das Águas de Caxambu, com doze fontes, é um dos mais completos balneários do país.

Voltando ao Caminho.

Nesse trecho, o que mais chamou a atenção, foi alguns mata-burros feitos de forma contrária ao tradicional e se tornando uma armadilha perigosa para ciclistas. Explico: O objetivo de qualquer mata-burro é impedir que animais saiam de uma propriedade para outra, substituindo porteiras e com a vantagem de possibilitar o trânsito de pessoas, carros e bicicletas, sem o incômodo de ter que abrir porteiras.

A maioria dos mata-burros, ou pelo menos todos que eu já conheci, e olha que não são poucos, são feitos com vigas de madeira, que são fixadas no mata-burro, cruzando o sentido da estrada. No entanto, nesses mata-burros “excêntricos”, as vigas de madeira foram colocadas no mesmo sentido da estrada e, com isso, cada espaço, entre uma viga e outra, se torna uma armadilha para as rodas da bike. É entrar e capotar. E o pior, é que a maioria desses mata-burros ficam no final das descidas e curvas, e quando você consegue ver essa arapuca, você já capotou.

Chegamos a Caxambu por volta das 15:00h e aproveitamos o restante do dia para conhecer melhor a cidade. Caxambu é muita bonita e tem um parque de fontes hidrotermais. O município é classificado como estância hidrotermal por possuir temperaturas amenas dentro dos parâmetros para ser classificada como tal. Hospedamos no Palace Hotel Caxambu que é um hotel histórico fundado em 1.892 e já teve entre os seus hospedes a Princesa Isabel e o Conde D’Eu.

É natural, faz parte da mente humana, trazer lembranças puxadas pelo ambiente em que você está, principalmente quando já deitado, corpo em repouso e os pensamentos livres dando pinotes em sua cabeça. E em um desses pinotes me encontro em 2.006 no caminho de Santiago de Compostela, em *Puente La Reina*, com meu Amigo Beto...

⁶⁴*Saímos bem cedo. Continuo a tomar o antibiótico e, aos poucos, a infecção na laringe vai cedendo. Chegamos a Estella por volta das 14 horas e fomos direto para o albergue. Pegamos muito sol neste trecho e a Senhora Dor me acompanhou por muitos quilômetros. Pelos nossos planos, pretendemos folgar um dia aqui, ou seja, vamos dormir hoje, descansar amanhã e depois de amanhã, partir bem cedo para Los Arcos.*

Fizemos uma revisão em nossos “mapas de navegação” e em função do nosso ritmo, a partir dessa parada, tínhamos duas opções: ou mantermos o ritmo forte planejado, a partir daqui, ou seja, fazer o percurso em 29 etapas e chegar a Santiago no dia 3 de agosto, sete dias antes do nosso voo para o Brasil, ou diminuir o ritmo para 34 etapas para chegarmos a Santiago no dia oito com apenas dois dias de antecedência do nosso voo para o Brasil. Optamos por diminuir o ritmo, ou seja, fazer o caminho em 34 etapas.

Aproveitei a folga para assimilar os recados do caminho e estudar um meio de divorciar-me da minha companheira de viagem: a Senhora Dor. Estudei detalhadamente seu perfil, e, julgando-me já profundo conhecedor da mesma, tracei meu plano de divórcio: doei para o albergue tudo que até então eu não tinha utilizado nessas cinco etapas de caminhada, se bem que ainda faltavam 29. Mas se não precisei em cinco, talvez não precise em 29, raciocinei. Depois despachei, via correio, para recolher quando chegássemos a Santiago, mais de

64 Livro “Os Donos do Céu – Valdir L. Queiroz – Fls.49/53

dois quilos de “supérfluos”. Minha mochila reduziu-se a três bermudas, quatro camisetas, três cuecas, três pares de meia e ¼ de toalha de rosto, com função de toalha de banho.

Como o peso máximo indicado para a mochila do peregrino, é de dez por cento do seu peso corporal, a minha mochila poderia ter no máximo sete quilos, e ela estava com mais de dez quilos. Depois dessa limpeza forçada, imaginava conseguir o divórcio da minha companheira de viagem. Ledo engano. Como iríamos descansar aqui em Estella, conversamos com o hospitaleiro para que pudéssemos ficar esse dia a mais no albergue. Ele concordou. Porém, o albergue fecha das 8 às 12 horas para a limpeza. Tivemos de desocupá-lo.

Sáímos e ficamos vagando pelas ruas, pois o comércio só abre às 9 horas. Resolvi voltar para pegar a câmara fotográfica a fim de descarregar as fotos. A porta estava fechada e o Beto aconselhou-me a não tentar entrar, pois o hospitaleiro provavelmente estaria limpando o albergue e não abriria a porta para entrarmos. A porta estava fechada e trancada. Bati, esperei... Bati de novo, esperei... O Beto, de longe, só observando resabiado. O hospitaleiro, um senhor de estatura enorme, abriu a porta resmungando e perguntou: – O que queres tu? Não vês que estamos trabalhando? – Apenas preciso pegar um documento que esqueci, para despachar pelos correios – menti desconfiado. – Se entra e sai, entra e sai como podemos trabalhar? – falou ele irritado. – Está bem. É somente esta vez – respondi.

Entrei peguei o que precisava e o Beto ficou longe da porta com medo de, também, ser alvo daquela descompostura que o hospitaleiro me deu. Ao sair ele bateu à porta às minhas costas e resmungou um monte de coisas. Com certeza algumas impropriedades já que eu não entendi quase nada do que ele disse, porém o seu mau humor acompanhado de seus gestos diziam tudo.

Na volta do nosso passeio, quando caminhávamos por aquelas ruas do século XI, a uns cem metros do nosso albergue, ouvimos alguém nos chamar com um psiu. Era uma voz feminina e um psiu em forma de súplica. Depois do terceiro ou quarto chamado conseguimos localizar de onde vinha a voz. Ao olharmos para o alto, localizamos uma jovem senhora loira, cabelos despenteados, debruçada no parapeito de uma janela protegida por grades, acima de nossas cabeças. Ela suplicava:

– Subam até aqui, me ajudem – e apontava para a porta de baixo que dava entrada para a casa. Ficamos por alguns segundos sem ação, mas quando já caminhávamos para a porta, a fim de salvar a jovem donzela, surgiu um senhor, aparentemente o pai dela, em outra janela, do outro lado da casa, e nos fez sinais com os dedos e as mãos dizendo que ela era louca e que não nós preocupássemos.

Vimos a cena se repetir, logo em seguida, com outro peregrino que passava por baixo de sua janela, pois aquela era a rua que dava acesso ao albergue, e durante todo o dia havia sempre peregrinos passando por ali. E por estarmos em terras de Cervantes, quem sabe não fosse ela

a “Dulcinéia del Toboso”, donzela que Dom Quixote tanto procurou e tal qual ele – que via nos rebanhos de cordeiros, exércitos inimigos e nos moinhos de vento, gigantes para combater –, ela não visse em nós, peregrinos que passavam sob sua janela, seu Dom Quixote salvador!?

*Que é loucura; ser cavaleiro andante
Ou segui-lo como escudeiro?
De nós dois, quem o louco verdadeiro?
O que, acordado, sonha doidamente?
O que, mesmo vendado,
Vê o real e segue o sonho
De um doido pelas bruxas embruxado?
Eis-me, talvez, o único maluco,
E me sabendo tal, sem grão de siso,
Sou – que doideira – um louco de juízo.⁶⁵*

Voltemos ao Caminho.

Após um farto café da manhã no hotel partimos para mais uma etapa tendo como destino final Itanhandu.

65 *Poema de Carlos Drummond de Andrade*

A Sopa de Alho

21ª etapa:

⁶⁶Caxambu/MG a Itanhandu

Distância até Paraty/RJ.: 241 km

Esse trecho é descrito pelo Portal da Estrada Real, assim:

Caxambu a São Lourenço

A estrada do trecho é boa. Paralela à linha do trem que passa pela região, é pouco movimentada e plana. O caminho é por dentro de fazendas, o que dificulta a passagem em períodos chuvosos, pois o chão fica muito mole e barrento, facilitando o atolamento. Também por essa característica, há muito gado na es-

66 **Caxambú**– É um município do Estado de Minas Gerais com pouco mais de 20.000 habitantes. Em 1814, existiam apenas duas fazendas no povoado: a das Palmeiras e a Caxambu. Foi nesta época que descobriram a existência das fontes. Caxambu é famosa por suas ligações com a Família Imperial Brasileira, quando a própria Princesa Isabel e seu esposo Conde d'Eu, em 1868, vieram atraídos pela fama das águas. A princesa buscava a cura de sua infertilidade. Através das águas ferruginosas da fonte, hoje denominada Princesa Isabel e Conde d'Eu, a princesa curou-se de sua anemia e engravidou. Com altitude de 895 metros, tem clima tropical de altitude, com média compensada anual de 20 °C. a menor temperatura registrada em Caxambu foi de -2,8 °C em 23 de julho de 1962.

trada. O trecho termina em São Lourenço. Também no Circuito das Águas, a cidade teve a criação da primeira Companhia de Águas Minerais de São Lourenço em 1890. Dois anos depois, inaugurava-se a primeira fonte, a Oriente. Hoje, o Parque das Águas é a maior atração da cidade e recebe visitantes de todo o país em busca das propriedades medicinais de suas águas minerais.

São Lourenço a Pouso Alto

Trecho de estrada em boas condições para circulação, maior parte em terra e com poucos pedaços em cascalho. No marco 1140 não passa carro e também não é aconselhável para caminhantes, cicloturistas e cavaleiros, devido ao péssimo estado da ponte. Por isso, continuar na via principal, à direita, e seguir em frente até a primeira entrada à esquerda. Depois, basta seguir até o próximo marco da Estrada Real, que está ao lado de um curral. A paisagem do trecho é composta por pequenas fazendas e casas, próximas umas das outras e poucas plantações. O trecho termina na cidade de Pouso Alto, cuja origem é em um arraial de bandeirantes vindos de Taubaté. Eles exploravam a Serra da Mantiqueira em busca de ouro.

Pouso Alto a Itamonte

O trecho até São Sebastião é todo feito em asfalto e dentro da cidade. O trecho entre São Sebastião a Capivari

é feito em estrada de terra em bom estado de conservação, somente com alguns buracos. É movimentada e toda plana. A cidade de Capivari pode servir de ponto de apoio ao viajante. O trecho termina em Itamonte. O nome da cidade tem origem na mistura do tupi com o português, compondo algo como “pedra do monte”. É uma alusão ao pico de pedra, referência geográfica na região desde as primeiras excursões ao interior, ainda no século XVI.

Itamonte a Itanhandu

Trecho bem sinalizado e em boas condições de circulação, fácil de ser feito. Estrada com poucas subidas e descidas, percorrida em mata fechada em grande parte e com muita sombra. No km 4,5 avista-se uma bela paisagem de vale e a maravilhosa serra da Mantiqueira ao fundo. O percurso termina em Itanhandu. Em tupi o nome da cidade significa pedra da corredeira, referência ao Rio Verde que passa pelo município. A cidade faz parte do Circuito Terras Altas da Mantiqueira. Ela possui formações naturais propícias ao ecoturismo. Seu principal atrativo natural é o próprio Rio Verde, cuja nascente fica no alto da Mantiqueira, com mata virgem em seu entorno.

Voltemos ao Caminho.

Este trecho se destaca pelas belas paisagens e pela abundância de pequenos veios de água além de uma rica fauna silvestre. Ao final da tarde chegamos em Itanhandu, cidade com uma rica história, alguns

dizem que foi aí que nasceu o viés político de Juscelino Kubitschek, quando Médico Tenente no Exército. Ficamos hospedados na Pousada Casarão. Ao adentrar da noite o frio era intenso. A Juliana até me emprestou uma meia calça térmica flanelada para eu enfrentar o frio e usar quando fosse dormir e para quando eu fosse pedalar, já que eu sempre pedalei de short e não de calça longa.

A noite foi longa e fria, mas graças a calça da Juliana não passei frio. É nessas noites longas que nossos pensamentos viajam e por lá, eu encontro, no baú da minha mente “*San Juan de Ortega*” e a sopa de alho.....

⁶⁷Esta foi uma etapa muito difícil. Além do extenso percurso de 30 quilômetros, pegamos um sol intenso e um longo trecho de subidas íngremes. Lá pelas 14 horas, chegamos a San Juan de Ortega. Aqui não existe cidade, apenas o albergue e uma igreja que fazem parte de um antigo monastério onde viveu São Nicolau de 1080 a 1163. Tem ainda um pequeno bar. Ao entrarmos no albergue, fomos conduzidos pelas escadarias escuras até o andar de cima, onde fica o alojamento.

A hospitaleira, Dona Júlia, recomendou que não nos deitássemos nas camas ainda suados, pois deveríamos tomar banho primeiro. Perguntamos onde era a cozinha, ela respondeu que não havia cozinha, mas que depois da missa das 19 horas seria servida uma sopa

67 Livro: “Os Donos do Céu” – Valdir L. Queiroz – Fls.82/85

para todos os peregrinos. Como não havia mercado e nem cozinha, com certeza nenhum peregrino faltaria à missa das 19 horas e todos rezariam com fervor... e fome.

Tomamos banho e ficamos ansiosos esperando a hora da sopa, digo, da missa. Durante a espera nos sentamos em um banco, na porta do albergue e começamos a conversar com um senhor de nome José Maria, que nos presenteou com dois folders detalhados do percurso de San Juan de Ortega à Burgos, nosso próximo trajeto. Falou-nos sobre vários brasileiros que percorreram o caminho, mas não falou sobre Paulo Coelho. Achamos estranho, já que Paulo Coelho é considerado, no Brasil, uma celebridade do Caminho de Santiago.

– E Paulo Coelho – indaguei. – O verdadeiro caminho ele não fez. Ele fez o caminho comercial – respondeu. Por volta das 16 horas, os nossos amigos brasileiros, César, o carioca da gema, capitão de corveta da Marinha brasileira e Mariana chegaram ao albergue.

O carioca falava entreuvidos que a Mariana estava com o joelho machucado e por isso eles tinham chegado tão tarde. Logo depois, a Mariana nos confessou, entreuvidos, que o capitão de corveta da Marinha brasileira, não estava aguentando mais caminhar e que, por isso, eles tinham chegado tão tarde. Tanto eu quanto o Beto apostávamos que a história verdadeira era a da Mariana.

(...) Às 19 horas em ponto adentramos em uma bela igreja de quase mil anos. Para nossa surpresa, lá estava

o nosso amigo José Maria. Era ele o padre. Somente ali, naquele momento percebi isso. Fora os peregrinos, mais três pessoas assistiam a missa: a hospitaleira Júlia, sua ajudante e um senhor falante de barba e paletó surrado que parecia ser esposo da ajudante de Dona Júlia. A igreja iluminada por dentro era muito bonita. Aproximadamente 15 peregrinos assistiam a missa. Era um número muito pequeno, mas perfeitamente compreensível, pois em San Juan de Ortega não tem comércio nem internet e a maioria dos peregrinos parte para pernoitar em Ages, que fica a apenas dois quilômetros adiante. Além do mais, alguns peregrinos preferem não experimentar a sopa de alho do padre José Maria.

O padre iniciou a missa. Fez o ritual tradicional de todas as missas. Ao término, pediu para “todos” saírem, menos os peregrinos. “Todos” saíram: a hospitaleira, sua ajudante e o esposo. Ficamos nós e o padre. Ele retirou a batina. Ficamos nós e o homem. Em seguida adiantou-se até bem próximo do nosso grupo e iniciou a sua fala sobre a magia do Caminho de Santiago. Fez uma pregação muito bonita, pois não explorou somente o lado religioso e místico do caminho, mas, principalmente, o lado mais nobre e valioso do ser humano: a sua capacidade de aceitar, experimentar, e vencer desafios.

Não falou de pecados, céu ou inferno. Falou de vida, falou de viver. Não falou como padre, falou como homem:

– Fazer o caminho, não significa purificar a alma, fazer o caminho não significa estar mais próximo de Deus. Fazer o caminho significa apenas caminhar consigo mes-

mo. Se nesse encontro de você com você mesmo, você puder extrair algum aprendizado, o caminho terá valido a pena, se não, já valeu a intenção de caminhar. Concluiu ele.

*“Se não houver frutos,
valeu a beleza das flores;
se não houver flores,
valeu a sombra das folhas;
se não houver folhas,
valeu a intenção da semente.”⁶⁸*

Voltemos ao Caminho.

Na manhã seguinte, depois do café, partimos.

68 *Poema de Henfil*



Fim da Visita

22ª etapa:

⁶⁹Itanhandu/MG a Lorena/SP

Distância até Paraty/RJ.:228 km

O Portal da Estrada Real assim define esses próximos trechos:

Itanhandu a Passa Quatro

O percurso, de Itanhandu a Passa Quatro, segue paralelamente à rodovia principal que liga as duas cidades. Em grande parte, acompanha também a antiga linha de trem. A paisagem tem como chamativo as inúmeras granjas de grande porte. O trecho termina em Passa Quatro. O nome da cidade vem do curso d'água tortuoso que os bandeirantes paulistas descobriram na região em suas primeiras expedições, ainda no século XVIII. Como as curvas

69 **Itanhandu** é município de Minas Gerais. Tem uma população média de 15.000 habitantes. No princípio do século XVIII, um pequeno aglomerado de casas, circundado por várias fazendas, deu origem ao Arraial de Barra do Rio Verde. Durante o ciclo do Ouro, foi caminho de tropas e tropeiros, por onde passavam as riquezas das minas com destino a Coroa, e na década de 30, foi resistência contra a invasão paulista ao território mineiro. Dois futuros presidentes trabalharam no local, o então Cel. Eurico Gaspar Dutra e o Tenente médico Juscelino Kubitschek, que declararia mais tarde a amigos: "Minha carreira política começou em Itanhandu".

do rio eram muitas, eles passavam por suas águas quatro vezes durante a viagem. Passa Quatro está inserida na Serra da Mantiqueira e é uma estância hidromineral.

Passa Quatro a Vila do Embaú

Os primeiros 12 Km o caminho é percorrido em estrada de terra, com alguns trechos em cascalho, que em geral está em boa condição de uso. Por várias vezes atravessa-se a linha de trem. Aos sábados, domingos e feriados é possível fazer um passeio de Maria Fumaça de 12 km, entre Passa Quatro e a Estação Cel. Fulgêncio, na divisa com o estado de São Paulo. Trata-se de um percurso histórico inaugurado por D. Pedro II em 1884, palco de batalhas da Revolução Constitucionalista de 1932. Neste local encontra-se o Túnel da Mantiqueira, considerado ponto militar estratégico durante a revolução, por estar na divisa dos estados de Minas Gerais e São Paulo.

Ao chegar à divisa dos estados, o viajante encontra um mirante dedicado à Nossa Senhora da Conceição, com uma bela vista do Vale do Paraíba. A partir desse ponto, quem está a pé, a cavalo ou de bicicleta pode seguir por 3,5 km pela trilha da Garganta do Embaú, ponto mais baixo encontrado pelos bandeirantes para transpor a Serra da Mantiqueira. No marco 1226 passa-se ao lado do histórico Túnel da Mantiqueira.

Para os veículos motorizados é necessário seguir pelo asfalto por 6,8 km da rodovia SP-052 até o próximo marco, que está entre a estrada de terra à esquerda e o

asfalto. O final do caminho até a Vila Embaú mescla trechos de asfalto e de terra. Caminhantes e cavaleiros precisam ficar atentos no final deste trecho, na Vila Embaú, distrito de Cachoeira Paulista-SP, pois não há opção de hospedagem.

Para os que pretendem seguir viagem a pé ou a cavalo a sugestão é hospedar em Cruzeiro, que fica a 10 km do eixo principal. Atenção: no acesso de terra do marco 1242 há uma ponte caída, portanto os viajantes de carro e a cavalo devem seguir as orientações da planilha. Para quem viaja a pé ou de bike é possível passar, tomando muito cuidado.

Vila Embaú a Lorena

O trecho é de caminho plano, que mescla trechos de terra e asfalto, em sua maioria sem acostamento. O início é feito em trilha e, devido aos buracos, requer muito cuidado para veículos que não sejam off road. Para os que não querem se arriscar aconselha-se abortar este pequeno trecho e seguir as indicações da planilha. A Serra da Mantiqueira, que pode ser vista à direita margeando o caminho, vai ficando cada vez mais distante à medida que o viajante avança para o sul, mas ainda mostra sua imponência e beleza na região. Este trecho atravessa vários bairros da zona rural dos municípios de Cachoeira Paulista e Lorena,

Voltemos ao Caminho.

No início da tarde Chegamos a Lorena. Nesse trecho, finalmente saímos do Estado de Minas Gerais e adentramos o Estado de São Paulo. Grande parte do trecho é percorrido no vale do Embaú com paisagens belíssimas onde de alguns pontos você visualiza toda a beleza da enorme extensão desse vale.

Hospedei-me no Summit Dom Apart Hotel. Essa foi a última etapa que eu fiz com meu filho Hugo e com minha Nora Juliana. Devido compromissos, me deixaram no hotel e voltaram para seus destinos. Foi muito bom e gratificante a companhia deles, apesar do curto período. Mas foi graças a eles que eu consegui acertar minha planilha reprogramando os roteiros.

Aproveitei o final da tarde para montar e ajustar a bike para a pedalada do dia seguinte. Já era hora de pedalar e sair cheirando o mundo de novo. Conforme minha planilha as etapas seguintes seriam bem menos pesadas do as que eu já tinha enfrentado nas terras das Minas Gerais. A Começar pela topografia de São Paulo que é bem mais favorável. O meu roteiro do dia seguinte era tranquilo. Pedalar até Guaratinguetá que ficava a apenas 20 Km. Após os afazeres me preparei para dormir. E os pensamentos, pré-sono, me leva até o *Caminho da Fé em São Simão/SP*. No ano de 2015...

(...) *Aqui em São Simão, visando não aceitar a*

proposta de namoro da Senhora Dor, procurei em todo o comercio algum adaptador e/ou engate para que eu pudesse aumentar o tamanho da mangueira da minha bolsa de água, porém, inacreditavelmente, não encontrei. Por ser uma mochila importada, própria para caminhadas ela não é fabricada no Brasil e o padrão desta mangueira é diferente de todos que encontrei. E mesmo eu tendo comprado vários pedaços de mangueiras de diversas medidas, depois de testá-las, nenhuma funcionou, pois o sistema de sugar a água tem como princípio o vácuo, e qualquer entrada de ar na emenda, por menor que seja, faz com que você engula muito ar e pouca água.

A melhor solução que encontrei, por enquanto, foi usar um pedaço de caneta Bic: retirei o tubo interno de tinta e descartei; peguei o tubo externo, cortei em duas partes, descartei uma parte, e usei a outra parte como uma emenda, conectando uma mangueira na outra, com isso, parece que meu problema estava resolvido. Ledo engano. Encontrei aqui, em São Simão, três ciclistas que estão fazendo o caminho. Dois homens e uma mulher.

Eles chegaram aqui hoje no hotel. Conversando com eles, me informaram que eles eram quatro, porém depois da primeira etapa, de sertãozinho a Bonfim Paulista, uma das mulheres resolveu desistir, pois estava achando muito difícil e disse que não conseguiria. Desistiu na segunda etapa. Em tudo na vida, é sempre mais fácil desistir, porém, quase sempre, as marcas de nossas desistências nos perseguem vida a fora, e como um fantasma, vez por outra, aparecem e angustiam nossa alma.

Ao contrário de desistir, persistir é sempre o caminho mais difícil, porém, os objetivos alcançados com nossa persistência, nos ensinam e nos fortalecem pela vida inteira.

“Os grandes feitos são conseguidos não pela força, mas pela perseverança.” (Samuel Johnson)

Voltemos ao Caminho.

Acordei bem, cedo, agora sozinho mais uma vez, tomei café, montei na bike e saí pelas ruas de Lorena, rumo a saída da Cidade. Era hora de voltar a cheirar o mundo.

Os Donos da Fé

23ª etapa:

⁷⁰Lorena/SP a Guaratinguetá/SP
Distância até Paraty/RJ.:169 km

O Portal da Estrada Real assim define esse trecho:

Lorena a Guaratinguetá

O trecho é de caminho plano, que mescla trechos de terra e asfalto, em sua maioria sem acostamento. O início é feito em trilha e, devido aos buracos, requer muito cuidado para veículos que não sejam off road. Para os que não querem se arriscar aconselha-se abortar este pequeno trecho e seguir as indicações da planilha. A Serra da Mantiqueira, que pode ser vista à direita margeando o caminho, vai ficando cada vez mais distante à medida que

70 **Lorena:** é um município do estado de São Paulo com uma população de cerca de 90.000 habitantes. O município teve sua origem num povoado que surgiu no final do século XVII, como uma necessidade de apoio às expedições dos bandeirantes e viajantes na travessia do rio Paraíba em busca do ouro em Minas Gerais. Lorena era na época, um importante entroncamento de vários caminhos: o Caminho Geral do Sertão (saindo de São Paulo em direção a Lorena); o Caminho das Minas (de Lorena, passando pelo vale do Embaú em direção a Ouro Preto); o Caminho “Velho” (de Lorena até Paraty e dali, por mar, até o Rio de Janeiro) e o Caminho “Novo” da Piedade (de Lorena, por terra até o Rio de Janeiro).

o viajante avança para o sul, mas ainda mostra sua imponência e beleza na região. Este trecho atravessa vários bairros da zona rural dos municípios de Cachoeira Paulista e Lorena, mas não passa dentro dessas cidades. Para quem pretende visitá-las o acesso pode ser feito através da SP-058 e da BR-459.

Na zona rural de Guaratinguetá, a 10 km do centro da cidade, passa-se pelo bairro Colônia do Piagui, que foi fundado no final do século XIX por imigrantes europeus, destacando italianos, espanhóis e austríacos. Nessa pequena colônia há um interessante sistema de canais de irrigação chamado “polder”, muito utilizado nas plantações de arroz. O local foi o primeiro do Brasil a implantar essa técnica. Em Guaratinguetá, terra das garças brancas (essa é a origem do nome da cidade, que vem do tupi-guarani), município com mais de 100 mil habitantes, há um rico patrimônio histórico preservado. Exemplo disso é a Catedral de Santo Antônio, a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes e a casa de Frei Galvão, canonizado pelo papa Bento XVI, tornando-se o primeiro santo brasileiro.

Voltando ao Caminho.

Depois de uns 10 Km de pedal, em uma estradinha de terra, encontro uma tropa de cavaleiros que partiam rumo ao Santuário de Aparecida, na cidade de Aparecida/SP. Eram cerca de 20 cavaleiros e o nosso roteiro era o mesmo até Guaratinguetá. A tropa não era somente de homens, havia 6 mulheres entre eles. Pe-

dalei ali, ao lado deles, proseando por uma meia hora, quando então, peguei uma longa descida e os deixei para trás, não sem antes, pedir que orem por mim na Casa da Mãe Aparecida.

Enquanto a bike pegava velocidade naquele descidão, meus pensamentos voavam até o ano de 2.015 quando trilhei, a pé, os 600 Km do Caminho da Fé, de Sertãozinho/SP até a casa da Mãe Aparecida. Vide trecho do meu Livro ‘Saudade do Futuro’, fls.189/196.

*O dia é chegado. Pela terceira vez, estou prestes a realizar mais um sonho. **A paz interior é plena e minha conversa com Deus é tão sincera, quanto o diálogo de duas crianças.** As dores no corpo, o peso da mochila, o suor que escorre do rosto, não são nada frente à paz e a quietude de minha alma. Aparecida me espera, logo ali!*

Enquanto caminho, busco em minha memória os nomes, os rostos e os locais daqueles que são os verdadeiros donos da fé, e que fizeram de mim, apenas um mensageiro de suas Fé, me incumbindo de levar suas preces até minha amiga “Cidinha”.

A primeira missão que tive, como mensageiro da Fé, foi a missão dada pelo Sr. Moacir, lá do início da caminhada, numa fina estrada de fazenda que cruzava um enorme canal, entre Sertãozinho/SP e Dumont/SP. Baixinho, levemente gordo, aparentando uns 40 anos, montado em

uma velha moto. Ouvi o barulho lá longe. Na medida em que ele ia se aproximando, ia também, diminuindo a velocidade da sua moto, até parar, ao meu lado.

– Bom dia!– disse ele.

– Bom dia!– respondi.

– Desculpe a intromissão, mas o senhor não é desta região, é?– indagou.

– Não, não sou. Estou iniciando uma caminhada até Aparecida.– respondi

– Num cridito (sic), sozinho e a pé?

– Sim!– respondi.

– Eu moro num sítio ali adiante e passo por aqui todos os dias para tirar o leite de umas vacas e de vez em quando eu cruzo com um pessoal de bicicleta, dizendo que vai para Aparecida, mas sozinho e a pé eu nunca encontrei.

– Pois é, estou sozinho e pretendo chegar lá a pé.

– Meu sonho é um dia poder ir até lá. Mas eu quero ir é a pé e pra isso eu tenho que emagrecer muito, senão eu não dou conta.

– Não, não precisa nada disso. É o caminho que molda o peregrino. Basta o senhor querer. O Caminho faz o resto.– disse isso e sorri, já percebendo um brilho diferente em seu olhar.

– Ah, eu quero muito, um dia eu vou!... Mas reze por mim lá em aparecida e que Ela te acompanhe até lá!. Esta foi à primeira missão que recebi no Caminho.

A segunda missão foi de um Senhor que eu não sei o nome, entre Inconfidentes/MG e a Borda da Mata/MG. Ele vinha montado em uma bicicleta antiga, e ao passar por mim, no mesmo sentido, enquanto seguia em sua bicicleta, falou:

– Vai para Aparecida?

– Sim!– respondi.

– Vai com Deus!... Reze por mim!

A terceira missão que recebi, foi da Freira Elza, conforme já narrei. A quarta missão que recebi foi da D. Maria, de Crisólia/MG. Dona da Pousada que fiquei. A quinta missão que recebi foi de uma forma inusitada. De manhã, bem cedo, por volta de 06:30h, fazia bastante frio, cerca de 12°C. Saí do Albergue de Estiva/MG. e caminhava pela rua principal, de duas pistas, rumo a trilha do Caminho quando ouvi alguém gritar do outro lado da rua:

– Peregrino! Peregrino!..– Era uma senhora, de camisola, com uma fina blusa de frio sobre a mesma, que caminhava em minha direção, debaixo daquele enorme frio. Parei e esperei.

– Sei que vais para Aparecida... Meu nome é Rita... Levanto bem cedo para buscar o pão na padaria e tive a graça de ser um peregrino a primeira pessoa que vejo no dia de hoje! Isso traz muita sorte. Queria só te agradecer e desejar que Deus te abençoe por todo o seu Caminho!.. Reze uma Ave Maria por mim, em Aparecida!– concluiu Rita com um sorriso de mãe. Segui feliz e abençoado!

– A sexta e última missão que recebi foi de um morador de rua da periferia de Paraisópolis, e não foi somente uma missão... foi uma lição.

Saí de Paraisópolis bem cedo, sol nascendo no horizonte com um frio intenso e uma fina garoa. Na medida em que eu caminhava ia deixando a cidade para trás, adentrando nas estradas vicinais da cidade, já em uma estrada de terra. Ao longe, lá na frente, avistei do lado esquerdo da estrada, um pequeno barraco de papelão e na sua frente um grupo de duas ou três pessoas ao redor de uma pequena fogueira, tentando fugir do frio. Como havia uma fina nevoa, eu enxergava apenas os vultos, não dava ainda para distinguir se eram homens ou mulheres.

Instintivamente, e na medida em que eu me aproximava deste grupo, fui me afastando para o lado direito da estrada, pois na minha cabeça eles poderiam ser usuários de drogas e como ainda era bem cedo, na minha cabeça, eles teriam amanhecido o dia ali, usando drogas. Na medida em que fui me aproximando, pude ver que era um casal com uma criança de uns dois anos, e na pequena fogueira havia uma panela com algo sendo fervido.

Antes de mim os cumprimentar, com meu tradicional bom dia, de lá do outro lado da estrada, o homem falou:

– Bom dia Peregrino! Estamos fervendo um leite, você não aceita um copo?– por uns segundos fiquei sem ação com aquela proposta. Porém, parei e respondi:

– Agradeço muito... muito obrigado, mas eu acabei de me alimentar...

– Tá bom! Que Deus te acompanhe... Estaremos orando pela sua caminhada... Vai com Deus!– Disse isso, abriu um leve sorriso, ergueu o braço direito e me deu adeus. Sua esposa e o pequeno filho o acompanharam no leve sorriso e no gesto de adeus.

Segui meus passos, ainda confuso, sobre o que tinha acabado de ocorrer e aos poucos fui percebendo, o quanto ainda somos imperfeitos e preconceituosos. Pois eu estava fazendo um caminho de peregrinação, um caminho da fé e mesmo assim, a minha primeira reação ao avistar aquela família de longe, foi de preconceito. Antes mesmo de conhecê-los, eu já queria distância deles, e, no entanto, o que a realidade me mostrou foi que, apesar daquela situação difícil pela qual aquela família estava passando, eles ofereceram, a um estranho, um pouco do seu alimento– um copo de leite.

Apesar de não ter aceitado o alimento que eles me ofereceram para o corpo, pois o meu corpo já estava saciado, aceitei de coração o alimento que eles me ofereceram para a alma, visto que o mesmo é uma fonte inesgotável de humildade e de Fé. Percebi que todas as pessoas que encontrei no caminho e que me fizeram mensageiro de sua fé, todos me pediram algo, ou seja, me pediram para rezar por eles, porém nenhum agiu como este cidadão. Ele não me pediu nada, pelo contrário, disse que estaria rezando por mim. Ou seja, mesmo na sua condição

de extrema dificuldade, ele certamente tem o hábito de agradecer mais e pedir menos.

Diante de tal lição, não tenho a menor dúvida, de que, os verdadeiros donos das Fé, são aqueles que agradecem mais e pedem menos.

E o último dia de caminhada, é dia de lembranças. De lembrar que lá no início da Caminhada eu tinha muitas dúvidas sobre minha capacidade de concluir este caminho, pois havia muitos desafios postos pelo Senhor Destino:

Era um joelho sem o menisco e sem o ligamento cruzado anterior (LCA), era uma fratura no calcânhar direito, era um estiramento na panturrilha esquerda e o mais desafiador, era um Stent e sete micro molas que eu tenho implantado na cabeça após uma cirurgia de aneurisma.

Com todos estes desafios eu tinha muitas desculpas, para não voltar a peregrinar. Sim, eu poderia maldizer a minha sorte e sair lamuriando para o mundo, porém, há muito, o meu mantra é esse: “o nosso Amigo lá de cima, jamais coloca uma carga maior do que nossa capacidade”. Quando sentir que sua carga parece maior do que sua capacidade, é justamente aí que Ele estará te carregando nos braços, para que sua fé e o seu esforço atravessem mais esta tempestade.

A Catedral da Fé se aproxima. Já avisto, ao longe, a silhueta do conjunto da Basílica da Fé. E na medida em que me aproximo da Casa da minha amiga “Cidinha”, os sentimentos de emoção, fé, amor, esperança,

paz, alegria, tristeza e ternura... Todos, todos se fundem em um só sentimento, em uma só palavra: Agradecimento!

“Caminhar com bom tempo, numa terra bonita, sem pressa, e ter por fim da caminhada um objetivo agradável: eis, de todas as maneiras de viver, aquela que mais me agrada”. (Jean-Jacques Rousseau)

“Caminhar perto de coisas e pessoas de verdade, desfrutar desse amor absolutamente sem fraudes, nunca será perda de tempo. O essencial faz a vida valer a pena.” (Rubem Alves)

Enquanto estiver vivo, sinta-se vivo. Se sentir saudades do que fazia, volte a fazê-lo. Não viva de fotografias amareladas.... Continue, quando todos esperam que desistas. Não deixe que enferruje o ferro que existe em você. Faça com que em vez de pena, tenham respeito por você. Quando não conseguir correr através dos anos, trote. Quando não conseguir trotar, caminhe. Quando não conseguir caminhar, use uma bengala. Mas nunca se detenha. (Madre Teresa de Calcutá)

Voltemos ao Caminho.

Depois dessa viagem pelas terras da Mãe Aparecida, chego ao meu destino do dia, Guaratinguetá, ainda cedo, antes das 16:00 horas. Adentro a Cidade até o Kafé Hotel que fica ao lado da histórica ⁷¹Igreja de Santo Antônio, com início da construção em 1.630.

71 Trata-se do monumento mais antigo de Guaratinguetá. Teve início em uma capela erguida em “pau a pique” coberta de palha (sapê), nos idos de 1630, local em que se desenvolveu em torno a cidade. Sofreu inúmeras reformas a partir do edifício original em taipa de pilão de 1701 e foi ampliada entre 1773-1780, com o aspecto que se mostra no desenho do arquiteto austríaco Thomas Ender, de 1817, quando ostentava apenas uma das torres completa. Nesta antiga catedral foi batizado e celebrou sua primeira missa em 1762 Santo Antônio de Sant’Ana Galvão (conhecido popularmente como Frei Galvão), nascido na cidade. Após a reforma ocorrida entre 1822 e 1847, chega a sua configuração atual. O último alteamento da torre se deu em 1913 quando se abrem os nichos para os evangelistas São Marcos, São João, São Lucas e São Mateus na parte externa. Tornou-se a sé episcopal de Aparecida em 1996. Deixou de ser a catedral em de 22 de outubro de 2016.

Baleia

24ª etapa:

⁷²Guaratinguetá/SP a Cunha/SP
Distância até Paraty/RJ.:130 km

O Portal da Estrada Real assim define esse trecho:

O trecho mescla asfalto e terra. Tem início em terreno plano, aos 550 m de altitude, com elevação moderada durante os primeiros 10 km. A partir daí iniciam-se fortes subidas, até atingir os 1.100 m de altitude, no marco 1305. Para os viajantes a pé, a cavalo e de bike é necessário um planejamento antecipado para hospedagem, pois o trecho é longo. Há opções de hospedagem nos marcos 1314 e 1321, conforme orientação da planilha. Neste trecho a Serra da Mantiqueira fica pra trás e o caminho se-

72 **Guaratinguetá** é um município do estado de São Paulo, com uma população de 112.000 habitantes em 2010. O município é um dos mais importantes do Vale do Paraíba, possuindo importância turística, industrial e comercial. É também a segunda maior economia e um dos maiores municípios da região em relação à população. Além disso, possui o melhor índice de distribuição de renda de sua região e baixos índices de criminalidade. O município ganha destaque por ser um importante ponto turístico de caráter religioso, juntamente com o município vizinho de Aparecida. Juntos, movimentam grande quantidade de turistas durante o ano. Guaratinguetá, juntamente com os municípios vizinhos Aparecida e desenvolveu o Circuito da Fé.

gue em direção à Serra do Mar. O município de Cunha é uma estância climática, com clima temperado e seco. A temperatura varia de -3 a 15°C no inverno e de 15 a 25°C no verão. A cidade tem a típica tranquilidade do interior e a sugestão é aproveitar os passeios pelo Parque Estadual da Serra do Mar e uma caminhada até a Pedra da Marcela, a 1.840 m de altitude, de onde se avista o litoral de Paraty, a baía da Ilha Grande e parte de Angra dos Reis. Em Cunha, não deixe de conhecer os vários ateliês de cerâmica. Em algumas datas é possível acompanhar a abertura de fornos, onde as peças são queimadas. Vários ateliês utilizam o forno à lenha Noborigama de alta temperatura, de origem oriental, que produz cerâmica de grande beleza e alta resistência

Voltando ao Caminho.

Depois de uma noite bem repousada e a estratégia feita de fazer de Guaratinguetá o ponto de apoio para chegar até Cunha, aproveitei a folga para conhecer a cidade um pouco melhor e tentar fazer este trecho até Cunha em duas etapas, uma até a Fazenda São Francisco, que fica na metade do trajeto, e o outro trecho da Fazenda São Francisco até Cunha. Acontece que a Fazenda São Francisco não tinha mais nenhuma vaga para pouso e com isso tive que fazer um esquema diferente. Depois de conversar com pessoal da Fazenda São Francisco ficou combinado que eu poderia pedalar até a fazenda e chegando lá eu deixaria a Bike na fazen-

da e voltaria de Uber para pousar em Guaratinguetá. No dia seguinte o Uber me pegaria no hotel e me levaria até fazenda onde eu pegaria a Bike e continuaria minha pedalada até Cunha.

E assim foi feito. Depois de fazer a primeira etapa no dia anterior, conforme o esquema traçado, na manhã seguinte, sob um frio cortante de 5°C e uma brisa congelante, o Uber me deixou na porta da Fazenda São Francisco para eu fazer a segunda etapa do caminho. Peguei minha Bike e continuei a pedalada rumo a Cunha. A primeira hora de pedal foi torturante para as mãos, pois o vento frio fazia os dedos das mãos adormecerem quase congelados. As minhas luvas eram daquelas que cobre apenas a palma e as costas das mãos deixando os dedos descobertos. Aos poucos o sol foi esquentando e o pedal se tornou menos torturante. Com o corpo aquecido pelo suor e diante de longos trechos caminhando e empurrando a Bike, avistei em uma fina estrada lateral, um cachorro que, de imediato, me trouxe a lembrança de Baleia. Ao ver aquela cena meus pensamentos flutuaram no baú de minhas lembranças e me levaram de volta até o Caminho da Fé, em 2015 ...

(...) Na etapa nove, entre Tambaú e Casa Branca, estava eu sentado, descansando à beira de uma estreita estrada vicinal sombreada em um dos lados por um bosque

típico de uma APP (área de preservação ambiental), pois do outro lado era um imenso descampado de um canavial recém-colhido. Tinha parado ali para tomar meu lanche e descansar. Nem tinha começado meu lanche, quando ouvi um leve barulho as minhas costas. Virei-me e tive um grande susto.

Era uma cachorra grande, porém muito magra e de um olhar tão carente que nem senti medo e meu primeiro gesto, quase instintivo, foi de acaricia-lhe a cabeça. Depois de ser acolhido por ela e de acolhê-la, dividi minha água e meu lanche com ela. A sua fome era tanta, que ela não se importou de comer metade de minha maçã e metade da minha banana, que era a única comida que eu tinha. Enquanto conjecturava o que poderia ter acontecido com ela, para estar naquele local, distante de tudo e dentro de uma pequena mata, cheguei à conclusão de que ela deve ter sido abandonada por alguém para que morresse ali, distante.

Sim, onde nós estávamos era distante cerca de 11 km da cidade anterior e 16 km da próxima cidade e não havia moradias ali por perto. Instintivamente lhe dei o nome de Baleia. É verdade, soa meio estranho dar um nome tão “gordo” a um ser tão abundante de magreza. Mas eu explico: Baleia é o nome da cachorra de Fabiano, personagem do livro “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, publicado em 1938 e que narra a saga de uma família de retirantes nordestinos fugindo da seca. Eu enxergava ali, na minha companheira Baleia, todo o sofrimento da Baleia de Fabiano.

Eu até podia interagir com seus pensamentos, cheio de dúvidas e perguntas sem respostas assim como meus pensamentos que, também, estavam cheios de perguntas sem repostas. A cachorra Baleia de Fabiano, teve um fim dramático (...) Eu desejava profundamente que, minha agora companheira, Baleia, tivesse melhor sorte que a Baleia de Fabiano... Depois de dividir meu lanche e minha água com minha recém amiga Baleia, botei a mochila nas costas e parti. Minha nova companheira de viagem partiu comigo. Parecia outra. Incrível como um pouco de carinho e ternura alimenta, até mesmo os animais, mais do que o próprio alimento.

Agora eu era dono do destino da minha companheira Baleia. Meus planos eram que quando chegasse às cercanias da cidade eu iria procurar algum lar para ela. Planejava pagar inicialmente uma ajuda de custo para a pessoa que quisesse cuidar de Baleia e mensalmente eu poderia enviar uma determinada quantia. O problema era que a cidade estava a 16 Km e eu temia que minha amiga Baleia, dado o seu estado, não conseguisse caminhar tanto. Nos primeiros 3 Km Baleia caminhava comigo lado a lado. Porém, aos poucos ele ia ficando para trás. Eu então parava, e aguardava ela chegar.

À medida que o tempo ia passando e o sol esquentando, os passos de Baleia ficavam mais curtos e lentos e a minha preocupação aumentava, pois naquele ritmo, o tempo passava e o sol estaria cada vez mais quente. Depois de uns 10 Km percorridos, com a Baleia bastante cansada, avistei ao longe, um fusca parado em frente a

uma porteira que dava acesso a uma bifurcação para uma estreita estrada vicinal. Ao chegar mais perto, percebi que havia um Senhor negro e gordo ao lado do fusca.

Na hora já pensei na Baleia. Talvez eu conseguisse um lar por ali para ela.

– Bom dia!– disse eu.

– Bom dia!– respondeu o Senhor, com um típico sotaque sertanejo.

– O Senhor mora por aqui?

– Moro sim Senhor. Tomo conta de um sitiozinho a 3 Km daqui. Enquanto isso já observei Baleia chegando, cheirando e sorrindo (abanando o rabo) para aquele senhor. Pensei comigo, isso é bom sinal, e prossegui a prosa.

– Meu nome é Valdir, estou caminhando para Aparecida, e o senhor como se chama?

– Meu nome é “Fabo”!– quando ele disse isso, eu tomei um susto, será que ele quer dizer Fábio ou Fabiano? Se for Fabiano é melhor eu abortar o meu plano de encontrar um novo lar para Baleia, pois o Senhor Destino pode querer aprontar alguma com minha amiga repetindo a estória da Baleia de Vidas Secas! Então indaguei:

– Como é mesmo o nome do Senhor, é Fábio ou Fabiano?

– Não, não é nenhum desses não, é “Fabo” mesmo!– não entendi bem que nome era esse, mas pelo menos não era Fabiano. Então continuei minha conversa.

– Como disse para o Senhor, eu estou caminhando para Aparecida e encontrei essa Cachorra, que dei o nome de Baleia, abandonada a uns 10 Km aí pra trás, e desde lá, ele vem me seguindo. Meus planos era levá-la até a cidade e chegando lá encontrar alguém para cuidar dela. Porém ela está muito franca e com muita fome, e talvez não consiga ir até lá comigo. Se eu der uma ajuda de R\$50,000, que é o que tenho aqui, o senhor poderia cuidar dela por uns dias, até ela ficar mais forte, e depois, se o senhor não quiser continuar com ela, o Senhor a leva até a cidade e arruma alguém para cuidar dela. O Senhor aceitaria?

– ele deu um leve sorriso, já olhando para a nota de R\$50,00 e disse:

– Aceito sim. Eu cuido dela! Despedi-me e parti feliz por ter conseguido ajudar Baleia. Porém, na medida em que meus passos rompiam o caminho e meus pensamentos bailavam soltos na minha mente, alguns deles me inquietavam.

– E se aquele senhor realmente se chamasse Fabiano e o senhor Destino estivesse de conluio com o mesmo, prontos a repetir a estória de Fabiano e Baleia de Vidas Secas?– era a Senhora Emoção me questionando.

– E se fosse mesmo esse senhor que tinha abandonado Baleia para morrer de fome e você tenha, trazido ela de volta para o seu carrasco?

– Era a Sr. Medo, também me questionando.

– Por que Baleia já foi chegando naquele Senhor, cheirando e sorrindo?...– me questionava a Senhora Razão.

E assim, com essas dúvidas, prossegui caminhando rumo ao meu destino, porém, mais uma voz surgiu nos meus pensamentos e disse:

– Todo ato que você pratica o que vale é a intenção do seu ato. A sua intenção não foi de maldade, foi de bondade, é isso o que importa. Se Baleia vai ser salva ou sacrificada pelo Sr. “Fabo”, somente o Sr. Destino tem esta resposta.

Siga em paz– disse-me a Senhora Fé. Eu segui.

“Os cães são o nosso elo com o Paraíso. Eles não conhecem a maldade, a inveja ou o descontentamento. Sentar-se com um cão ao pé de uma colina numa linda tarde, é voltar ao Éden onde ficar sem fazer nada não era tédio, era paz.” (Milan Kundera)

Voltemos ao Caminho.

Depois dessa lembrança e de muito pedalar e caminhar, ao final da tarde cheguei em Cunha, já sem sol, com uma fina chuva e a temperatura caindo. Eu já tinha reservado um Pouso na ”Hospedagem Quarto Chic” por meio do aplicativo “Airbnb”.

O Plano “B”

25ª etapa:

⁷³Cunha/SP a Paraty/RJ

Distância até Paraty/RJ.:70 km

O Portal da Estrada Real assim define esse trecho:

Os primeiros 7 km são marcados por pequenas subidas, descidas e trechos planos. A partir daí, as subidas tornam-se mais constantes, até atingir 1.450 m de altitude, na divisa dos municípios. Ao longo do percurso, passa-se próximo às cachoeiras do Desterro, do Pimenta e do Mato Limpo. A do Pimenta, no km 11,27, tem área de camping, banheiros e lanchonete, aberta aos finais

73 **Cunha**– Com uma população média de 23 mil habitantes, localizada no alto Paraíba, o município de Cunha ocupa 1.410 km² de colinas e montanhas, aninhada entre as serras da Quebra-Cangalha, da Bocaina e do Mar. Limita-se com Ubatuba, São Luiz de Paraitinga, Lagoinha, Guaratinguetá, Lorena, Silveiras, Areias, São José de Barreiro no estado de São Paulo e Angra dos Reis e Paraty no estado do Rio de Janeiro. A altitude média é de 1.100 metros e os pontos mais altos são o Pico da Pedra da Macela (1.840 metros) e o Pico do Cume (1630 metros). O clima é temperado e seco, com variações de temperatura de –3 a 15 °C no inverno e de 15 a 25 °C no verão. Economia baseada na Pecuária, agricultura, artesanato, turismo e Riquezas naturais como o Pico da Pedra da Macela, Cachoeiras, Parque Florestal (remanescente da mata atlântica), Trilhas (Caminho do Ouro – Estrada Real).

de semana. A queda d'água é acessível todos os dias. As cachoeiras do Desterro e Mato Limpo não possuem estrutura de apoio ao turista. Para quem segue viagem a pé, a cavalo e de bike há várias opções de hospedagem até a divisa dos municípios. Pimenta, no km 11,27, tem área de camping, banheiros e lanchonete, aberta aos finais de semana.

A queda d'água é acessível todos os dias. As cachoeiras do Desterro e Mato Limpo não possuem estrutura de apoio ao turista. Para quem segue viagem a pé, a cavalo e de bike há várias opções de hospedagem até a divisa dos municípios. Para quem vai descer a serra, a sugestão é parar próximo ao segundo marco do Km 38 Estrada Real, à esquerda, onde há um pequeno mirante natural e de onde se avista a bela baía de Paraty. Próximo ao km 41, a sugestão é sair da estrada à esquerda e conhecer a Cachoeira da Pedra Branca. No marco 208, há outro ponto que pode valer uma parada: a Igreja da Penha, onde está instalado um totem da Estrada Real. Este ponto também dá acesso à trilha do Caminho do Ouro. Para percorrê-la, é necessário contratar um guia.

O final do trecho é plano até o centro histórico de Paraty. O último marco da Estrada Real está ao lado do Chafariz do Pedreira. No Brasil colonial, era pela atual rua Presidente Pedreira que os tropeiros e viajantes partiam a caminho das Minas Gerais e chegavam para seguir em direção a Lisboa.

Depois de um banho restaurador, comecei a traçar a nova estratégia para chegar ao meu destino final, Paraty, que estava a 70 Km, porém com a serra do mar no meio. Primeira coisa que fiz foi consultar detalhadamente a meteorologia, pois desde minha chegada a Cunha uma chuva fina com muito frio persistia. O prognóstico da meteorologia não era nada bom, indicava tempo instável nos próximos 3 dias e muito frio. Se o tempo era instável, a minha programação também era. De qualquer modo eu iria fazer esse trecho em duas etapas. A primeira etapa um trecho só de trilhas até o Hotel Fazenda Uemura e a segunda etapa toda no asfalto já descendo a Serra do mar e cruzando a divisa dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Meu Plano era entrar em contato com a única Pousada que tinha no Caminho, o Hotel Fazenda Uemura que ficava a 32 Km de Cunha. Tentei contato várias vezes pelo telefone, mas não consegui. Depois de especular com a minha anfitriã, ela informou que não tinha certeza, mas era provável que o Uemura ainda estivesse fechado por causa da pandemia.

Resolvi, então pegar um Uber e ir até lá verificar. Ocorre que não tem Uber na cidade e nem táxi. Porém, tem o Pedro que leva e traz encomendas das cidades vizinhas. Combinei com ele para ir comigo até o Hotel Fazenda Uemura, para verificar se o mesmo estaria aberto, pois se estivesse aberto, eu iria fazer uma reserva de um pouso para o dia seguinte, pois desse modo,

eu iria pedalar de Cunha até o Hotel e depois do Hotel até Paraty.

Como naquele dia ele não podia, combinamos para o dia seguinte. No dia seguinte de manhã fomos até o Hotel Fazenda Uemura. Chegando lá estava tudo sem movimento. Porém, do portal de entrada, avistamos um homem cortando a grama alta lá no fundo. Gritamos com ele e ele caminhou rumo ao portão. Antes de chegar ao portão, com um sorriso no rosto, já gritou de lá:

– É você Pedro?

– Mas olha só, é você Paulo! Não sabia que você estava trabalhando aqui. Há mais de 2 anos que eu não te via – respondeu Pedro.

Depois dos cumprimentos dos dois amigos que, coincidentemente, se reencontraram ali, o Pedro me apresentou ao amigo. O Paulo falou para o amigo Pedro, que tinha estado sumido porque andou morando em Paraty uns tempos e que começou a trabalhar ali há poucos dias, pois o Hotel iria reabrir depois de mais de um ano fechado por causa da pandemia. Porém, só iria reabrir daí a uns 10 dias.

Portanto, meus planos de pernoitar ali no dia seguinte tinha naufragado. No entanto sempre tenho um plano “B”, e então, perguntei se daria para ele Guardar minha bike ali no dia seguinte, porque então, eu viria pedalando de Cunha até ali, deixaria a bike ali e o Pedro

viria me buscar para eu pousar em Cunha, e no dia seguinte ele me traria de volta para esse local e eu partiria para Paraty. O Paulo respondeu que guardaria a bike sim, sem problemas, e o Pedro, o motorista, disse que no dia seguinte daria para me buscar ali sim, por volta de 13:00h, quando provavelmente eu já teria chegado naquele local. No entanto, não daria para me trazer de volta, no outro dia, para eu continuar a pedalada até Paraty. No entanto, quando voltássemos para Cunha, ele iria ver com sua esposa, que era guia turística, se daria para ela me levar no lugar dele. Chegando em Cunha, ali pelas 16:0h, ele me ligou. Disse que tinha verificado com a esposa e tinha ficado tudo certo. Daria para ela me levar lá conforme nossos planos e que ficou tudo combinado com ela. Pena que não enviamos cópia do combinado para o Sr. Destino.

De volta ao hotel, depois dos planos feitos, dei uma revisada na bike e preparei tudo para o pedal do dia seguinte, daqui de Cunha até o Hotel Fazenda Uemura. Chequei a meteorologia e a previsão era incerta. É aquela tipo de previsão que você consulta no celular e o emoji que aparece é um que tem uma nuvem com o sol na parte de cima e a chuva na parte de baixa, ou seja, não tem previsão. De qualquer modo deixei tudo preparado para o dia seguinte.

Já era noitinha, quando Pedro, o motorista, me ligou se dizendo preocupado pois como choveu a tarde toda e o trecho que eu ia pedalar no dia seguinte

era todo de trilhas de terra, que ele conhecia bem, podia ser que eu não chegasse ao Hotel Fazenda Uemura, no nosso horário combinado, que era as 13:00h, pois ele tinha um compromisso as 16:00h. Alertou ainda, que se continuasse chovendo a noite toda, era melhor eu não ir pedalar pois eu poderia me perder. Disse que sua esposa, que era guia turística, e que ia como guia para um casal de motoqueiros que estavam de moto, já tinha cancelado o passeio por causa da chuva.

Depois dessa ducha de água gelada, achei melhor consultar meus ⁷⁴Guias, Thiaguim, Fatinha e Cidinha. Depois de uma longa conversa, onde nada pedi, apenas agradei, combinamos que se a chuva desse uma trégua à noite e o dia amanhecesse de sol firme, partiríamos todos juntos rumo ao Hotel fazenda. A manhã seguinte amanheceu como a tarde do dia anterior, o tempo fechado e uma insistente chuva fina. Não tinha como ir pedalar. Botei minha blusa impermeável e descii, ou melhor, subi até um café que tem ao lado da igreja. De lá telefonei para o motorista Pedro e o avisei que não tinha ido pedalar. Ele disse que eu tinha feito o certo e pra ele não tinha problema. Então, falei com ele, já que você não vai me buscar, que tal a gente ir no seu carro agora de manhã até o Hotel Fazenda Uemura pela trilha de terra. Veja quanto você cobra que a gente combina. Desse modo, eu ficarei conhecendo a trilha

74 *São Thiago, Nossa Senhora de Fátima e Nossa Senhora Aparecida.*

e poderei ir amanhã mesmo com essa chuvinha. Ele respondeu:

– Com esse carro meu, sem tração nas quatro rodas, é impossível fazer essa trilha. Essa trilha já é barrenta com pouca chuva e com essa chuva contínua, desde ontem, ninguém com carro pequeno, de moto ou bike passa por lá.

Diante dessa resposta, como diz o ditado popular, “baixei o facho” e pus as barbas de molho. Só restava agora esperar a chuva parar e o sol aparecer na manhã seguinte. De qualquer modo, fiquei de ligar para ele com antecedência assim que traçasse os novos planos. Durante todo o dia o tempo permaneceu fechado e a noitinha chegou com a fina chuva e trazendo mais frio. De qualquer modo eu não podia continuar a ficar ali esperando, mesmo porque, minha diária ali naquele hotel já tinha sido renovada por mais um dia e não havia vaga para mais outro dia, eu tinha que sair, ou rumo a Paraty ou para outro hotel.

Depois de reunir-se mais uma vez com meus “Guias”, combinamos o seguinte: Se a chuva parasse a noite e amanhecesse de sol eu iria enfrentar a trilha e pedalar até o Hotel Fazenda Uemura, caso não amanhecesse de sol, o “Plano B” entraria em ação: eu iria pedalar pelo asfalto até o Hotel Fazenda Uemura e de lá até Paraty numa etapa só. A Noite toda foi de uma leve chuva. Por volta das 06:00h me levantei, abri a

janela e olhei o tempo, continuava fechado e sem sol, porém, a chuva fina tinha dado lugar a uma garoa. Era hora do Plano B. Preparei minhas coisas, vesti a roupa de pedalar, botei o blusão impermeável, verifiquei as luzes de alerta da bike, pois eu ia pedalar pelo asfalto no meio de carros e com uma garoa. Parti com meus “Guias” rumo a Paraty.

O trecho de Cunha até a divisa dos estados de São Paulo com Rio de Janeiro é só subida. A linha de fronteira entre os dois estados fica no topo da Serra do Mar. De lá até Paraty é só descida. Portanto, o primeiro trecho é só sofrimento e o segundo é só alegria. No Primeiro trecho, por diversas vezes tive que descer e empurrar a bike. O trecho do topo da Serra do Mar até Paraty, é bastante tenso, pois não há acostamento e em quase toda sua extensão existem curvas muito fechadas e curtas. Durante todo o trajeto as mãos firmes nos freios da bike são essenciais. À medida que vou descendo a serra o cansaço e a tensão se misturam a alegria e a gratidão infinita ao meu Amigo lá de cima. Impossível não relembrar o quanto esse momento foi esperado. Foram cinco anos de tentativas, erros e acertos. Comecei a planejar em 2.016, logo depois do Caminho da Fé que Caminhei em 2.015. Esperei até 2.018 quando iniciei esse Caminho a pé, e depois de 200 Km fui obrigado a parar. Na tentativa de voltar, quebrei o braço em 2019 tendo que colocar um pino no cotovelo. Esperei até 2.020 quando pretendia voltar,

porém a pandemia da Covid fechou o país. Finalmente em 2.021, voltei e aqui estou!

Ao final da descida da Serra do Mar, Paraty está aos meus pés. São pouco mais das 16:00h de uma tarde deslumbrante que vem me acolher. Pedalo, ou melhor, flutuo atravessando toda a cidade até chegar as areias do Mar.

⁷⁵Saudade do Futuro

Como é manso esse rio que corre para o futuro

Quantas chuvas correram para seu leito

Quanta saudade correu para seu fundo

*Há muitas trilhas, grutas despenhadeiros,
que nada mais foram do que caminhos
percorridos, aprendidos, compreendidos e,
Esquecidos.*

Não tenho saudade desse leito...

Eu quero o futuro...

Quanta saudade eu sinto do futuro...

*O tempo não nos ensina nada
ele apenas nos carrega em dilúvios,
se formos marinheiros navegaremos
por rios de paz.
Se não, seremos enxurradas.*

*Outro tempo nos carrega
em ventos e tempestades,
se formos balonistas aproveitaremos
os ventos para alcançarmos sonhos distantes.*

Se não, seremos apenas avestruzes





VALDIR LEITE QUEIROZ

Advogado - com pós-graduação em Direito Público, Constitucional, Tributário e Holding -, pai, avô e tem como hobby, Peregrinar: fez o Caminho de Santiago de Compostela em 2006, Caminho Português em 2011, Caminho da Fé em 2015, Estrada Real em 2018/2021 e Caminho de Cora em 2022. Somados, foram 3.300 km de caminhadas /pedaladas. Seis livros publicados: Libertar Passarinhos (1.999), Os Donos do Céu (2.007), O Libertador de Bonsai (2.012), Saudade do Futuro (2.016), Travessia (2.018), Corrupção.Gov (2.021). Idealizador, fundador e presidente da ONG AVB BRASIL- Agentes Voluntários do Brasil (www.avbbrasil.org.br), com mais de 6.500 Voluntários de combate à corrupção, presentes em 27 Estados e em mais de 1.900 Municípios. Autor da proposta, em Audiência Pública, que criou a obrigatoriedade da ordem cronológica nos julgamentos dos processos conclusos (Artigo 12 do Código de Processo Civil de 2015). Prêmio INNOVARE 2018, na Categoria Advogado.

A sua história surge em meados do século XVII, quando a Coroa Portuguesa decidiu oficializar os caminhos para o trânsito de ouro e diamantes de Minas Gerais até os portos do Rio de Janeiro. As trilhas que foram delegadas pela realeza ganharam o nome de Estrada Real.

Três séculos depois, o mesmo caminho por onde foram transportados ouro, diamantes e pedras preciosas de Minas Gerais para o resto do mundo está sendo redescoberto e revitalizado. As mais de 170 cidades de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro possuem um rico acervo histórico, cultural, artístico, gastronômico, rural e religioso. As belezas naturais da região, como serras, cachoeiras, rios e florestas, também integram o patrimônio da Estrada Real